

BE

LA

B

GALPÃO BELA MARÉ | ELÃ
SETEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020

E

ELÃ

ESCOLA LIVRE DE ARTES

Endereço: Rua Teixeira Ribeiro, 535 Parque Maré, RJ, CEP 21044-251

Responsável técnico: Isabela Souza

Telefone: (21) 3888-3220 Cel: (21) 99745-4921

E-mail: isabela@observatoriodefavelas.org.br

REALIZAÇÃO



PARCERIA



PARCERIA INSTITUCIONAL



Itaú
cultural

APOIO



PATROCÍNIO

amil



L

A

FICHA TÉCNICA

Galpão Bela Maré**Direção**

Observatório de Favelas

Aruan Braga

Elionalva Sousa Silva

Isabela Souza

Jorge Barbosa

Raquel Willadino

Parceria

Automatica

Coordenação

Isabela Souza

Produção

Michelle Barros

Programa Educativo

Coordenação

Jean Carlos Azuos

Educadora

Érika Lemos Pereira

Espaço de Leitura

Claudia Ferreira

Articulação Mobilização

Gabi Vidal

Zelador

Luiz Gonzaga dos Santos

Comunicação

Priscila Rodrigues

Nyl de Sousa

Assessoria de Imprensa

Gabriela Anastácia

Designers

Gabriela Nolasco

Giulia Santos

Assistente Administrativo

Sarah Horsth

ELÃ - Escola Livre de Artes**Realização**

Observatório de Favelas

Parceria

Automatica

Escola de Artes Visuais do Parque

Lage

Patrocínio

Amil

Secretaria Municipal de Cultura do

Rio de Janeiro - Via lei do ISS

Apoio

Instituto JCA

Luiz Zerbini

Mara e Marcio Fainziliber

Samambaia Filantropias

Artistas

Agrade Camíz

Alex Reis

Anderson Barreto

Andressa Núbia (Darah Núbia)

Arcasi Lopes

Aya Ibeji

Beatriz Brito

Christine Jones

Cruz

Gabrielle Dos Santos

Guilhermina Augusti

Irmãs Brasil

Jade Maria Zimbra

Kamila Camillo

Lucas Assumpção

Lucas Araújo

Lucas Ururah

Manáfra Carneiro

Mulambö

Nzaje

Rack

Rainha F.

Ramon Silva

Talita Nascimento

Thiago Saraiva

Educadores/as

Pâmella Carvalho

Camila Rocha Campos

Sallisa Rosa

Rafa Éis

Luiza Mello

Marisa Mello

Avaliação Pedagógica

Natália Nichols

Cobertura Fotográfica

Davi Marcos

Exposição O nome que a gente dá às coisas**Organização e produção**

Automatica

Observatório de Favelas | Galpão Bela

Maré

Conteúdo

Marisa Mello

Design gráfico

Quinta-feira

Revisão de texto

Duda Costa

Audio-visual e iluminação

Boca do Trombone

Montadores

Los Montadores

Thiago Hortala

Felipe Bardy

Brenno Castro

Vídeo

Alucinação Filmes

Samuel Fortunato

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. SELEÇÃO.....	9
3. TURMA.....	11
4. FORMAÇÃO.....	16
4.1. Estrutura / Estratégia Pedagógica.....	20
4.2. Estrutura / Comunicação e Produção.....	21
4.3. Encontros de Formação.....	22
a. Percursos.....	22
b. Corpos.....	26
c. Materialidades.....	29
d. Conceitos.....	31
e. Agenciamentos.....	34
4.4. Fotos de Trabalho.....	37
4.5. Avaliação Pedagógica.....	41
4.6. Presenças.....	48
4.7. Diálogos contínuos de acompanhamento e avaliação.....	49
4.8. Aulas Públicas.....	50
4.9. Atelier Aberto.....	56
5. EXPOSIÇÃO.....	57
5.1. Texto de Apresentação.....	57
5.2. Registros das Obras.....	59
5.3. Programação de Abertura.....	73
5.4. Performance Eunucos - Irmãos Brasil.....	78
5.5. Programação de Encerramento.....	82
6. INTERVENÇÕES PÚBLICAS.....	85
7. PROGRAMA EDUCATIVO.....	87
7.1. Ações Poéticas.....	88

SUMÁRIO

7.2. Bela em Movimento.....	94
7.3. CineBela.....	98
7.4. Oficinas de Verão.....	101
7.5. Visitas Mediadas.....	107
8. OUTRAS PROGRAMAÇÕES.....	116
8.1. Curso de Cinema Negro.....	116
8.2. CriptoFunk.....	120
8.3. CineBela em parceria com SESC Ramos.....	121
8.4. Mostra Cannabis	124
8.5. Apresentação da pesquisa “Museus: Narrativas para o futuro”.....	126
8.6. Workshop de divulgação - Curso Jovens Negras no Audiovisual.....	127
8.7. Abertura da Exposição “Masculinidades NOBELA”.....	128
8.8. Curso Livre “Arte, gênero e política” e Exposição Masculinidades.....	130
8.9. AMARÉARTE.....	131
8.10. Pretofagia.....	133
8.11. Festival Periferia Tem Potência.....	134
9. MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO TERRITORIAL.....	136
10. ESPAÇO DE LEITURA.....	142
10.1. Higienização e reorganização do acervo.....	142
10.2. Participação no Festival Geração do Amanhã.....	143
10.3. AMARÉARTE e Sala de Leitura Maria Clara Machado...	144
10.4. Espaço de leitura convida - Griôs da Maré.....	145
10.5. Espaço de Leitura Convida - Dayse Gomis.....	146
10.6. Espaço de Leitura Convida - Sidarta Ribeiro.....	147

SUMÁRIO

11. COMUNICAÇÃO.....	148
11.1. Peças Gráficas.....	149
a. Setembro.....	149
b. Outubro.....	152
c. Novembro.....	153
d. Dezembro.....	155
e. Janeiro.....	157
11.2. Análise das Redes Sociais.....	159
11.3. Clipping.....	169
12. NÚMEROS.....	172
13. AVALIAÇÃO FINAL.....	175
14. ANEXOS.....	177
Edital.....	177
Formulário de Inscrição.....	183
Convite para Educadoras/es.....	188
Planejamentos Artísticos-Pedagógicos.....	191
Avaliação Pedagógica.....	202

1. INTRODUÇÃO

O presente relatório apresenta as atividades realizadas nos meses de agosto de 2019 a janeiro de 2020 no Galpão Bela Maré, no contexto da realização do projeto Escola Livre de Artes da Maré - ELÃ (código e número de inscrição WOC 211/01/2018), com patrocínio da Amil, através da Lei Municipal de Incentivo à Cultura do Rio de Janeiro, realizado pelo Observatório de Favelas do Rio de Janeiro.

O projeto nomeado "ELÃ - Escola Livre de Artes", é a culminância da parceria entre o Observatório de Favelas, a Automatica Produtora e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), como proposição a construção da primeira turma de uma escola livre de artes pautada a partir do Galpão Bela Maré. A proposta da ELÃ surgiu de um desejo de composição por um espaço de criação e reflexões no campo estético e político, e de fomento à produção artística contemporânea, e se coloca como ambiente aberto a jovens artistas das regiões periféricas da metrópole do Rio de Janeiro.

Nesta primeira edição, as atividades formativas foram realizadas de agosto a novembro de 2019, tendo como conceito "O nome que a gente dá às coisas". Contemplou 25 artistas e/ou representantes de coletivos artísticos, de origem periférica e espaços populares, com idade entre 18 e 35 anos, que se inscreveram via chamada pública. A chamada foi direcionada à artistas, numa concepção ampliada do termo, de linguagens múltiplas, poéticas interdisciplinares e suportes diversos, e na seleção foram consideradas a diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território. Foram realizados 10 encontros formativos (totalizando 60 horas de formação), com sete educadores/as e o acompanhamento integral do programa educativo do Galpão Bela Maré, e ao final, em dezembro de 2019, montou-se a exposição "ELÃ - O nome que a gente dá às coisas" com trabalhos inéditos resultantes do processo.

"Foi muito importante para acrescentar no meu repertório e me conectar a outras pessoas. A ELÃ me mostrou como a partir da minha voz, a partir da minha oralidade, contar a minha narrativa em perspectivas artísticas" ressalta Andressa Núbia, 20 anos, moradora do Caju.

Ao longo do processo, já nos primeiros meses, somaram-se com doações à realização da primeira turma da ELÃ, apoiadores que nos ajudaram a ampliar o escopo das ações. As doações, realizadas por Luiz Zerbini, Mara e Marcio Fainzilber e Samambaia Filantropias, nos ajudaram a incluir lanches em todas as atividades formativas; custear a produção do vídeo síntese do projeto (inclusive com versão legendada em inglês); ampliar em R\$ 200 a ajuda para cada artista participante; aumentar o recurso para produção de peças gráficas; e investir na contratação de uma avaliadora pedagógica para acompanhamento integral do processo formativo e posterior compartilhamento de impressões na forma de relatório, aqui anexado.

É importante destacar que este documento apresenta os resultados quanti e qualitativos do trabalho realizado integralmente durante os meses de agosto (pré-produção/ELÃ) a janeiro (último mês de execução/ELÃ) no Galpão Bela Maré. Neste sentido, tendo em vista que o Galpão Bela Maré é um centro cultural dedicado às artes e com amplo funcionamento de terça à sábado, entre 10h e 18h, e com importantes parcerias consolidadas com outras organizações da cidade, apresentamos aqui atividades que foram realizadas sem recursos do patrocínio do Amil, porém com grande sinergia com a ELÃ, enquanto projeto que é parte da programação do Galpão Bela Maré



Para assistir ao vídeo síntese do projeto, [clique aqui](#).

2. SELEÇÃO

As inscrições estiveram abertas no período de 20 de junho a 22 de julho de 2019, em formato de edital¹ ([ver aqui](#)) e preenchimento de formulário on-line² ([confira aqui](#)). Somamos 165 inscrições, que foram analisadas no dia 26 de julho, das quais saíram 54 artistas elegíveis para fase das entrevistas.

Dando sequência ao processo, no dia 02 de agosto, o Galpão Bela Maré foi ocupado por artistas de diferentes trajetórias sendo entrevistados por 3 duplas da banca de seleção. Foram considerados as oportunidades já experienciadas pelos artistas em relação à formação acadêmica e livre, à exibição em exposições coletivas e/ou individuais, feiras e outros eventos e a participação em projetos anteriores das instituições parceiras. Por fim, no dia 05 de agosto, compartilhamos em nossas redes sociais a listagem final dos 25 artistas selecionadas/os para compor a primeira turma da ELÃ.

Para composição da banca de seleção, foram convidadas/os colaboradoras/es ou interlocutoras/es para configuração de um grupo que refletisse o desejo de diversidade no perfil da turma, assim como os critérios estabelecidos em edital:

“4.7.1. Qualidade artística e poética, relevância dos trabalhos e coerência conceitual;

4.7.2. Clareza da descrição e do desenvolvimento do trabalho.”
(pág. 5, Observatório de Favelas, 2019)

1. Para ler o Edital na íntegra, acesse os “Anexos” no final do relatório.

2. Para ler o Formulário na íntegra, acesse os “Anexos” no final do relatório.

Deste modo, a banca de seleção contou com a participação de Dani Francisco (Coordenadora do Galpão Bela Maré), Érika Lemos Pereira (Educadora do Galpão Bela Maré), Jean Carlos Azuos (Coordenador do Programa Educativo do Galpão Bela Maré), Rebeca Brandão (Coordenadora da Arena Dicro), Gleyce Kelly Heitor (Coordenadora de ensino da Escola de Artes Visuais do Parque Lage), Luiza Mello (Diretora Geral da Automatica Produtora), Marisa Mello (Diretora de Planejamento da Automatica Produtora) e Yhuri Cruz (Artista visual e escritor).

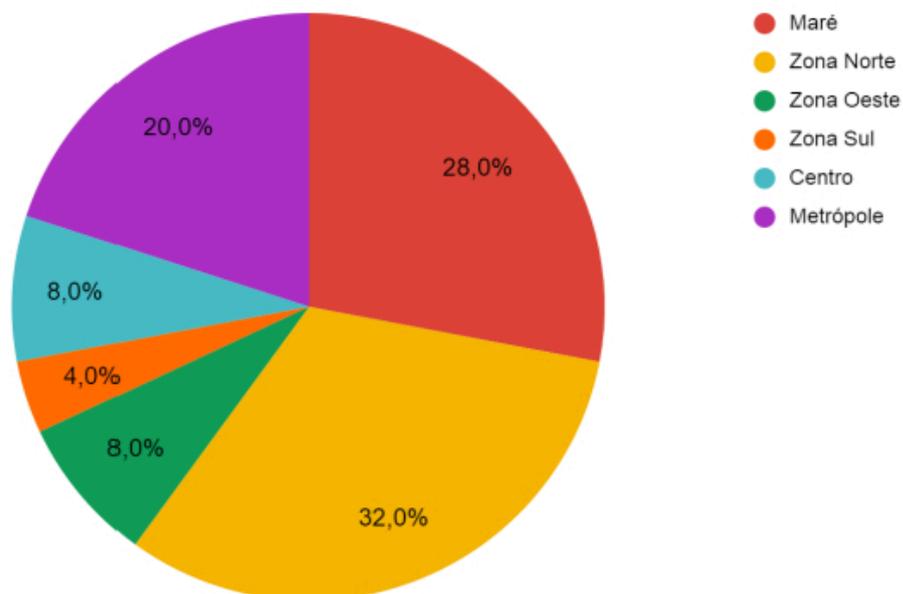
Estas pessoas se reuniram e trabalharam juntas diante do seguinte calendário:

- 20 de junho a 22 de julho de 2019 - INSCRIÇÃO
- 26 de julho de 2019 - LEITURA DE PORTFÓLIOS E SELEÇÃO DE ENTREVISTADOS
- 02 de agosto de 2019 - ENTREVISTAS
- 05 de agosto de 2019 - RESULTADO FINAL

3. TURMA

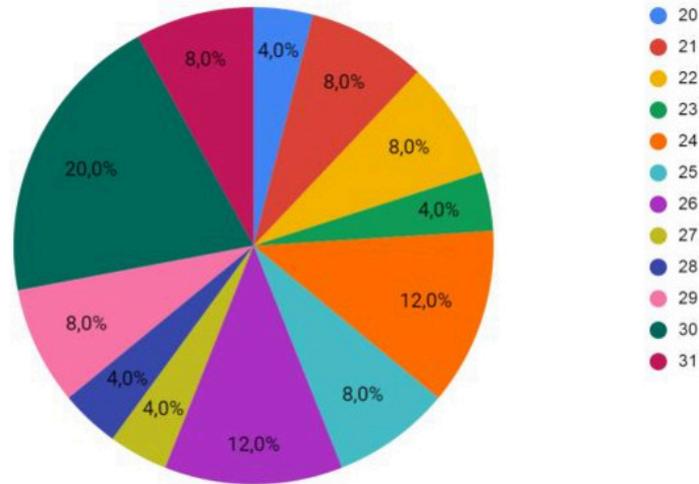
No que tange aos inscritos, cabe o compartilhamento de alguns dos dados do formulário de inscrição, uma vez que isto nos possibilita entender a abrangência do processo constituído e o perfil do público interessado.

Território



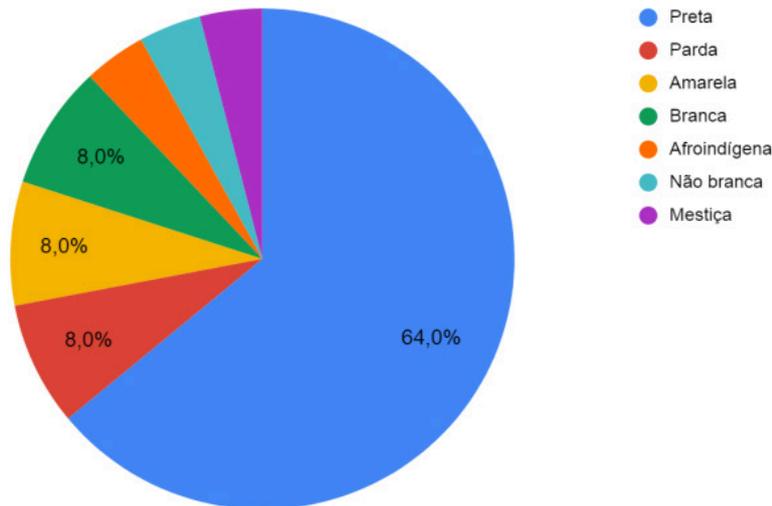
Abrangemos todas zonas da cidade do Rio de Janeiro, assim como o território do Conjunto de Favelas da Maré e a metrôpole do Rio de Janeiro, com destaque à cidade de São Gonçalo.

Idade



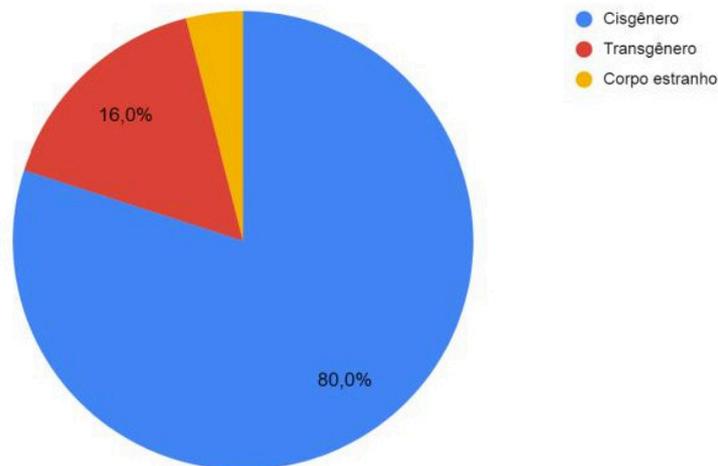
Em relação à idade, a inicial foi 20 anos e a final 31 anos gerando uma média de 26 anos de idade.

Cor/Etnia



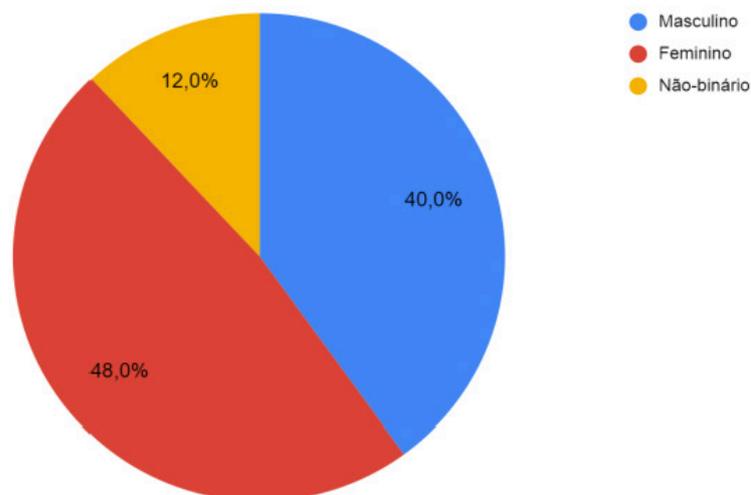
Em relação à cor/etnia, a autodeclaração apresentou uma ampla variação das classificações já estabelecidas como "amarelo", "branco", "preto" e "pardo" introduzindo "afroindígena", "mestiça" e "não-branco" na composição étnica da turma.

#Identidade de gênero



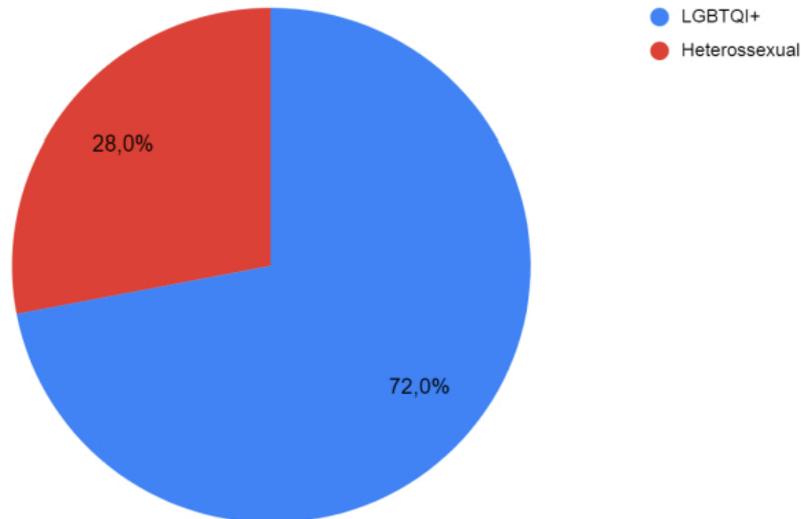
Em relação à identidade de gênero, a autodeclaração apresentou, novamente, uma ampla variação das classificações, introduzindo “corpo estranho”, além das classificações já estabelecidas de “cisgênero” e “transgênero”.

#Expressão de gênero



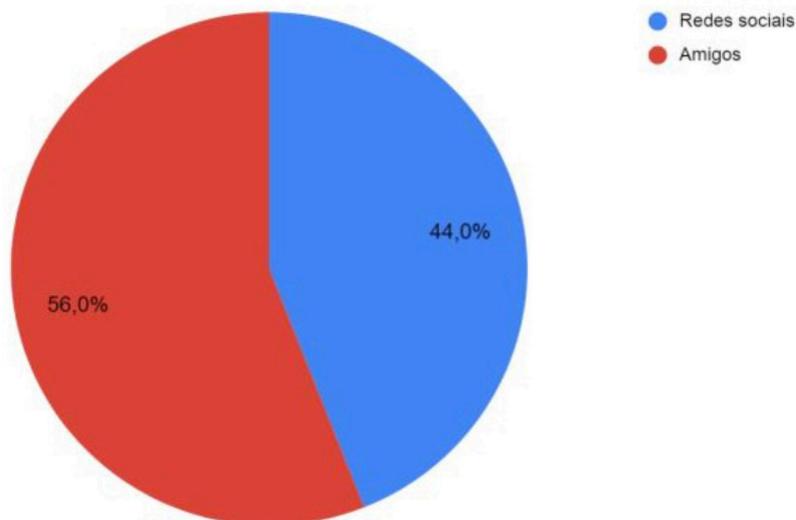
Em relação à expressão de gênero, a autodeclaração apresentou, novamente, uma ampla variação das classificações, introduzindo “não-binário”, além das classificações já estabelecidas de “feminino” e “masculino”.

#Sexualidade



Em relação à sexualidade, a autodeclaração apresentou uma maior expressão de "LGBTQI+", seguido de "Heterossexual".

#Como soube do edital?



Por fim, em relação à pergunta final "Como você soube do edital?", as respostas apresentam o resultado do trabalho da comunicação institucional em divulgar o edital nas redes sociais do Galpão Bela Maré, assim como as/os artistas trabalham em rede, divulgando as oportunidades de formação e exibição aos amigos.

Isto posto, cabe destacarmos que nos marcadores sociais “cor/etnia”, “identidade de gênero”, “expressão de gênero” e “sexualidade” foram inseridas novas classificações além das que estavam disponíveis no formulário. Este movimento mostra o quanto as classificações normativas não dão conta de como as pessoas se identificam e ampliam seus significados na sociedade. Sendo assim, desde o período de seleção, as/os artistas se mostraram interessadas em discutir, desconstruir e transformar os conceitos que nomeiam a produção artística, assim como a vida.

O processo construído, nos deu a possibilidade de trabalhar com uma turma diversa e plural de amplas e singulares escalas.

Estar com esses artistas, essa diversidade de corpos, foi onde eu mais me formei, foi o que mais somou na minha trajetória. Em um terreno que só tem um tipo de árvore, o solo não se torna tão fértil, A Elã é uma possibilidade de curar o solo tão desgastado pela monocultura das artes. (Anderson Barreto, Artista Elã, 30 anos, nascido na Providência)

4. FORMAÇÃO

A proposta formativa desta primeira turma da Elã foi fruto do trabalho coletivo do Observatório de Favelas, da Automatica Produtora e da Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV). A ambição era que pudéssemos materializar um experimento artístico-pedagógico para jovens artistas oriundos de territórios de favelas e/ou periferias da metrópole fluminense.

No processo prévio ao lançamento do edital, nos reunimos em encontros presenciais (realizadas nos dias 15/05 e 24/05) e mobilizamos trocas de e-mails onde foram discutidos o processo de seleção, o calendário da formação e da exposição, assim como os eixos de formação, escolha de perfis das/os educadoras/es, materiais necessários entres outros pormenores.

Imersos/as nas compreensões das palavras: escola, livre, artes e seus desdobramentos nos percursos de elaborações conceituais do projeto, delineamos em grupo e com a participação essencial dos parceiros institucionais, um disparador central para a primeira turma "O nome que a gente dá às coisas", refletindo os sentidos dessa experiência indicial, ao mesmo tempo que convoca outras reverberações acerca do campo artístico e suas nomenclaturas.

Deste modo, a formatação da formação foi estabelecida em 10 encontros de 6h de duração cada, divididos em 5 eixos, com um/a educador/a por eixo - com exceção do eixo Agenciamentos, que foi ministrado por Luiza Mello e Marisa Mello.

#Eixos	#Datas de encontros
_PERCURSOS	17; 24; 31 de agosto de 2019
_CORPOS	14; 21; 28 de setembro de 2019
_MATERIALIDADES	05; 19; 26 de outubro de 2019
_CONCEITOS	09 de novembro de 2019
_AGENCIAMENTOS	

Em seguida, foram criados o Edital de seleção e o Formulário de inscrição endereçados aos artistas jovens oriundos de territórios de favelas e/ou periferias.

Do Edital, é importante destacar os seguintes pontos:

- Apresentação do calendário de seleção, formação e de exposição para que os interessados se organizassem de acordo;
- Atuação do Galpão Bela Maré e quais os objetivos esperados do projeto ELÃ;
- Direcionamento a artistas “numa concepção ampliada do termo, de linguagens múltiplas e suportes diversos. Serão consideradas a diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território (pág. 3, Observatório de Favelas, 2019)”;
- Obrigatoriedade de participar da exposição;
- Possibilidade em apresentar “Portfólio digital no formato PDF em até 10 páginas OU apresentação visual do trabalho no formato PDF em até 10 páginas OU vídeo com duração máxima de até 5 min (.mp4) (pág. 3, Observatório de Favelas, 2019)”;
- Valores para custear a participação no projeto “de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para os artistas, e mais R\$ 500,00 (quinhentos reais) serão destinados para a produção do trabalho que irá compor a exposição, transporte e embalagem de suas próprias obras, totalizando uma verba de R\$ 1.000,00 (mil reais) por artista (mediante emissão de nota fiscal) (pág. 5, Observatório de Favelas, 2019)”;
- Obrigações do Observatório de Favelas e dos artistas ao longo do projeto.

Do Formulário, é importante destacar os seguintes pontos:

- Apresentação das parcerias institucionais, síntese da atuação do Galpão Bela Maré, dos objetivos esperados do projeto ELÃ e dos cronogramas de seleção, formação e exposição;
- Endereço de e-mails;
- Endereço;
- Idade;
- Cor/etnia;
- Identidade e expressão de gênero;
- Sexualidade;
- Minibio;
- Portfólio; e
- Como soube do edital?

Os pontos que objetivam apresentar os marcadores sociais foram importantes para compreendermos o perfil da turma e se ela correspondia com os objetivos explicitados anteriormente no relatório que constavam no edital.

Tanto o Edital, quanto o Formulário foram publicados nas redes sociais do Galpão Bela Maré pela equipe de Comunicação do Observatório de Favelas e o processo em sua totalidade foi amplamente divulgado na imprensa através de investimentos de assessoria de imprensa.

Em paralelo, foi criado o *Convite*³ ([ver aqui](#)) endereçados às/aos educadoras/es que ministraram encontros de formação segundo os eixos conceituais.

Do convite, é importante destacar os seguintes pontos:

- Síntese da atuação do Galpão Bela Maré, os objetivos esperados do projeto ELÃ e o perfil da turma que pretende formar;
- As provocações que orientam os eixos de formação;
- Carga horária/diária de cada eixo de formação;
- Participação de todos os educadores no primeiro e no último encontro de formação; e
- Valores para custear a participação no projeto “de R\$ 1.000,00 para cada educadora/or. (pág. 3, Observatório de Favelas, 2019)”.

Este documento foi encaminhado individualmente para cada educador/a convidada/o para compor a experiência pedagógica de nossa primeira turma da Elã.

Em seu conjunto, estas pessoas representavam o que consideramos, junto com nossos parceiros, um corpo docente com diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território que pudessem contribuir com os desafios para construção e produção de uma escola de artes visuais no/do território de favela em diálogo com artistas oriundos de territórios de favelas e/ou periferias e que situam, produzem, refletem e investigam as questões da arte, da cidade, dos corpos, dos conceitos, a partir da perspectiva de sujeitas/os, territórios e questões periféricas.

3. Para ler o Convite na íntegra, acesse os “Anexos” no final do relatório.

4.1. Estrutura / Estratégia Pedagógica

No dia 7 de agosto de 2019 aconteceu a reunião pedagógica no Galpão Bela Maré com as/os educadoras/es convidadas/os a fim de que pensássemos estratégias pedagógicas a partir dos indicadores e desejos que compunham o conjunto de artistas selecionados para a formação na ELÃ. Foi um espaço também de reflexão acerca das expectativas destas/es interlocutoras/es, de modo a elucidar questões e alinhar aos conceitos bases: percursos, corpos, materialidades, conceitos e agenciamentos coletivos.

Para além da consolidação acerca das estratégias pedagógicas, foi posto em pauta os locais, horários e o cronograma dos encontros. Nos dias em que o Galpão Bela Maré estava ocupado por eventos previamente pautados como “Seminário Defesa da Democracia em Tempos Ultraconservadores”, dia 24 de agosto, e “Criptofunk”, dia 14 de setembro, ocupamos a Lona da Maré e o Capacete respectivamente, por intermédio das/os educadoras/es de eixo, que disponibilizaram as instituições culturais em que também colaboram. Posteriormente também na interlocução da parceria institucional, no dia 26/10 o encontro aconteceu na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

Ao final da reunião pedagógica o Programa Educativo do Galpão Bela Maré compartilhou por email o *Planejamento Artístico-Pedagógico*⁴ a fim de sistematizar os encontros, as propostas e as referências e alinhar materiais e arranjos espaciais.

Parte importante de nosso processo pedagógico, foi poder contar com a presença e acompanhamento atento e generoso de Natália Nichols⁵ a fim de avaliar a parte pedagógica da ELÃ durante todo a formação. Posteriormente, ela fez a relatoria da *avaliação pedagógica*⁶ que traz profundas considerações acerca dos encontros, métodos, grupo, estrutura etc.

4. Para ler os Planejamentos Artístico-pedagógico propostos por cada educador de eixo na íntegra, acesse os “Anexos” no final do relatório.

5. Natália Nichols é educadora, historiadora da arte e pesquisadora. Com experiências nas relações com públicos de museus de arte e centros culturais, investiga a dimensão pública da arte e das instituições, com ênfase na criação e construção crítica junto ao espectador. Pesquisa e atua nas interseções entre práticas artísticas contemporâneas, educação, curadoria e crítica de arte na promoção da democracia cultural. Atuou como Educadora de Projetos no Museu de Arte do Rio onde trabalhou desde de 2013, desenvolvendo e realizando programações de atividades públicas e cursos frente ao Programa de Formação e Extensão Universitária, bem como atuando na formação continuada da equipe de educação. Coordenou o Grupo de estudos Paulo Freire, Arte Contemporânea e Educação na EAV - Parque Lage. Mestranda em História da Arte no PPGHA - UERJ, atualmente atua como Supervisora de Ensino e Programas Públicos na Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

6. Para ler a Avaliação Pedagógica na íntegra, acesse os “Anexos” no final do relatório.

4.2. Estrutura / Comunicação e Produção

O dia 13 de agosto de 2019, nos serviu para organizarmos e definirmos os planos de comunicação e produção dos encontros de formação com toda a equipe, costurando as propostas e dinâmicas entre educadores/as e os/as artistas. Foi acordado coletivamente que todas as quinta-feira o Programa Educativo do Galpão Bela Maré entraria em contato com as/os artistas e as/os educadores de eixo para lembrá-las/os do dia, horário e demais informações sobre a formação no sábado seguinte, sobre os feriados - quando não tínhamos encontros de formação - e também para alinhar demandas de espaço e/ou arranjos como projeção, audiovisual etc. As comunicações eram realizadas por e-mail e por grupo do whatsapp.

E também foram acordados que em todos os sábados o Programa Educativo do Galpão Bela Maré acompanharia integralmente a formação, mas contaria com a Produção do Galpão Bela Maré para montagem do espaço e organização do lanche.

No contato com a turma, entendemos melhor juntas/os os meios pelos quais facilitaríamos ainda mais a comunicação da ELÃ. A estratégia coletiva de construção de um grupo do Whatsapp foi um meio fundamental para diálogos, trocas, informações, resolução de dúvidas etc. A ferramenta, propunha uma comunicação mais sucinta, breve e rápida.

Por outro lado, destacamos que o whatsapp abriu uma comunicação que não media dias e/ou horários por parte das/dos artistas, o que mobilizou uma conversa e um esforço da equipe em atender a solicitação delas/es dentro dos horários de trabalho acordados com o Galpão Bela Maré. Em outras palavras, nos resguardamos em manter a comunicação entre terça a sábado, das 10h às 18h.

4.3. Encontros de Formação

a. PERCURSOS com Pâmela Carvalho⁷

O dia **17 de agosto**, primeiro encontro da Escola Livre de Artes (ELÃ) ativado pelo nome PERCURSOS e mediado pela educadora Pâmela Carvalho, foi iniciado com uma fala institucional costurada pela celebração do início da formação, apresentação dos objetivos da ELÃ, apresentação do processo de seleção evidenciando os números e as pessoas envolvidas na banca, apresentação do cronograma da formação e seus respectivos educadoras/es, dias, horários e locais, assim como apresentação do cronograma da exposição.

Em seguida, Pâmela Carvalho provocou nas/nos artistas narrativas de si, e de sua produção artística a partir de suas próprias vivências. Após as apresentações, a educadora as/os conduziu para uma andança pelo território da Maré, onde saímos do Galpão Bela Maré até a sede do Observatório de Favelas para conversarmos com Bira Carvalho e Francisco Valdean, fotógrafos e coordenadores do Imagens do Povo, e depois até o Centro Cultural Ypiranga de Pastinha para conversarmos com Mestre Manoel, mestre popular, educador e gestor do centro cultural. Alinhando então, a importância de movimentar os corpos e as percepções articulados ao disparador percursos.

7. Pâmela Carvalho é mulher negra, educadora, pesquisadora e brincante das culturas populares. É mestranda em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde também cursou bacharelado e licenciatura em História e é técnica em Turismo (CEFET/RJ). Desenvolve pesquisas sobre jongo, culturas populares negras e relações étnico-raciais.



Primeiro encontro formativo da ELÃ no Galpão Bela Maré /
Foto: Davi Marcos



Turma se dirigindo à sede do Observatório de Favelas / Foto:
Davi Marcos

No dia **24 de agosto**, segundo encontro ativado pelo nome PERCURSOS, recebemos as/os artistas no Galpão Bela Maré e continuamos a andança até a Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, a Lona da Maré, onde compartilhamos as impressões do primeiro dia de encontro e então seguimos para a última andança até o Rato Preto Estúdio, estúdio de tatuagem, atelier e casa dos artistas Cruz e Rack, participantes da ELÃ. No retorno à Lona da Maré, Pâmela Carvalho propôs a criação de “objetos-percursos”, de maneira que as experiências e afetações se desdobrassem em expressões artísticas materiais e imateriais conectadas às narrativas com e no território.



Segundo encontro formativo, na Lona Cultural Municipal Herbert Vianna, a Lona da Maré / Foto: Érika Lemos Pereira

Sobre PERCURSOS, Natália Nichols avalia que

O primeiro eixo de formação da Elã teve um importante papel de criar situações de apresentação e movimentos de reconhecimento e aproximação dos artistas entre si e dos artistas com o território. (Nichols, 2020, p. 11)

E continua

os artistas de imediato criaram um senso de identificação entre si, mesmo que em vários momentos a diversidade da turma tenha se explicitado. Esta similaridade que se sustentou ao longo dos encontros gira em torno das condições de acesso ao circuito artístico hegemônico, cada artista dentro de sua especificidade, viu na turma alguma condição que historicamente os localiza em uma condição de marginalidade frente ao campo hegemônico da arte, condição assumida discursivamente como periférica, embora seja um termo usado sempre com ressalvas. (Nichols, 2020, p. 11)

Deste modo, Natalia Nichols celebra a importância da formação iniciar com a apresentação coletiva das/dos artistas participantes em relação aos seus percursos singulares, de encontro com as similaridades coletivas e com o território a ser habitado coletivamente.

A apresentação do território por meio de agentes culturais também foi uma escolha que marcou o rumo dos encontros de formação até o final. A ELÃ se apresentou aos artistas em seu primeiro eixo sublinhando as implicações políticas e éticas de atuar situadamente, na relação com seu território, e convocou os artistas a reflexão política sobre a importância de ocupar este espaço de formação artística nesta escola com estas características. (NICHOLS, 2020, p. 12)

E continua

Entrar na Maré e circular por outros lugares além do Galpão, foi um importante exercício de complexificação do território para além das dimensões narrativas. (...) Este gesto se intensifica na medida em que essa implicação é convocada não só pela educadora como pelos outros agentes culturais apresentados. Ao conhecer seus trabalhos artísticos e educativos os artistas puderam presenciar como esta implicação toda se materializa em potência de atuação. (NICHOLS, 2020, p.12)

Neste sentido, concluímos que investigar o nome PERCURSOS de modo empírico proporcionou abrir diálogos com o território e com os agentes culturais do território e expandindo os sentidos das artes e dos territórios de cada artista participante.

b. CORPOS
com Camilla Rocha Campos⁸

No dia **31 de agosto**, primeiro encontro de formação ativado pelo nome CORPOS e mediado pela educadora Camilla Rocha Campos, com a partilha de teorias de como os corpos são lidos e expressados em narrativas globais. Em seguida, apresentou outros caminhos de possíveis de leituras e pensamentos decoloniais, a partir das narrativas femininas e racializadas de Conceição Evaristo e Grada Kilomba.



Terceiro encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

8. Camilla Rocha Campos é artista, pesquisadora, ativista micro-política e auto-revolucionária. Como artista transita no campo de uma arte colaborativa na qual o público é convidado a participar de situações performáticas relacionando seu corpo à contextos poéticos carregados de um tipo de humor e crítica. É atualmente diretora da residência artística internacional CAPACETE no Rio de Janeiro onde também participou do programa como artista em 2016.

No dia **14 de setembro**, segundo encontro ativado pelo nome CORPOS, ocupamos o Capacete, instituição cultural que a educadora Camilla Rocha Campos é gestora, as/os artistas levaram objetos para compor o círculo de diálogos nas leituras, escutas e suas costuras sobre corpo, mediados por textos, trocas e provocações, trazidas pela interlocução entre arte, cuidado e suas armadilhas, que teceram um desfecho ao eixo.



Quarto encontro formativo, no Capacete / Foto: Davi Marcos

Sobre CORPOS, Natália Nichols avalia que

O segundo eixo da Elã abordou o corpo em suas dimensões discursivas: o corpo histórico, o corpo político, o corpo coletivo, o corpo subjetivo. Os encontros buscaram auto reflexões e fomentaram uma tomada de posicionamento crítico dos artistas diante da latência dos discursos que já habitam seus corpos.

Camilla criou um ambiente de segurança e intimidade com abertura para cada artista construir e acessar questões próprias, que nem sempre perpassaram pelas relações raciais. A todo momento a educadora se dirigiu a turma como coletivo, usando a primeira pessoa do plural, nós, compreendendo que as referências partiam de reflexões raciais mas com objetivo de lidar com todos os discursos subalternizantes e seus atravessamentos, o que reforçou ainda mais a identificação da turma, sem deixar de reconhecer as particularidades e diferenças presentes. (NICHOLS, 2020, p.19)

Deste modo, Natalia Nichols evidencia que a discussão acerca dos corpos abarcam mas também vão além das questões étnicos raciais numa turma plenamente diversa. E, assim, acrescenta:

O cuidado e a cura foram introduzidos e trabalhados com sentido maior do que de autopreservação, foram evocados e potencializados como ferramenta de enfrentamento aos discursos normatizadores dominantes, chamando também a atenção para a responsabilidade de reposicionar-se frente a estes discursos, ou seja ressaltando a importância de ações que vão além das denúncias. (NICHOLS, 2020, p.20)

c. MATERIALIDADES
com Sallisa Rosa⁹

No dia **21 de setembro**, primeiro encontro de formação ativado pelo nome MATERIALIDADES e mediado pela educadora Sallisa Rosa que compartilhou maneiras de pensar e fazer arte a partir de uma cosmogonia indígena, onde a arte e a vida não se diluem e a ritualização se faz presente. Neste encontro se discutiu os espaços que artistas indígenas têm nas galerias e centros culturais do país diante de um mercado que categoriza não só as/os artistas, mas também as poéticas produzidas, partindo da experiência da educadora na residência Bolsa Pampulha 2019.



Quinto encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

9. Sallisa Rosa é artista e pesquisadora. Se dedica a investigações contemporâneas de imagens e temas que a atravessam, dentre os quais a própria identidade e o universo feminino, assim como futuro, ficção e descolonização. Usando fotografia, vídeo e outras estratégias, propõe investigações e experiências em torno da identidade nativa contemporânea da cidade.

No dia **28 de setembro**, segundo encontro ativado pelo nome MATERIALIDADES, parte das/dos artistas apresentaram suas pesquisas sobre materialidades e antecipando os caminhos para as poéticas que as/os artistas pretendiam apresentar na exposição final. Sallisa Rosa conduziu de forma muito sutil acrescentando e costurando as falas com importantes referências, enquanto as/os artistas teciam suas conexões e partilhas.



Sexto encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Davi Marcos

Sobre MATERIALIDADES, Natália Nichols avalia que

A educadora apresentou novos pontos de vista e definições para o campo da arte, numa mirada decolonial, a partir de sua cultura e seu lugar social de indígena urbana. A materialidade foi compreendida como possível campo de disputa social, política e cultural. (NICHOLS, 2020, p.24)

E acrescenta que

Mesmo que apenas parte da turma tenha conseguido mostrar suas pesquisas, o encontro foi muito importante para criar novas aproximações entre os artistas. (...) Até então as pesquisas foram apenas citadas narrativamente em suas temáticas. Ver os trabalhos ajudou a criar outros arranjos e relações entre a turma que pode se identificar criando novas redes a partir de poéticas afins. (NICHOLS, 2020, p.25)

d. CONCEITOS com Rafa Éis¹⁰

No dia **05 de outubro**, primeiro encontro de formação ativado pelo nome CONCEITOS e mediado pelo educador Rafa Éis, provocou a turma a partir da pergunta “Como conceituar o conceito?” apresentando trechos de textos-obras que apresentavam conceitos singulares de Yhuri Cruz (PretoFagia), Djonga (Ladrão), Lélia Gonzalez (Pretoguês e Amefrica Ladina), Djamilia Ribeiro (Lugar de fala) e Renato Noguera (Drible).

A dinâmica proposta que era cada artista ler em voz alta fragmentos dos textos selecionados e consideramos que este foi um dispositivo importante para agilizar e ampliar a discussão de cada um dos materiais trazidos pelo educador. Em seguida, as/os artistas eram convidados a transcrever palavras que buscavam responder a pergunta inicial ao mesmo tempo que promovia novas perguntas sobre o ato de conceituar um conceito.



Sétimo encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Érika Lemos Pereira

10. Rafa Éis é artista, educador e tatuador, natural de Porto Alegre, RS. Hoje vive e trabalha no Rio de Janeiro, RJ. Desde 2007 colabora com projetos pedagógicos de diversas instituições dedicadas às artes visuais e com projetos independentes. Licenciado pela UFRGS em artes visuais e mestre em Processos artísticos contemporâneos pelo PPGartes-Uerj, é integrante-fundador do Coletivo E, grupo independente de artistas-educadores. Atualmente é responsável pela área de artes visuais das oficinas artísticas da Coart-Uerj, além de colaborar com o Centro Cultural Pequena África.

No dia **19 de outubro**, segundo encontro ativado pelo nome CONCEITOS, as/os artistas foram convocados para participar de uma atividade instigante: cada artista apresentou ao menos uma imagem significativa do seu respectivo trabalho, sem produzir um discurso, e o restante da turma conceituou o trabalho com uma palavra.

A crítica era concebida sem informações prévias, apenas pela fruição das imagens, o que causou incômodo em alguns artistas mais falantes, mas foi unanimidade que tais palavras expandiram os conceitos que cada artista pré-concebia de sua poética.



Oitavo encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

Sobre CONCEITOS, Natalia Nichols avalia que

A ideia de drible seguiu como norteadora da discussão conduzida pelo educador em torno das estratégias possíveis de posicionamentos e discursos que contornam as estruturas hegemônicas de valor que beneficiam artistas brancos, héteros, cis e privilegiados e suas epistemologias. Um convite a ressignificar os conceitos e trabalhar novas referências compreendendo como ação ativista o gesto de renomear ou resgatar conceitos a partir de novas centralidades oriundas de culturas não dominantes. (NICHOLS, 2020, p.27)

E acrescenta:

Apesar da recorrência de apresentações das obras e pesquisas dos artistas, esta dinâmica operou um deslocamento importante. O discurso desta vez partiu das obras primeiramente. A observação sem filtros de linguagem verbal põe à prova as intencionalidades e a densidade crítica das obras. Os artistas entram em contato com novos olhares sobre suas criações amadurecendo suas poéticas de forma coletiva. Este exercício mais uma vez fortalece a turma enquanto coletivo fomentando a criação de uma cena artística pois constrói leituras críticas que tiram proveito da diversidade que compõe o grupo e ao mesmo tempo propõe debates que negociam e compartilham essas leituras criando alguma unidade e identidade. (...)

Esta foi uma importante virada para os debates ocorridos até então, pois retoma a importância das obras, depositando nelas a responsabilidade de portar ou dar abertura para a criação de qualquer discurso. (NICHOLS, 2020, p.28)

e. AGENCIAMENTOS

com Luiza Mello¹¹ e Marisa Mello¹²

No dia **26 de outubro**, primeiro encontro de formação ativado pelo nome AGENCIAMENTOS e mediado pelas educadoras Luiza Mello e Marisa Mello, ocupamos a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, instituição parceira. O diálogo foi iniciado em torno de uma conversa sobre os portfólios das/os jovens artistas costurados com impressões e colaborações das produtoras e também das/dos demais artistas. Neste mesmo dia, as educadoras trouxeram um panorama a partir de um banco de dados de apresentações visuais de artistas contemporâneas para trocas e inspiração.



Nono encontro formativo na EAV Parque Lage / Foto: Davi Marcos

11. Luiza Mello é formada em História pela USP e História da Arte pela Sorbonne (Paris I), possui pós-graduação em História da Arte e Arquitetura do Brasil pela PUC-Rio. Desde 2000, atua como produtora executiva de exposições de arte contemporânea. Em 2006 funda a produtora Automatica e desde então atua como coordenadora de projetos e diretora geral da empresa. Em 2011 funda a Automatica Edições com Marisa Mello e atua como editora de livros de arte. Em 2018 foi curadora das exposições Dreaming Awake no Marres, House for Contemporary Culture, em Maastricht, Holanda; Mufa Caos, do artista Barrão, no Jacarandá, Rio de Janeiro e Perspectives on Contemporary Brazilian Art, na Art Berlin, Alemanha.

12. Marisa Mello é doutora em História pela UFF. De 2013 a 2018, realizou o pós-doutorado no Programa de Pós Graduação em Cultura e Territorialidades (UFF), desenvolvendo pesquisa sobre práticas de leitura em bibliotecas; atuando como professora; e ainda como orientadora de projetos acadêmicos. Investiga, principalmente, os seguintes temas: políticas culturais e gestão cultural; história e literatura; cultura e territorialidades; intelectuais; práticas de leitura na contemporaneidade; bibliotecas. A partir de 2008, começa a trabalhar na criação e gestão de projetos culturais e educativos. Produtora na área de artes visuais, é sócia da produtora Automatica e da Automatica Edições. Organizou em 2013, com Pâmela Passos e Aline Dantas, a coletânea Política cultural com as periferias e, em 2019, publicou o livro Como se faz um clássico da literatura brasileira?

Dia **09 de novembro**, segundo encontro ativado pelo nome AGENCIAMENTOS, e último encontro de formação da primeira turma da ELÃ, foi importante para compreender as poéticas desenvolvidas ao longo da formação e pensar efetivamente nas partes que compõem uma exposição: pré-produção, curadoria, produção, montagem, programa educativo, desmontagem etc. As educadoras Luiza Mello e Marisa Mello conduziram as partilhas utilizando as exposições Travessias, realizadas entre 2011 e 2017 no Galpão Bela Maré, como parâmetro para compreensão das dinâmicas e metodologias que orientam o universo expositivo.



Último encontro formativo no Galpão Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

Sobre AGENCIAMENTOS, Natália Nichols avalia que

Este foi um ponto nitidamente mais amadurecido de relação com as instituições, que até então foram descritas por parte da turma de maneira muito distanciada e por vezes caricata, sem contudo, perder o tom crítico que lhes é bem próprio e muito importante, tendo em vista o desejo expresso de toda turma por transgredir, ou ao menos transformar o circuito, no que se refere às estruturas dominantes de poder já postas. (NICHOLS, 2020, p.31)

Natália sugere ainda que

O tema disparou importantes reflexões sobre mercado de arte e sustento. Os artistas manifestaram suas dúvidas sobre editais, galerias, coleções e outras formas de arrecadação financeira. O debate foi conduzido pelas educadoras de maneira bastante franca sem deixar de ser encorajadora, com generosidade na partilha de informações e experiências no campo. Estes temas despertaram bastante atenção e entusiasmo por parte da turma, de certa forma, essas curiosidades vieram a tona em praticamente todos os eixos anteriores. Neste encontro as institucionalidades e meandros próprios ao campo das artes visuais foram trabalhados pelas educadoras de forma direta e pragmática, sem perder o viés crítico característico das aulas. (...) O debate caminhou para o encerramento com a reafirmação da importância do artista buscar sua profissionalização em suas formas de se apresentar, o que não significa se enquadrar ou direcionar sua produção para o mercado. (NICHOLS, 2020, p.31)

A avaliadora considera que

A aula [de portfólios] articulou tópicos de todos os eixos anteriores abrindo espaço para debates com implicações muito diretas no cotidiano dos artistas e exercícios críticos com muita aplicabilidade. As soluções foram construídas com respeito às diversidades, identidades e intencionalidades de cada artista. As educadoras buscaram se relacionar com a turma com base na troca sem posturas hierárquicas sem deixar também de compartilhar sua longa experiência de atuação. (...)

O eixo Agenciamentos teve um importante papel de dar vazão a dúvidas e questionamentos que visivelmente afligiam a turma desde o primeiro encontro. Os compartilhamentos ajudaram a construir autonomia e amadurecimento dos artistas frente a circulação de suas obras auxiliando na tomadas de decisões e busca por inserção profissional, por meio de conteúdos com aplicabilidade direta na carreira. Os estudos de caso, tanto dos portfólios, quanto das exposições, seguidos de análises das práticas dos próprios artistas possibilitaram uma ampliação de repertório que levou aos artistas a identificarem seus problemas e levantarem possíveis viradas e soluções, em construções coletivas que novamente fomentam e fortalecem uma identidade dos artistas da Elã. (NICHOLS, 2020, p.33)

4.4. Fotos de Trabalho

Também no dia **09 de novembro**, último encontro de formação da ELÃ, em horário precedente à atividade com Luiza e Marisa, Nyl de Sousa, comunicador do Galpão Bela Maré, apoiado por Gabriela Nolasco, técnica em direção de arte do Observatório de Favelas, e David Marcos, fotógrafo do Programa Imagens do Povo que documentou todo o projeto, dirigiu a construção de uma grande sessão de fotos para produção de conteúdo sobre a ELÃ nas redes sociais do Observatório de Favelas e do Galpão Bela Maré e para incorporarem os portfólios das/os artistas.

Comunicado previamente, o grupo teve oportunidade de ir preparado em termos de figurino para realização das fotos, que foram feitas em diversos cenários do Galpão Bela Maré e vizinhança, em formatos individuais e coletivos. Esta ação, além de fortalecer a estratégia de comunicação do projeto, entusiasmou muitas/os das/os participantes, sedentos por registros de qualidade.

Junto com as fotos, foram recolhidos um conjunto de relatos (gravados) para fins de relatoria e trabalhos nas redes sociais.



Da esq p/direita: Rack, Anderson Barreto, Aya Ibeji, Beatriz Britto, Rainha Favelada e Alex Reis. Foto: Davi Marcos



Da esq p/ dir: Alex Reis, Lucas Assumpção, Manaíra Carneiro, Andressa Núbia e Talita Nascimento / Foto: Davi Marcos



Da esq para dir: Thiago Saraiva e Viní Ventania (Irmãs Brasil) / Foto: Davi Marcos



Vitória Jovem (Irmãs Brasil), Lucas Araújo, Thiago Saraiva e Agrade Camiz /
Foto: Davi Marcos



Da esq para dir: Thiago Saraiva e Viní Ventania (Irmãs Brasil) / Foto: Davi Marcos



Lucas Araújo / Foto: Davi Marcos

4.5. Avaliação Pedagógica

Ainda no dia 09, após o encontro, mediadas/os por algumas comidas e bebidas, uma vez que o dia havia sido longo, o grupo esteve reunido com Natália Nichols para fins de trocas avaliativas acerca do escopo da primeira turma da Escola Livre de Artes. Dirigidos pela avaliadora da formação, engatamos numa roda de conversa avaliando coletivamente desde processo seletivo até os eixos de formação.



Artistas durante a avaliação do processo formativo
Foto: Nyl de Sousa

- Sobre a seleção, Natália Nichols relata:

A turma considerou o edital de chamamento simples e claro, no geral não houveram ressalvas. Apenas uma artista compreendeu mal a quantidade de aulas, pois confundiu o período do ciclo de aulas com o período integral do projeto. Todos consideraram um ponto alto da seleção a realização das entrevistas, pois democratiza o acesso ao projeto. (NICHOLS, 2020, p.51)

- Sobre os horários e dias de formação, ela avalia que

O horário de início das aulas, 13h, foi considerado cedo. Muitos artistas alegaram dificuldade de deslocamento o que dificulta sua organização com o horário do almoço. É válido lembrar que o Bela disponibilizou seu espaço para esquentar refeições caso os artistas quisessem. (NICHOLS, 2020, p.51)

- Em relação aos encontros de formação realizados nas instituições culturais parceiras, ela sintetiza que

Os artistas questionaram o deslocamento em dois sentidos. O primeiro por serem dois endereços em direção à zona sul, Glória e Jardim Botânico, o que aumenta o tempo do trajeto da maioria dos artistas. O segundo questionamento partiu dos artistas que participaram destas aulas, lembrando que nos dois casos houve um sensível esvaziamento da turma. Os artistas não se contentaram com o que foi chamado por eles como ocupação meramente simbólica destes espaços. O fato de estarem presentes nestes lugares, segundo eles, não é uma provocação política suficiente, pois não se sentiram interagindo com as instituições. Se perceberam apenas usando os espaço em sua dimensão física, sem criar nenhum tipo relação. (NICHOLS, 2020, p.52)

- Em relação às bolsas para acesso, permanência e produção da obra de artista, ela compartilha que

os processos de pagamento da bolsa foram criticados pelo excesso de burocracia. O valor da bolsa também foi questionado. Ainda assim, a maioria dos artistas não consideraram a possibilidade de realizar a formação sem o auxílio, por conta dos gastos com passagem e alimentação. A turma se sentiu muito apoiada pelo educativo nas questões de ordem prática. (NICHOLS, 2020, p.52)

- Compartilhamento de olhares sobre os eixos de formação:

#PERCURSOS

A identificação foi o fator que mais cativou a turma neste eixo, tanto em relação a educadora, que todos consideraram uma pessoa com o perfil próximo aos deles, quanto com o território, e com a própria turma, tendo em vista que foi a primeira aula da formação, ou seja o momento em que os artistas se conheceram. A turma se sentiu a vontade ao se perceber entre pares, deixando de lado a postura defensiva que, segundo alguns artistas, normalmente é adotada em situações de grupo, seja em ambientes de formação, seja em ambientes profissionais, no circuito das artes visuais. Começar o curso conhecendo o território foi um gesto importante que contribuiu para o pertencimento com o projeto, ver corpos mais próximos aos deles lhes ampliou o estado de acolhimento já instaurado pela composição da turma. A turma destacou o fato de Pamela ter apresentado pessoas e espaços de referência dentro da Maré, valorizando as histórias e reconhecendo nelas potência. Nas palavras da turma este primeiro encontro humanizou os sujeitos que ali estavam. Um fator a ser melhor trabalhado foi a distribuição do tempo durante as proposições. (NICHOLS, 2020, p.53)

#CORPOS

A ancestralidade em seus desdobramentos teóricos e poéticos foi o grande ponto alto deste eixo na visão da turma. A valorização das narrativas pessoais em relação com as referências apresentadas convocou os artistas a olharem para sua história com mais responsabilidade política e mais engajamento. Outro ponto ressaltado foi o debate em torno das negociações com o circuito artístico, frente a estas responsabilidades. A turma valorizou a condução das discussões por parte de Camilla, que a todo momento ampliou e complexificou as questões em voga, com apontamentos críticos mas sem julgamentos simples. (NICHOLS, 2020, p.53)

Uma questão apontada com veemência foi a expectativa de proposições mais performáticas, a turma sentiu falta do corpo em sua dimensão física e espacial. A importância das referências e construção de pensamento sobre o corpo não foi negada ou rejeitada, contudo existia o desejo por uma abordagem menos discursiva, sentiram falta de ação. Outra expectativa que se viu frustrada foi a interação com o Capacete enquanto instituição. Os artistas não se sentiram apresentados ao espaço, tão pouco convidados a frequentar. (NICHOLS, 2020, p.54)

#MATERIALIDADES

O ponto alto deste eixo foi a relação com a educadora Sallisa Rosa, os artistas se sentiram a vontade e instigados devido sua postura que a todo tempo se colocou como artista. Esta relação de artista para artista criou uma identificação e proximidade da turma com Sallisa. O fato da artista trazer para o debate acontecimentos pessoais muito recentes e referências de artistas jovens também contribuiu para essa intimidade.

(...)

Embora novamente os artistas tenham sentido falta de mais ação nas proposições, gostaram da abordagem imaterial sobre o conceito de materialidade. Ainda assim tinham a expectativa de ver e conhecer materiais novos neste eixo. A ideia de criação de táticas frente ao circuito artístico também foi valorizada.

(...)

A turma sentiu falta de organização no planejamento das aulas, sobretudo na apresentação das referências. Diante da proposição de apresentação na qual metade da turma não conseguiu mostrar sua pesquisa por falta de tempo, a turma alegou que não se importaria que nem todos de apresentassem se isso fosse determinado previamente por uma provocação que fizesse sentido na aula, da forma como aconteceu soou injusto. (NICHOLS, 2020, p.54)

#CONCEITOS

Este eixo foi considerado por muitos artistas da turma como as melhores aulas. A abordagem os surpreendeu, tendo em vista que já estavam um pouco saturados do formato das aulas anteriores. Os artistas apreciaram a forma como as referências foram apresentadas com implicações diretas. Os conceitos ganharam aplicabilidade. A turma sentiu o educador muito aberto às suas demandas e disposto a adaptar seu planejamento. Foi neste eixo que os artistas se aproximaram das produções uns dos outros. (NICHOLS, 2020, p.55)

#AGENCIAMENTOS

O compartilhamento dos códigos e meios de produção profissionais foi muito construtivo e contribuiu com um tipo de conhecimento e informação que, na visão da turma, eles dificilmente teriam acesso. Os artistas consideraram o eixo fundamental para construir uma visão mais ampliada do campo artístico, tomando ciência de etapas e procedimentos que fazem parte do trabalho do artista para além da produção e pesquisa poética. O ponto alto foi a análise dos portfólios, onde a turma pode receber feedbacks diretos e dicas de aprimoramento. Conhecer o projeto Travessias também foi citado positivamente. (NICHOLS, 2020, p.55)

A turma gostaria de ter mais aulas deste eixo, considerou o tempo curto e gostariam de ter se aprofundado mais em questões técnicas. Sobre o momento de construção da exposição, também gostariam de ter mais tempo de tomar decisões coletivas para dar mais contornos curatoriais à mostra. (NICHOLS, 2020, p.56)

• Sobre a Escola Livre de Artes

A avaliação do projeto foi bastante positiva, houve um desejo expresso e unânime pela continuidade do processo de formação. Todos os eixos deixaram inquietações que os levaram a querer mais encontros no intuito de aprofundar as questões, também para estreitar mais a relação com os educadores. A turma não poupou elogios à qualidade das referências apresentadas. A composição da turma também foi uma surpresa gratificante, em sua visão este foi um elemento fundamental para o desenvolvimento das aulas. Os artistas se reconhecem como sujeitos sociais subalternizados frente ao circuito artístico hegemônico, e isso cria neles uma identidade coletiva, mas resistem ao termo periféricos, pois temem que este seja um rótulo redutor que não reconhece dentro desta coletividade as especificidades que os singularizam. A Maré também foi apontada como um dado com forte presença no processo, mesmo que ao longo dos encontros eles

não tenham percorrido o território com frequência, ele aprofundou o caráter político da formação houve de fato uma presença durante as aulas. Se formar com esta turma na Maré foi uma experiência apontada como única em suas trajetórias. (NICHOLS, 2020, p.56)

Para aprimorar a formação os artistas apontaram a necessidade de algum acompanhamento com mais continuidade, apesar de muito satisfeitos com as temáticas propostas nos eixos, acreditam que esta organização fragmentou o processo de aprendizagem. Apontaram o desejo de ver o educativo atuando com mais protagonismo. Gostariam de se encontrar com mais frequência para fortalecer a ideia de escola. Numa possível ampliação do projeto se interessam por se aproximar de mais artistas, com possíveis visitas a ateliês, e curadores, respeitando a representatividade da turma. Desejam continuar o contato com o Bela e como possível desdobramento da Elã, gostariam de realizar um projeto de residência artística no Galpão. (NICHOLS, 2020, p.57)

Para além das reflexões apresentadas pelas/os artistas tanto para as redessociais do Galpão Bela Maré, quanto para a avaliação geral do projeto Escola Livre de Artes, acreditamos fortemente que a relação construída cotidianamente por Nyl de Sousa e Natalia Nichols proporcionou um espaço de diálogo franco ao final da formação.

Mais que isto, acreditamos que a avaliação pedagógica é uma importante ferramenta para a reflexão do trabalho formativo exercido no Galpão Bela Maré para além da atuação e avaliação do Programa Educativo do Galpão Bela Maré tendo em vista que estes estiveram implicados em diferentes frentes ao longo do projeto e, provavelmente, não conseguiriam tecer comentários tão ricos como o realizado pela avaliadora.

4.6. Presenças

ENCONTROS DE FORMAÇÃO			
Encontros	Data	Local	Público
1	17/08	Galpão Bela Maré	24
2	24/08	Lona da Maré	22
3	31/08	Galpão Bela Maré	19
4	14/09	Capacete	16
5	21/09	Galpão Bela Maré	21
6	28/09	Galpão Bela Maré	13
7	05/10	Galpão Bela Maré	22
8	19/10	Galpão Bela Maré	17
9	26/10	Escola de Artes Visuais do Parque Lage	12
10	09/11	Galpão Bela Maré	24

4.7. Diálogos contínuos de acompanhamento e avaliação

Durante o período de formação, nos reunimos sistematicamente, equipe Observatório de Favelas/Galpão Bela Maré, Automatica, Escola de Artes Visuais do Parque Lage e Natália Nichols, em espaços presenciais e virtuais para diálogo contínuo, acompanhamento e avaliação dos encontros de formação e da dinâmica geral com o grupo. Foram momentos centrais para mantermos a coesão do acompanhamento de todos e para busca de encaminhamentos e soluções.

Nestas reuniões contamos com as participações de Isabela Souza (Diretora do Observatório de Favelas), Érika Lemos Pereira (Educadora do Galpão Bela Maré), Jean Carlos Azuos (Coordenador do Programa Educativo do Galpão Bela Maré), Gleyce Kelly Heitor (Coordenadora de ensino da Escola de Artes Visuais do Parque Lage), Luiza Mello (Diretora Geral da Automatica Produtora), Marisa Mello (Diretora de Planejamento da Automatica Produtora) e Natália Nichols (Educadora, historiadora da arte e pesquisadora e pesquisadora).

4.8. Aulas Públicas

A partir dos diálogos contínuos de acompanhamento e avaliação, sentimos necessidade de criar espaços mais amplos no contexto da formação. Assim, criamos as “Aulas Públicas” definidas em encontros mensais, eletivos, e criado também para dar conta de debates e interlocutoras/es que não couberam na estrutura da formação aos sábados.

À parte dos sábados de formação, as aulas públicas eram convites para as/os artistas da escola, assim como às demais 140 artistas que não foram contempladas pelo edital e ao público em geral, do Galpão Bela Maré e de formações artísticas em geral. Priorizando as/os artistas da turma, os dias e horários foram definidos com a utilização da ferramenta Doodle, onde a turma votava em opções a partir de algumas disponibilidades que consideravam as possibilidades da/o educador/a convidado/a e do espaço onde aconteceria a aula. Ou seja, buscamos equalizar todos os fatores mediados pela escolha efetiva das/os artistas.

Já os nomes convocados para debate, foram aqueles que consideramos complementares e estruturantes para a formação aliados à pessoas que acreditamos serem especialistas nos conceitos propostos: Democracia com Luiz Camillo Osório; Formação com Gleyce Kelly Heitor; Cuidado com Alárinjô d’Omin Odara, Representatividade com Agrippina R. Manhattan; e Participação com Ramo Negro.

No dia **25 de setembro**, encontramos com o público na Villa Aymoré, instituição cultural voltada para formação e exibição na Glória, zona sul do Rio de Janeiro, para encontrar o crítico e curador Luiz Camillo Osório para uma conversa tangenciando Democracia a partir e além da experiência do Prêmio Pipa. As/os artistas trouxeram uma fala do lugar dos jovens artistas no prêmio que foi instigante e potente.



Aula Pública com Luiz Camillo Osório na Villa Aymoré - Glória
Foto: Jean Carlos Azuos

No dia **08 de outubro**, recebemos a educadora e pesquisadora Gleyce Kelly Heitor para uma conversa tangenciando Formação. Gleyce, com vasta experiência em práticas artísticas e educativas contemporâneas, propôs uma conversa a partir de seu percurso questionando os currículos na formação dos artistas que os tornam singulares tantos na suas poéticas, como na sua diferenciação no circuito.



Aula pública com Gleyce Kelly Heitor no Galpão Bela Maré
Foto: Nyl de Sousa

No dia **13 de novembro**, encontramos com o público no Parque Ary Barroso, zona norte do Rio de Janeiro, para uma vivência tangenciando Cuidado num movimento belo e inesperado da Aula Pública/Cuidado complementar os Encontros de Formação/Corpos, no que diz respeito ao cuidado ancestral como possibilidade de transcender as armadilhas pós-coloniais. Alárinjó d'Omin Odara iniciou a vivência evidenciando a importância de estar presente e pensar o zelo com a coluna, nossa estrutura corporal que responde às nossas emoções, culminando em atividades corporais de tradução de palavras em gestos e relaxamento. *Esta ação foi a primeira intervenção pública do projeto Escola Livre de Artes.*



Aula Pública com Alárinjó d'Omin Odara no Parque Ary Barroso
Foto: Talita Nascimento

No dia **19 de dezembro**, experienciamos trocas de saberes com a artista visual Agrippina R. Manhanttan em torno da provocação Representatividade, mas o envolvimento da conversa foi se desdobrando em reflexões sobre a presença e incômodos dos corpos urgentes no (cis) tema de arte. Foi uma conversa importante e encorajadora para desvendar caminhos possíveis na arte e suas subversões.



Aula Pública com Agrippina R. Manhanttan no Galpão
Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

No dia **16 de janeiro**, recebemos o artista e hacker cultural Ramo Negro para debater participação dando continuidade a relação construída com as/os artistas da ELÃ durante sua residência artística no Instituto Maria e João Aleixo, organização parceira do Observatório de Favelas. Ramo apresentou sua pesquisa acerca do hackeamento cultural na história das artes e nas instituições culturais e construiu uma roda de conversa pautada em como as/os artistas produzem agências coletivas.



Aula Pública com Ramo Negro no Galpão Bela Maré / Foto: Nyl de Sousa

AULAS PÚBLICAS			
Data	Tema	Espaço de Realização	Público
25/9	Democracia	Villa Aymoré	14
8/10	Formação	Galpão Bela Maré	7
13/11	Cuidado	Parque Ary Barroso	8
19/12	Representatividade	Galpão Bela Maré	6
16/01	Participação	Galpão Bela Maré	15
Total			50

4.9. Atelier Aberto

O Atelier Aberto aconteceu no período de 21 a 30 de novembro de 2019. Uma estratégia adotada pela equipe, compartilhando o espaço do Bela Maré e algumas ferramentas para todas/os artistas, de modo a estender experiências formativas, e momento oportuno para a “mão na massa”, e lugar importante para testar e modular as propostas expositivas na interação com o espaço. Este foi um tempo importante na transição entre os encontros formativos e os movimentos de montagem e abertura da exposição final da primeira turma da Escola.

Garantiu também que artistas, que não dispunham de um atelier e/ou de outros espaços físicos de criação, pudessem ter aqui um lar para as construções e “pirações” estéticas.



Irmãs Brasil durante o Atelier Aberto /
Foto: Nyl de Sousa



Alex Reis durante o Atelier Aberto / Foto:
Nyl de Sousa

5. EXPOSIÇÃO

Desde o projeto inscrito, colocamos-nos de frente com o desafio de após o ciclo formativo realizar uma exposição resultante deste processo, no galpão Bela Maré, de dezembro de 2019 a fevereiro de 2020. Esta parte do projeto representaria a culminância da formação e consiste em sua principal entrega pública. Para seleção das obras e montagem contamos com a forte contribuição da Automatica Produtora, que trabalhou diretamente no diálogo com o grupo de artistas a fim de consolidar a proposta final e suas demandas técnicas e artísticas.

5.1. Texto de Apresentação

ELÃ - O nome que a gente dá às coisas

O Galpão Bela Maré apresenta como eixo de atuação o objetivo de consolidar um espaço dialógico para a formação, difusão e fruição das artes em diversas linguagens, sobretudo as artes visuais, aliadas aos pensamentos e ações da política e do território, buscando assim fundamentar o entendimento dessas expressões como potência para reinvenções do viver, além de ferramentas para efetivação dos direitos plenos da democracia.

Concebida na perspectiva de um experimento artístico-pedagógico, a ELÃ - Escola Livre de Artes, através do edital endereçado a jovens artistas com pesquisas em linguagens e suportes variados, considerando a diversidade de gênero, étnico-racial, de sexualidade e de território, propôs refletir sobre um molde discursivo de formação acerca dos termos e práticas que definem os modos de pensar e fazer na arte em concepções ampliadas.

A exposição coletiva *O nome que a gente dá às coisas* configura um desdobramento do processo de formação, e está inserida no contexto da programação anual Bela Verão, que desde 2018 abre convocatórias para artistas territorialmente localizados em periferias e espaços populares. Estabelecendo para a cena das artes visuais políticas da presença e engajamentos estéticos.

As descobertas visuais d_s artistas ativadas nesse tempo-espaço investigam os sentidos produzidos por palavras que nomeiam as ações e processos artísticos como escola, artes visuais, artista, obra de arte, exposição e outras possibilidades, em especial os atravessamentos singulares vivenciados por est_s no que diz respeito aos seus percursos, corpos, materialidades, conceitos e agenciamentos.

O espaço expositivo aqui delineado incorpora e sobrepõe pulsões e vozes dess_s corp_s em poéticas que elucidam estratégias e táticas visuais no que tange ao material e ao imaterial, entre visualidades e subjetividades frente às armadilhas e desafios do ser-estar artista na contemporaneidade.

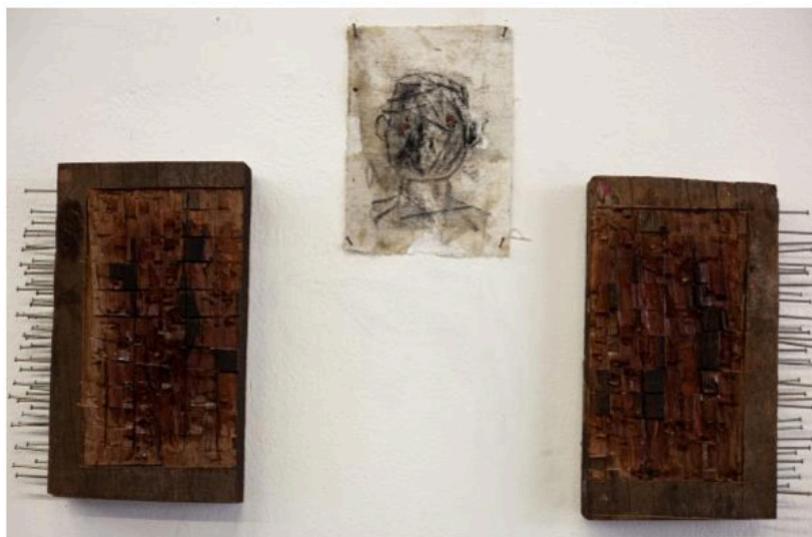
É sobre isso.

Érika Lemos Pereira e Jean Carlos Azuos

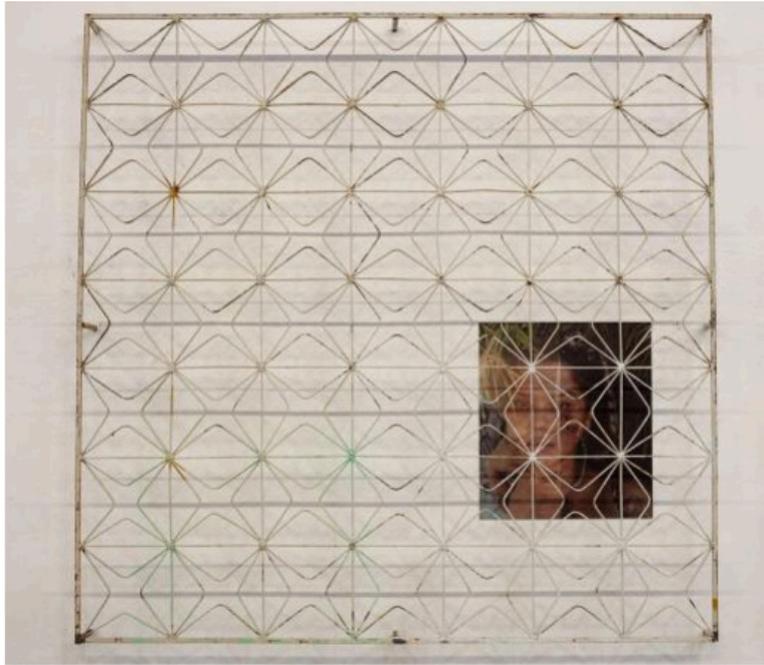
5.2. Registros das Obras



Artista: Thiago Saraiva |
Foto: Davi Marcos



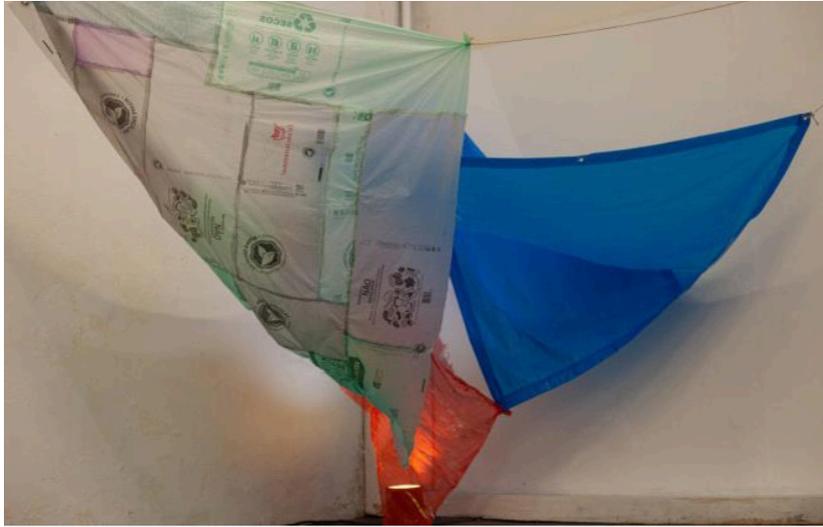
Artista: Rack | Foto: Davi Marcos



Artista: Agrade Camiz | Foto: Davi Marcos



Artista: Cruz | Foto: Davi Marcos



Artista: Ramon Silva | Foto:
Davi Marcos



Artista: Lucas Ururah | Foto: Davi
Marcos



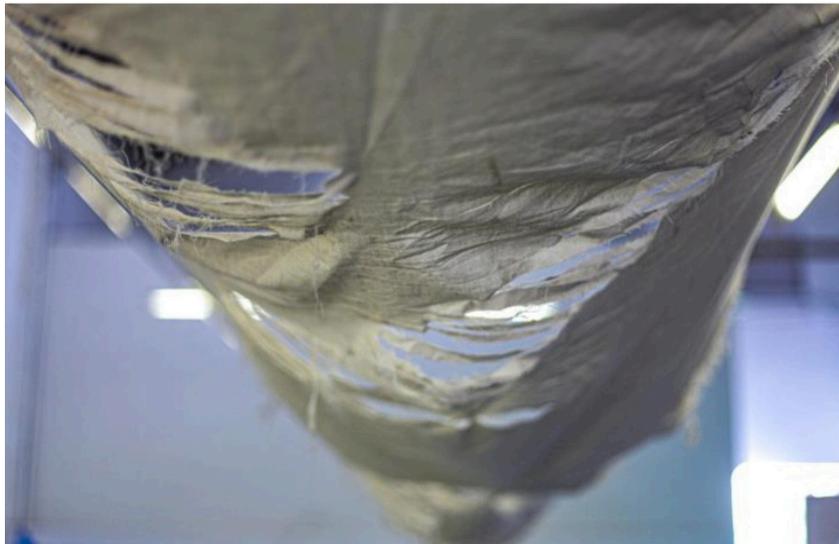
Artista: Beatriz Brito | Foto: Davi
Marcos



Artista: Andressa Núbia |
Foto: Davi Marcos



Artista: Talita Nascimento | Foto:
Davi Marcos



Artista: Lucas Araújo | Foto:
Davi Marcos



Artista: Alex Reis | Foto: Davi Marcos



Artista: Rainha F | Foto: Davi Marcos



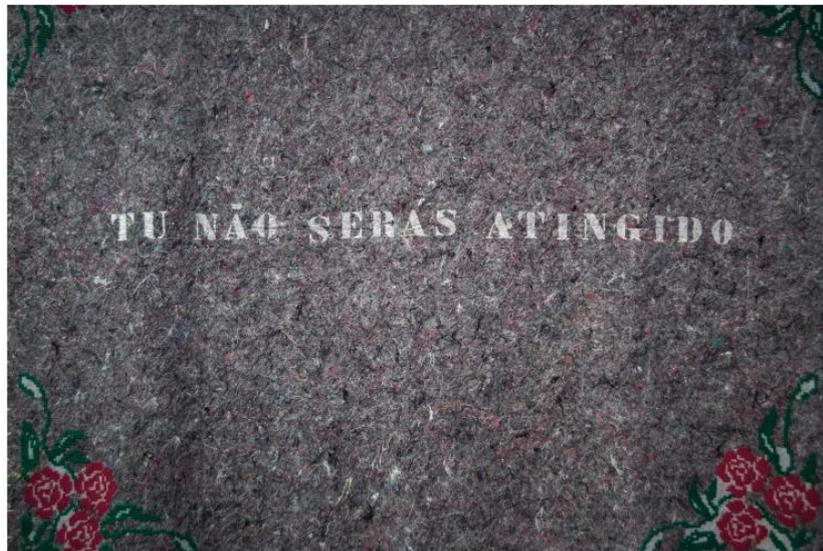
Artista: Guilhermina Augusti | Foto: Davi Marcos



Artista: Guilhermina Augusti | Foto: Davi Marcos



Artista: Jade Maria Zimbra | Foto: Davi Marcos



Artista: Lucas Assumpção | Foto: Davi Marcos



Artista: Lucas Assumpção | Foto: Davi Marcos



Artista: Mulambö | Foto: Davi Marcos



Artista: Aya Ibeji | Foto: Davi Marcos



Artista: Christine Jones | Foto: Davi Marcos



Artista: Kamila Camillo | Foto: Davi Marcos



Artista: Thiago Saraiva | Foto: Davi Marcos



Artista: Gabrielle dos Santos | Foto: Davi Marcos



Artista: Cruz | Foto: Davi Marcos



Artista: Arcasi | Foto: Davi Marcos



Artista: Manaíra Carneiro | Foto: Davi Marcos



Artista: Anderson Barreto | Foto: Davi Marcos

5.3. Programação de Abertura

A abertura da exposição aconteceu no dia **14 de dezembro** e para construção da programação, o grupo de artistas foi amplamente consultado e a convidado a pensar junto a construção deste momento. Além da ampla divulgação através da assessoria de imprensa e das redes sociais, foram distribuídos lambes pela Maré.



Ação de colagem de lambe / Foto: Gabrielle Vidal



Ação de colagem de lambe / Foto: Gabrielle Vidal

Vale destacar que contamos com o apoio da Cerveja Praya e do Brownie do Luiz para esta atividade.

 Estima-se que neste dia recebemos cerca de 303 visitantes no Galpão Bela Maré

16h - Abertura do Galpão Bela Maré para o público

17h - Performance Irmãs Brasil

19h - Dj Set Ramon Sllva

20h30 - Festa Mandinga com Aya Ibeji + Jade



Abertura da exposição O nome que a gente dá às coisas
Foto: Patrick Marinho



Abertura da exposição O nome que a gente dà às coisas
Foto: Davi Marcos



Ação de distribuição do Brownie do Luiz / Foto: Davi Marcos



Ativação de instalação com Anderson Barreto / Foto: Davi Marcos



Performance Eunucos dos Irmãos Brasil. Foto: Davi Marcos



Jade Maria Zimbra durante apresentação. Foto: Davi Marcos



Ação da Cerveja Praya. Foto: Davi Marcos



DJ Set de Aya Ibeji. Foto: Davi Marcos

5.4. Performance Eunucos - Irmãs Brasil

Sobre Eunucos:

“Porque há eunucos que assim nasceram do ventre da mãe; e há eunucos que foram castrados pelos homens; e há eunucos que se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode receber isto, receba-o”. - Matheus 19:12.

A Performance Eunucos, dos Irmãs Brasil, esteve em cartaz durante todo período de exposição. A dupla Viní Ventania e Vitória Jovem, se apresentou nove vezes nesta temporada, com constante mobilização de público, tendo reunido um total de 181 pessoas, que além de terem oportunidade de assistir o trabalho dos Irmãs Brasil também vivia a possibilidade de diálogo com a dupla logo após cada uma das sessões.



Performance Eunucos durante a temporada / Foto: Nyl de Sousa



Performance Eunucos durante a temporada / Foto: Nyl de Sousa

Esta ocupação foi uma experiência importante para o Galpão bela Maré e seu público, que passaram a ter a possibilidade de dois encontros semanais no contexto do contato e do diálogo com uma dupla participante da primeira turma da Elã. Nestes dias, nos tornamos território da performance e pudemos acompanhar muitos públicos e reações.

É diferente, no começo você fica um pouco perturbado com algumas obras. Você fica sem entender e do nada vem várias coisas na cabeça, você fica assim: "Cara, era tão óbvio, tão na cara". A performance das Irmãs Brasil eu fiquei sem entender no começo, de repente comecei a perceber sobre o corpo, do não aceitarem seu corpo, não te aceitarem, de ter que viver no mundo com essas pessoas e tudo começa a ter muita clareza, é lindo! Eu saio confiante e confortável após ter tido uma tarde tão boa.

Foi o que compartilhou conosco a Sarah, Assistente administrativo financeira do Bela Maré, após ter feito uma visita mediada na exposição e assistido Eunucos.

A performance Eunucos é interessante, é história, você ver a história que te falaram sobre os eunucos é interessante, história de resistência, tiveram seus testículos retirados, foram mutilados, está na história da África, até Jesus falou sobre os eunucos, eles eram pessoas que dormiam nas camas das senhoras, achei interessante a performance delas, das Irmãs Brasil.

E gostei da exposição, as obras que mais gostei foi o "Ande Como Homem" e os pênis.

Este foi o comentário do Allan, serviços gerais do Observatório de Favelas, após ter feito a visita, assistido a performance e participado da roda de conversa.

Sobre a performance das Irmãs Brasil, no início me deixou um pouco chocado, principalmente no susto do levantar da porta, assisti a performance e eles conseguiram falar no silêncio, não tiveram fala mas a cena da performance em si teve uma troca de energia, sem eles terem falado nada.

Foi o que contou pra gente o André, Assistente Administrativo do Observatório de Favelas, após ter acompanhado a apresentação.

Data	Público
14/12	70
21/12	6
04/01	12
16/01	18
18/01	12
23/01	14
25/01	3
30/01	4
01/02	42
Total	181

5.5 Programação de Encerramento

O encerramento da exposição aconteceu no dia 01 de fevereiro, a programação foi construída da mesma forma que a programação de abertura: a partir do convite e mobilização para que as/os artistas fossem protagonistas de sua elaboração e execução.

 **Estima-se que neste dia recebemos cerca de 152 visitantes no Galpão Bela Maré.**

Programação

15h Performance Gata Esportiva de Paty Fudyda e Performance Eunucos de Irmãs Brasil

16h Prosa com Artistas

19h DJ Set Elayne da Festa Abdução LGBTQI+ e Pocket Show Nzaje e Banca Black Owl

22h Encerramento



Paty Fudyda durante a performance Gata Esportiva. Foto: Davi Marcos



Cruz e Manaíra durante Prosa com Artistas / Foto: Davi Marcos



DJ Set Elayne da Festa Abdução LGBTQI+ . Foto Davi Marcos



Nizaje e Banca Black Owl. Foto: Davi Marcos

6. INTERVENÇÕES PÚBLICAS

Como parte do projeto inscrito, foram realizadas duas intervenções artísticas em praças públicas da cidade, no contexto das ações da Elã como forma de os processos artístico-pedagógicos transbordarem espaços privados e serem articulados com a meta 52 do Plano Estratégico da Cidade do Rio de Janeiro (2018). A referida meta prevê a revitalização e a qualificação de praças, para que estes espaços cumpram integralmente sua função, proporcionando áreas seguras de lazer e contemplação para a população carioca.

Intervenção 1: Dia **13 de novembro** - Aula Pública sobre Cuidado com Alárinjô d'Omin Odara no **Parque Ary Barroso**.



Foto: Talita Nascimento

Inaugurado em 64, o parque foi um dos primeiros espaços destinados exclusivamente a recreação dos moradores da região da Leopoldina, parte da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. Apesar de contar com quase 60 anos de história, o parque Ary Barroso passou por um longo período de abandono, que representou uma perda significativa de espaços destinados ao lazer e a convivência para a região. Atualmente, nele se encontram a Arena Carioca Carlos Roberto de Oliveira - Dicro, a sede das UPPs do Conjunto de Favelas da Penha, uma UPA e um CRAS.

Intervenção 2: Dia **09 de janeiro** - Intervenção Irmãs Brasil antes da exibição de Bacurau na **Praça do Parque União**.



Foto: Patrick Marinho

Parque União é uma das 16 favelas que compõem o Conjunto de Favelas da Maré, cuja ocupação data de 1961.

A Praça fica às margens da Avenida Brasil e é centro de grande circulação de pessoas e pólo gastronômico e cultural da Maré: ao redor dela há um conjunto grande de bares e restaurantes; em seu entorno há feira cerca de duas vezes por semana e em seu centro há um palco e uma estrutura de som e luz que garante que a Maré receba regularmente shows e apresentações.

7. PROGRAMA EDUCATIVO

No período de formação da Escola Livre de Artes - ELÃ, o Programa Educativo do Galpão Bela Maré, além de ter tido um papel central no planejamento e acompanhamento da formação das/os 25 artistas, se debruçou na compreensão dos seguintes nomes disparadores: "percursos", "corpos" e "materialidades", como um exercício de transpor estes eixos formativos da Escola para o cotidiano de ações com outros públicos e espaços de interlocução do programa. Somando-se à esta estratégia, a partir da abertura da exposição, somamos às práticas a provocação "O nome que a gente dá as coisas".

Assim, foram criadas as metodologias para os eixos Ações Poéticas, Bela em Movimento, CineBela, Oficinas de Verão e Visitas Mediadas entre os meses de setembro de 2019 a janeiro de 2020.

A participação aprofundada do educativo nos processos de construção da Escola foi importante para as descobertas de caminhos possíveis nos contornos da educação, das artes, na interlocução com os corpos/as enviesadas pelas táticas didáticas, dialógicas e outras experiências suscitadas em curso, relacionando-as a estruturação artístico-pedagógica consolidada no projeto e seus desdobramentos.

A interlocução com outras/os educadoras/os no processo estabeleceu grandes possibilidades de intercâmbios acerca dos conceitos, nos convocou a pensar outras práticas e metodologias e, fundamentalmente, despertou lucidez para os desafios e deslocamentos que a arte e a educação projetam nesse tempo de extremas potências subjetivas, amplas leituras e alargamento de sentidos.

 Durante o período, o Educativo realizou 20 atividades, e dialogou com 470 pessoas.

7.1. Ações Poéticas

“Ações Poéticas” é um eixo de atuação do Programa Educativo com a finalidade de realizar atividades socioeducativas em diversas linguagens da arte com produção material e imaterial e com interação entre os participantes, a partir de 6 anos. Assim, os públicos foram convidados a investigar uma série de atividades relatadas a seguir.

Em **23 de outubro**, a Ação Poética Percursos propôs um jogo de tabuleiro adaptado para perguntas referentes as histórias de vida e movimentos pela cidade como “Qual é o caminho da sua casa até a escola?” e “Para onde você gosta de ir no final de semana?” e prendas típicas desta modalidade de jogo como “Fique uma rodada sem jogar” e “Avance duas casas”.

Esta atividade educativa foi importante para construir diálogos acerca dos percursos de cada participante e para promover o convívio, tendo em vista que era possível jogar até 5 pessoas simultaneamente.



Foto: Nyl de Sousa

Em **27 de novembro**, a Ação Poética Corpos propôs exercícios de relaxamento, consciência corporal e confiança entre os participantes ao sugerir que, em círculo, as pessoas fizessem massagens e alongamentos umas nas outras. Apesar de dispersos, o grupo teve maturidade ao se responsabilizar pela integridade física coletiva.

Esta atividade educativa esteve em diálogo direto às vivências proporcionadas por Alárinjó d'Omin Odara no contexto da Aula Pública Cuidado.



Foto: Nyl de Sousa

Como estratégia de ativação do Galpão Bela Maré em dias de feriados, realizamos Ações Poéticas, neste período com interlocução do Espaço de Leitura e de artistas parceiros.

Em **07 de setembro**, em parceria com a educadora e bibliotecária Cláudia Ferreira, foi realizada uma ação poética durante nossa programação de feriado. A partir do livro "O Pote Vazio" de Demi, uma história que nos revela um menino que amava cultivar flores e que nos dá uma verdadeira lição sobre a honestidade recompensada, mergulhamos na singeleza e magia da cultura oriental.

No intuito de provocar o contato e o cuidado com a natureza de forma lúdica, todos foram convidados a plantar sementes em potes reutilizáveis e incentivados a promover e acompanhar o desenvolvimento das sementes. Os plantios foram realizados na oficina do Galpão. Foi gratificante ver que as crianças que participaram dessa atividade voltaram para compartilhar as mudanças que identificaram nas sementes plantadas, bem como comparar com das outras crianças.



Foto: Nyl de Sousa

Em **12 de outubro**, quando comemoramos o Dia das Crianças, realizamos a Ação Poética “Qual é seu sonho?” em parceria com a artista Flora Bulcão, em que as crianças foram convidadas a compartilhar quais são os sonhos no sentido onírico e/ou de imaginação de futuros que comporiam uma vídeo instalação e, posteriormente, convidadas a por as mãos na massa, literalmente, para cozinhar sonhos com farinhas, açúcar, leite e ovos.

Esta atividade educativa foi importante para ampliar os sentidos do nome “sonho” para cada participante e para promover o convívio. Também foi importante para reafirmamos a limpeza corporal antes de manusear alimentos. Por fim, contamos também com brincadeiras como “vivo e morto”, “galinha choca” e “concurso de dança”.



Foto: Nyl de Sousa

Em **02 de novembro**, realizamos uma ação poética em parceria com o Museu da Imagem Itinerante da Maré, uma iniciativa do fotógrafo e pesquisador Francisco Valdean. Usamos a data para pensar as memórias trazidas pelas fotografias de famílias sobre o território que habitamos, assim fomos apresentados a coleção do museu, que cabe em uma caixa de sapatos, em monoculares, negativos e álbuns de família. Foi impressionante as curiosidades das crianças participantes acerca do local onde vivem. No final, o pesquisador ficou emocionado com os desenhos produzidos pelas crianças a fim de sugerir imagens fantásticas para o acervo do museu.

 Ao total, foram realizadas 5 Ações Poéticas com a participação de 94 pessoas



Foto: Gabrielle Vidal

AÇÕES POÉTICAS		
Data	Proposta	Público
07/09	Contaçon de História	15
12/10	Qual é seu sonho?	32
23/10	Percursos	9
02/11	Museu da Imagem Itinerante da Maré	6
27/11	Corpos	32
TOTAL		94

7.2. Bela em Movimento

“Bela em Movimento” é a atividade do Programa Educativo que se debruça na ampliação de estratégias de disseminação e efetivação de partilha com o público em geral, e funciona como ferramenta de conexão entre nosso espaço e outros outros espaços do território da Maré e da metrópole, desdobrando externamente ações educativas fruto das exposições e programações do Bela Maré.

Nossos elos se constituem em torno de escolas da rede pública, instituições não governamentais e de terceiro setor, superfícies que provocamos as ativações e suas ressonâncias.

No período da ELÃ foram mobilizadas quatro instituições (uma escola municipal e instituições do terceiro setor) para receberem atividades em torno dos conceitos apresentados pelo planejamento da Escola Livre de Artes. Nas propostas provocamos reflexões e experimentações partindo das concepções de percursos, corpos, materialidades, videoarte, religião a partir de matrizes afro brasileiras, entre outras vertentes que o diálogo e troca nos possibilitaram.

 Ao total, foram realizadas 4 Bela em Movimento com a participação de 93 pessoas.

(...) As meninas também adoraram e ficaram a vontade, o que não é comum quando recebemos pessoas de fora, eles tendem a se fechar mas com vocês foi diferente.

O educativo do Bela Maré está de parabéns, as crianças gostaram muito, e dividi tudo que fizemos com a equipe geral da LPP porque é muito importante o ensinar partindo da educação artística, foi muito bom!

Só tenho a agradecer e quero que o Bela esteja mais presente em 2020 para ampliarmos a participação dos nossos alunos nas atividades em conjunto com vocês. (Gisele Santos, do Luta Pela Paz)



Bela em Movimento na EM Olimpíadas 2016.
Foto: Nyl de Sousa



Bela em Movimento no Instituto Vida Real
Foto: Gabrielle Vidal



Bela em Movimento no Luta Pela Paz
Foto: Gabrielle Vidal



Bela em Movimento na Lona da Maré
Foto: Nyl de Sousa

BELA EM MOVIMENTO		
Data	Grupo/Instituição	Público
18/10	EM Olimpíadas 2016	33
22/11	Instituto Vida Real	25
06/12	Luta Pela Paz	4
31/01	Lona da Maré	31
TOTAL		93

7.3. CineBela - Exibição de "Bacurau"

Em parceria com Fundação Roberto Marinho, apoio da Vitrine Filmes e do Cinemão, no dia 09 de janeiro, levamos a programação do CineBela, para a Praça União, com a exibição do filme "Bacurau", obra dirigida por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, premiado em Cannes e em festivais de cinema em todo o mundo, já foi assistido por mais de 600 mil pessoas no Brasil.



Foto: Marcella Pizzolato



Foto: Marcella Pizzolato

Bacurau - Sinopse

Pouco após a morte de dona Carmelita, aos 94 anos, os moradores de um pequeno povoado localizado no sertão brasileiro, chamado Bacurau, descobrem que a comunidade não consta mais em qualquer mapa. Aos poucos, percebem algo estranho na região: enquanto drones passeiam pelos céus, estrangeiros chegam à cidade pela primeira vez. Quando carros se tornam vítimas de tiros e cadáveres começam a aparecer, Teresa (Bárbara Colen), Domingas (Sônia Braga), Acácio (Thomas Aquino), Plínio (Wilson Rabelo), Lunga (Silvero Pereira) e outros habitantes chegam à conclusão de que estão sendo atacados. Falta identificar o inimigo e criar coletivamente um meio de defesa. Classificação etária: 16 anos.



[Link para o vídeo da exibição](#)

Na ocasião, lotamos a praça com a exibição do filme "Bacurau" e foi um dia muito especial para nossa equipe e com certeza inesquecível para o público da Maré.



Esta atividade mobilizou cerca de 307 pessoas.

7.4. Oficinas de Verão

No período das férias escolares e do verão, o Programa Educativo do Galpão Bela Maré recebeu nos dias 8, 9 e 10 de janeiro, através da Oficina de Verão, em torno 30 crianças, na faixa etária de 6 a 14 anos, que participaram de atividades experimentais e lúdicas ativadas pelos conceitos, metodologias e poéticas da exposição “Bela Verão - O nome que a gente dá às coisas” em diálogo com o território.

Sobre o perfil das crianças, do total de 34 inscritas/os, 29 crianças participaram. Destas, 17 participaram da edição 2019 das Oficinas de Verão e retornaram neste ano. Sobre seus territórios de origem, predominantemente, as crianças são moradoras/es da Nova Holanda, com total de 27 crianças, sendo uma da Baixa do Sapateiro e uma de Ramos.

	Crianças Inscritas	Idade	Favela e/ou bairro de Origem
1	Juan de Jesus	10	Nova Holanda
2	Jean de Jesus	8	Nova Holanda
3	Maria Cecilia	9	Nova Holanda
4	Maria Clara	8	Nova Holanda
5	Ryan	5	Nova Holanda
6	Mauricio Cavalcante Pelas	11	Nova Holanda
7	Sophia C. Santos	11	Nova Holanda
8	Grazi	9	Nova Holanda
9	Juliana Nascimento Campos	7	Nova Holanda
10	Emanuelle	7	Nova Holanda
11	Junior	11	Nova Holanda
12	Deivid	9	Nova Holanda

13	Nicole	6	Nova Holanda
14	Luiza	12	Nova Holanda
15	Alice	14	Nova Holanda
16	Yasmin	8	Nova Holanda
17	Lara Rocha Oliveira	10	Nova Holanda
18	Luciene Rocha Oliveira	10	Nova Holanda
19	Elias	9	Nova Holanda
20	Maria Clara	9	Nova Holanda
21	Ana Clara	8	Baixa do Sapateiro
22	Gabriel	7	Nova Holanda
23	Ana Beatriz	7	Nova Holanda
24	Maria Eduarda	8	Nova Holanda
25	Emili	9	Nova Holanda
26	Kauany	8	Nova Holanda
27	Renan	7	Nova Holanda
28	Geovana	8	Ramos
29	Yasmin	9	Nova Holanda
30	Alessandra	9	Nova Holanda
31	Ana Clara	8	Nova Holanda
32	Joao Victor	9	Nova Holanda
33	Kerolyn	7	Nova Holanda
34	Daniel	6	Nova Holanda

No dia **08 de janeiro**, nossa primeira atividade foi iniciar a visita com a provocação o ato de nomear, na obra "A queda da cabaça do segredo" de Anderson Barreto e em seguida exibimos 4 curtas "Chega de Racismo", "Pajerama", "Que corpo é esse?" e "Tromba trem: Desengordamento".

No primeiro dia de oficina, a gente assistiu filme, fomos na floresta e pintamos um personagem na folha de árvore. (Grazielle, 9 anos, moradora da Nova Holanda)

Após a exibição o educativo desenvolveu conversas acerca das questões levantadas pelos filmes, onde se discutiu sobre racismo, gênero, etnias, transformações urbanas e questões estéticas em torno do corpo.

Para finalizar o dia propusemos a construção de personagens, utilizando a técnica da pintura sobre folhas de árvores. Foi um processo muito bonito, na qual a criançada pôde experimentar outro suporte que não é a tela ou papel.

Encerramos o dia no lanche coletivo.



Exibição de filme durante a Oficina de Verão
Foto: Nyl de Sousa

No dia **09 de janeiro**, realizamos um acolhimento seguido por uma visita mediada na exposição, onde conversamos sobre território, e disparamos um olhar mais atento para as obras “Nova arquitetura defensiva ou design para proteção” de Lucas Assumpção e “Gigante” de Mulambö, ambas localizadas próximas a maquete do Conjunto de Favelas da Maré.



Confecção de bandeira durante as Oficinas de Verão
Foto: Nyl de Sousa

Eu gostei de ir lá em cima, ver as bandeiras. (Gabriel, 8 anos, morador da Baixa do Sapateiro)

Na sequência do dia, inspirados pelas obras já citadas, propusemos a criação de bandeiras a partir de materiais variados como retalhos, tecidos, tintas guache e pincéis, que tivesse algum sentido para eles/elas. Impressionante como surgiu muitas bandeiras relacionadas a time, no caso em específico o “Flamengo”, é realmente uma algo intrínseco no cotidiano destas crianças. Encerramos o dia no lanche coletivo.

No dia **10 de janeiro**, terceiro e último dia, iniciamos com o tradicional e necessário acolhimento, seguido pelas trocas de roupas, pois era o ansiado dia do BANHO DE PISCINA, pois não tem como abordar e viver o verão, sem propor uma atividade refrescante.

Gostei muito da piscina. (Emili, 8 anos, moradora da Nova Holanda)

Para além da piscina brincamos todos/as juntos/as de corda, e assim encerramos nossas oficinas. Mais uma vez encerramos o dia no lanche coletivo com um bônus, o picolé, e assim nos despedimos de todos/as com grandes sorrisos e alegrias.



Banho de piscina durante as Oficinas de Verão
Foto: Patrick Marinho

No Bela Maré, temos um cotidiano de intrínseca convivência com o público especialmente infantil da Maré. As/os pequenas/os já nos entendem como território de sua convivência e costumam nos visitar com muita regularidade. As Oficinas de Verão representam mais uma oportunidade de estarmos juntas/os de forma dedicada à este público tão querido e regular de nosso espaço, justamente num período em que muitas/os se encontram mais ociosas/os por conta das férias. É sempre uma oportunidade muito rica de nos divertirmos e aprendermos juntas/os.

 Ao total, foram realizadas 3 dias de Oficinas de Verão com a participação de 76 pessoas.

A gente aprendeu muita coisa na oficina de férias. Aprendi a não fazer bullying com as pessoas. (Yasmin, 9 anos, moradora de Ramos)

OFICINAS DE VERÃO		
Data	Atividade	Público
08/01	CineBela + Pintura em folhas	26
09/01	Visita Mediada + Construção de bandeiras	23
10/01	Banho de piscina + atividades	27
TOTAL		76

7.5. Visitas Mediadas

“Visitas Mediadas” é um eixo de atuação do Programa Educativo com a finalidade de propor conversas, partilhas e trocas na exposição, articulando conceitos e conteúdos pilares do projeto curatorial e os interesses dos participantes. As visitas, desdobram os conteúdos do acervo do Bela Maré (Espaço de Leitura e Modelo Vivo) e das exposições montadas. Da mesma forma que as demais atividades educativas, antes de termos a exposição montada, construímos as visitas mediadas a partir dos eixos formativos da Escola. Para esta parte do nosso trabalho, contamos com a preciosa parceria do Instituto JCA, que nos ajuda na negociação com a empresa de ônibus 1001, garantindo transporte para os grupos que vêm de territórios distantes da Maré.

No dia **09 de outubro**, na Visita Mediada - Percursos recebemos estudantes das turmas do 7º ano da Escola Municipal Brandt Horta, foi uma mobilização da equipe da Arena Carioca Dicró, que articulou e mobilizou a instituição também localizada na Penha. O espaço do Galpão Bela Maré não dispunha de uma exposição, logo a conversa foi conduzida e partiu dos diálogos e experiência entre Penha e Maré, de modo a também a olhar para nosso acervo, contando também com referências imagéticas de territórios periféricos suscitadas pelos catálogos do projeto Imagens do Povo.



Foto: Nyl de Sousa

O educativo apresentou o espaço e mostrou as possibilidades de criação artística a partir da favela, seus/suas sujeitos/as nos intermeios do cotidiano e das vivências. Para além do “Modelo Vivo”, maquete do Conjunto de Favelas da Maré, apresentamos esse território a partir do curta “Contos da Maré”, um curta que mescla realidade e ficção a partir de relatos familiares sobre lendas urbanas mareenses, dirigido por Douglas Soares. “Bando Recíproco” do artista Elilson endossou a visita, reativando reflexões acerca da cidade, mobilidade urbana e novos modo de (r)existir.

(...)Foi muito legal falar sobre território e todas as coisas que envolvem o conjunto de favelas da Maré, perceber a grandiosidade que é esse espaço, um espaço transformador social, foi muito bacana, os alunos gostaram muito e comentaram dentro do ônibus sobre reproduzirem uma maquete do território de onde eles são. (Professora Gisele, E.M. Brandt Horta)

No dia **06 de novembro**, na Visita Mediada - Corpos recebemos as turmas dos 8º e 9º anos da Escola Municipal Professor Souza Carneiro, instituição também localizada na Penha. A visita foi iniciada com a exibição do curta “Por dentro do funk 150 bpm”, que aborda aspectos e peculiaridades da cultura funk carioca, e nos traz um recorte que estabelece link entre os lugares Maré e Penha, a partir de seus bailes, Baile da Nova Holanda e Baile da Gaiola.

O momento em que a gente pode ouvir um pouco da história do funk, cultura da dança, da alegria, da vida que há dentro da favela foi muito importante, gostaram muito, eles se perceberam lá dentro, como um espaço deles, um território que faz parte da rotina deles. (Rosane Tavares - Coordenadora Pedagógica, EM Professor Souza Carneiro)

O documentário foi um importante disparador para falarmos sobre gênero, sobretudo na figura feminina na cena, identidade e as relações que os corpos tem no emaranhados de sentidos que o funk suscita. Entender sobre o surgimento da batida 150 bpm e seus/suas pioneiros/as e atuais protagonistas.



Foto: Nyl de Sousa

Entre identificações e estranhamentos, caminhamos por outras rotas no espaço do Galpão, conversamos e debatemos, pulsando ainda sobre os atravessamentos dessa expressão musical, a predominância da mesma em nosso cotidiano e as relações que acontecem em desdobramento, como por exemplo, drogas, sexo, opção de lazer, autonomia entre outras vertentes.

A princípio, olhamos o galpão vazio e pensamos “nossa o que a gente vai vivenciar aqui hoje?”. E foi assim: a gente descobriu que não precisa ter um material para que a gente olhe, sinta, aprenda e vivencie tudo que a gente teve hoje. (Rosane Tavares - Coordenadora Pedagógica, EM Professor Souza Carneiro)

Após abertura da exposição “ELÃ: O nome que a gente dá às coisas” no dia 14 de dezembro, as Visitas Mediadas que aconteceram em sequência foram mediadas pela própria exposição, intermediadas segundo as expectativas dos grupos e da escuta ativa dos/das educadoras do Galpão Bela Maré.

A estratégia de acolhimento “Qual é a história do seu nome?” despertada pelo título da exposição “O nome que a gente dá às coisas” foi uma ação bastante celebrada ao reduzir distâncias entre as pessoas e formando, efetivamente, grupos afetivos apenas ao compartilhar em voz alta os eventos que antecederam a escolha de nossos nomes e como esses eventos são lidados atualmente por cada pessoa. Afinal, nossos nomes são os nossos principais cartões de visitas.

No dia **18 de dezembro**, na Visita Mediada - Materialidades com o Coletivo CASA, usamos como disparador o “descobrir juntos” considerando que era a visita mediada inaugural na exposição.



Foto: Nyl de Sousa

A obra de arte “A queda da cabaça do segredo” de Anderson Barreto e “Eunucos” dos Irmãos Brasil foram as que mais chamaram atenção do grupo por questões opostas. A primeira pelo uso de material incomum, como folhas e cabaça, aliados a materiais que eram considerados habituais de serem encontrados em instituições culturais segundo o grupo, como projeção, luz e som. E a segunda pelo uso imaterial, como o chão pintado de branco recebendo camadas de sujeiras - ou seriam pigmentos - do gestual da performance. A reação do grupo em “pisar” em uma obra de arte era impactante e pensada como improvável!

No dia **15 de janeiro**, na Visita Mediada com a Lona da Maré iniciamos com as brincadeiras e cochichos em reação à obra de arte “Isso não é um consolo” de Arcasi. A partir daí, nossa conversa foi pautada por resignificar os objetos e as palavras que os acompanham: “O que é um consolo?”, “O órgão reprodutor masculino consola a quem?”, “Como andam os homens?”, “Quais são as experiências coletivas das crias do tijolinho?” e “Qual é o segredo que o índio tem para nos contar?”. Aprofundando assim questões sensíveis de representações e limitações de gênero e valorização dos saberes dos povos originários.



Foto: Nyl de Sousa

Ainda que a experiência no espaço expositivo seja sempre válida, Carlos Marra, responsável pelo grupo, compartilhou que

Também, comentaram sobre a obra do Anderson, muitas crianças que a gente atende elas são de núcleo familiar religioso, que tem uma construção cultural muito nesse sentido, por isso algumas delas não entraram, primeiro porque estavam com medo e depois por acharem que era um tipo de trabalho, a partir de uma ideia de macumba e religiões de matriz africana. (Carlos Marra - Produtor, Lona Cultural da Maré)

Essa reflexão nos motivou a realizar uma atividade do Bela em Movimento na Lona da Maré com curtas infantis que apresentassem os itãs, fragmentos das histórias dos Orixás, de modo lúdico.

No dia **21 de janeiro**, na Visita Mediada com o Programa Educativo do Instituto Moreira Salles - IMS, compartilhamos as experiências e desdobramentos do processo de construção artístico-pedagógica, nos muitos sentidos e camadas que compunham a Escola Livre de Artes (ELÃ). Iniciamos com uma breve acolhida em roda de apresentação contando a história de nossos nomes e, em seguida, indicamos uma fruição no espaço expositivo.



Foto: Nyl de Sousa

Em uma proposição final nos reunimos na sala do educativo, onde ativamos um diálogo em torno das impressões da exposição tecendo costuras entre eixos e conceitos dos encontros e aulas públicas da escola, que costurou e organizou as reflexões entre teorias e práticas, assim como o desenho do todo no espaço.

No dia **22 de janeiro**, recebemos para a Visita Mediada o Cine Rock, coletivo localizado em Rio das Pedras, que mescla pedagogias da cidadania, música e cultura, entre as práticas de intervenção, perpassa pela educação com crianças e adolescentes, de faixa etária diversa entre 7 a 17 anos. Iniciamos com a dinâmica de apresentação a partir das histórias dos nomes - interessante que poucos presentes sabiam expressar as narrativas de seus nomes, enquanto outros/as relataram histórias de nomes herdados de avós e avôs. Em seguida, dividimos o grupo em 2 e iniciamos a visita na exposição, na qual pautamos a partir do repertório e vivências deles/as, questões de território, práticas cotidianas, corpo e sexualidade.



Foto: Nyl de Sousa

No dia **23 de janeiro**, a Visita Mediada institucional reuniu 14 colaboradores do Observatório de Favelas na exposição. É um movimento pertinente em nossas práticas no Programa Educativo do Galpão Bela Maré propor partilhas com outras equipes e eixos da instituição, na perspectiva da troca e também para a compreensão do trabalho realizado nas visitas mediadas no espaço.



Foto: Nyl de Sousa

O encontro encorajou potentes narrativas a partir das visualidades no contato com as obras e nos atravessamentos que estas suscitaram. A performance Eunucos das Irmãs Brasil, que somou-se a programação da Visita Mediada foi para a maioria, o momento de maior impacto - entre estranhamentos e encantamentos -, seja pela linguagem e/ou por toda a cena que ação derramava nas pessoas presentes. Encerramos com um bate papo final com as artistas da performance, que dividiram com o público suas vivências e os processos de construção da cena.

Atravessou de uma forma de reconhecimento mesmo, como sujeito. A instalação que representa uma mata, me trouxe uma sensibilidade muito grande de mostrar como a gente pode estar em contato com a mata, e que muitas vezes não faz parte do nosso cotidiano. (André - Assistente Administrativo, Observatório de Favelas).

Bom, a visita mediada eu achei maneiro porque aprendi coisas que não sabia, o significado das obras, sobre os talentos dos artistas, as performances deles, a criatividade, a inteligência e da disposição de mostrar os trabalhos deles sem medo de dar alguma coisa errada, eu agradeço muito e meus parabéns a todos, sobre isso. (Luiz - Zelador Galpão Bela Maré)

No dia **29 de janeiro**, concluímos nosso período de Visitas Mediadas com o coletivo Fala Akari, que mobiliza grupos de crianças e adolescentes das favelas de Acari e adjacências, e se localiza em um dos lugares mais marginalizados da região, onde está também alocado o batalhão da PM que mais mata na cidade do Rio. O projeto por sua vez se coloca a reverter estes estigmas e estereótipos, criando aberturas e possibilidades a partir das políticas culturais de mobilidade e mudança de imaginário.

Os diálogos e costuras tem como dispositivo a exposição, sobretudo, o repertório das pessoas. Foi dentro destas margens que nós conduzimos a Visita Mediada, apresentando-nos, assim como os nossos territórios, percepções e olhares sobre as coisas. Os participantes tinham falas muito coesas politicamente, apesar da idade, e traziam reclamações acerca das mortes e da importância de driblar preconceitos e desigualdades. Este panorama reforça a importância dos líderes e dos usos de uma metodologia prática e visceral nestes espaços.



Foto: Nyl de Sousa

VISITAS MEDIADAS		
Data	TOTAL	Público
09/10	E.M. Brandt Horta	31
06/11	E.M. Souza Carneiro	42
18/12	Coletivo C.A.S.A.	32
15/01	Lona da Maré	22
21/01	IMS Educa - Rio	9
22/01	Cine Rock	23
23/01	Observatório de Favelas	14
29/01	Fala Akari	27
TOTAL		200

8. OUTRAS PROGRAMAÇÕES

8.1. Curso de Cinema Negro

O Curso de Cinema Negro, foi fruto de uma parceria com o Sesc Rio, através do Sesc Ramos. Os encontros foram mediados por Clementino Júnior, cineasta e educador. A partir de filmes dirigidos por cineastas do continente africano e suas diásporas, a oficina debate as questões apresentadas na tela, contextualizando com os tempos atuais.  Aconteceu no período de agosto a novembro de 2019 e reuniu um total de 209 pessoas, sendo que no período da ELÃ, recebemos 95 no contexto desta parceria.

Data	Público
05/09/2019	12
12/09/2019	8
19/09/2019	11
26/09/2019	7
03/10/2019	10
10/10/2019	4
17/10/2019	4
24/10/2019	9
31/10/2019	8
07/11/2019	5
14/11/2019	3
21/11/2019	4
28/11/2019	10
Total	95



Aula do dia 05/09/2019 da Oficina de Cinema Negro
 Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 12/09/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 19/09/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 26/09/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 03/10/2019. Foro: Nyl de Sousa



Oficina de 10/10/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 17/10/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 24/10/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 31/10/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 07/11/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 14/11/2019. Foto: Nyl de Sousa



Oficina de 21/11/2019 durante o evento na UniRio



Oficina de 28/11/2019. Encontro final
 Foto: Luisa Mello

8.2. CriptoFunk

A Criptofunk é um evento-festa que aconteceu no Galpão no dia 14/09/2019 em parceria com o DataLabe, objetivo do evento é difundir os conceitos fundamentais da criptografia, da privacidade e da liberdade na Internet, além de práticas de autocuidado e cuidados coletivos, e de segurança física. O evento abriga festa, discussões e oficinas sobre cuidados e segurança a partir de um olhar integral: nossos corpos precisam ser cuidados juntos, do digital ao físico, do individual ao coletivo.

O funk no nome não é decorativo, além de ser a batida da festa, o funk é uma forma de resistência prazerosa e de descoberta e cuidado do corpo. Para a Criptofunk, o corpo importa, e os territórios onde os corpos habitam e transitam também. Daí o evento ser na Maré: o debate sobre segurança e cuidados precisa ser feito a partir de múltiplos olhares e experiências.



Público: 134 pessoas



Debate sobre Criminalização do Funk com Deise Tigrona, DJ Rennan Valle, Raull Santiago.

Mediação de Clara Sacco. Foto: Nyl de Sousa

8.3. CineBela em parceria com Sesc Ramos

A PEDRA - 27/09/2019

Roberto Borges é professor do mestrado em Relações Étnico-Raciais do Cefet-RJ - curso que ele ajudou a criar. A professora Heloíse da Costa realiza, numa escola municipal da Vila Cruzeiro, favela do Complexo da Penha (RJ), um projeto que trabalha a construção de identidade de crianças negras nas séries iniciais do ensino fundamental. Aos 42 anos, Adelson Martins tenta terminar o ensino médio e gerir o seu próprio negócio, uma serralheria, com ajuda da esposa. O filme é um olhar sobre esses três personagens, aborda algumas de suas conquistas na luta antirracista, além de levantar questões sobre racismo na educação. O documentário A Pedra é uma produção do coletivo Siyanda - Cinema Experimental Negro e tem direção de Davidson Davis Candanda.

Classificação: Livre



Debate com o diretor Davidson Davis e Adelson Martins, um dos personagens do documentário
Foto: Nyl de Sousa

ANJO DE CHOCOLATE - 25/10/2019

Anjo de Chocolate é o registro de quase uma década sobre a vida de Sonya Silva, suas conquistas, suas derrotas, expectativas e acima de tudo, a superação das diversas batalhas travadas em sua vida pessoal, profissional e editorial para se firmar como escritora. Este filme pretende mostrar além de tudo o valor e o desejo de Sonya Silva de romper barreiras sociais e ser mais do que o padrão que a sociedade reservou a esta escritora.

Convidada Sonya Silva e Mediadora Carolina Aleixo
Classificação: Livre



Debate com Sonya Lima e Carolina Aleixo. Foto: Gabrielle Vidal

LUA - 29/11/2019

Realizado em novembro de 2017, durante o Festival 72 horas, de forma totalmente independente, com a ajuda de alguns apoiadores locais, o documentário onírico Lua, narra sobre as vivências de infância e o momento de sua transição de gênero de Lua Guerreiro, trans, não binária que se expressa pelo que é considerado feminino. A proposta é trazer para a tela um olhar humanizado de corpos transgêneros que por muitas vezes são representados pela violência e maus tratos.

Convidada Rosa Miranda e Mediador Clementino Jr.
 Classificação: Livre



Rosa Miranda, Clementino Júnior, Luisa Mello (Sesc Ramos) e turma do Luta Pela Paz. Foto: Nyl de Sousa

Dia	Filme	Público
27/09	A Pedra	13
25/10	Anjo de Chocolate	10
29/11	Lua	10



Público: 33 pessoas

8.4. Mostra Cannabis

Em parceria com o Coletivo João do Rio, recebemos no Bela Maré durante os dias 03, 04 e 05 de outubro a “V Mostra As Histórias da Cannabis em Filmes e Debates”, com a seguinte proposição:

Porque uma “guerra às drogas” que legitima a morte em nome da vida? Com a realização dessa mostra de cinema nos juntamos a outras iniciativas na denúncia da violência sistemática exercida pelo Estado brasileiro direcionado, principalmente, a uma parcela da população, pobres e pretos de favelas e bairros periféricos. Usamos o cinema e o diálogo para inserir nesse debate pessoas que acham que não estão ligados diretamente ao problema, por não serem usuários de drogas ilícitas ou por não morarem em áreas ditas de risco, e sensibilizá-las a se engajarem na luta pela vida, por mais direitos, justiça e cidadania. (MOSTRA CANNABIS, 2019)

03/10

Curta: “Estado de Proibição”, realização PBPD Plataforma Brasileira de Políticas de Drogas.

Longa: “Auto de Resistência”, direção Natasha Neri e Lula Carvalho

Classificação Indicativa 14 anos

04/10

Curta: “Uma de Quinze - A Maconha na Ditadura Uruguaia”, direção Matias Maxx.

“Dirijo”, direção Organização de Professores, Indígenas Mura e Raoni Valle.

Longa: “Bicho de Sete Cabeças”, direção Laís Bodanzky.

Classificação Indicativa 14 anos

05/10

Curta: “A Ciência dos Encantados”, direção Joanna Mendonça, Talita Correia e Roberta Pena.

Longa: “Legalize Já Amizade Nunca Morre”, direção Gustavo Bonaté e Johnny Araújo.

Classificação Indicativa 16 anos



Debate após exibição de filme. Foto: Nyl de Sousa

Data	Filme	Público
03/10	- Estado de Proibição - Auto de Resistência	5
04/10	- Uma de Quinze - A Maconha na Ditadura Uruguaia - Bicho de Sete Cabeças	4
05/10	- A Ciência dos Encantados - Legalize Já Amizade Nunca Morre	3



Público: 12 pessoas

8.5. Apresentação da pesquisa “Museus: Narrativas para o futuro”

No dia 15 de outubro, através de uma articulação com a equipe educativa, do Centro Cultural Oi Futuro, recebemos Bruna Cruz e Sandro Rosa, para uma conversa sobre museus e centros culturais a partir da pesquisa “Museus: narrativas para o futuro”, desenvolvida pelo Oi Futuro e pela Consumoteca.

Na ocasião, nossa equipe, juntamente com as/os colaboradoras/es do Observatório de Favelas que atuam na Arena Carioca Dicró, outro projeto do eixo arte e território da nossa organização, conversamos sobre as percepções que as pessoas têm sobre museus e centros culturais brasileiros e sobre os principais desafios e tendências destes espaços.



Público: 17 pessoas



Foto: Nyl de Sousa

8.6. Workshop de divulgação - Curso Jovens Negras no Audiovisual

Em parceria com o Cinema Nosso no dia **24 de outubro** aconteceu a divulgação do curso “Empoderamento e cinema: Jovens Negras no audiovisual” que tinha como objetivo promover o acesso democrático à produção, formação e empreendedorismo audiovisual à jovens negras moradoras da cidade do Rio de Janeiro.



Público: 03 pessoas



Foto: Marcia Farias

8.7. Abertura da Exposição “Masculinidades NOBELA”

No dia **13 de novembro**, realizamos a abertura da exposição “Masculinidades NOBELA”, um desdobramento da vivência de três artistas do grafite, nomes das/os artistas, e do pesquisador James Turner, antropólogo e parte da equipe brasileira do projeto GlobalGRACE.

As quatro pessoas ocuparam o Bela Maré durante durante os meses de setembro e novembro, pensando, pesquisando e produzindo a partir do debate de gênero a partir das lentes das masculinidades. O desafio era abordar a produção de conhecimento fora dos domínios acadêmicos tradicionais, mais especificamente arte de rua, como geradores de conhecimento para promover o bem-estar, a igualdade e a transformação das relações de poder existentes.

Ao construir caminhos para impactar e permitir o compartilhamento de competências artísticas criativas e críticas com e entre artistas, ativistas e acadêmicos, a exposição explorou os pontos levantados pelos artistas a partir do debate e reflexão em cima do tema masculinidades.

Na abertura, os artistas e o pesquisador falaram um pouco sobre o processo de criação e trocas de experiências na produção das artes em exposição.



Público: 78 pessoas



Foto: Marcia Farias



Foto: Marcia Farias



Foto: Marcia Farias



Foto: Marcia Farias



Foto: Marcia Farias



Foto: Marcia Farias

8.8. Curso Livre “Arte, gênero e política”

No dia **13 de novembro**, recebemos a UNIPERIFERIAS, para uma das aulas do Curso Livre “Repensando gênero: arte, política e masculinidades”, uma iniciativa do projeto GLOBALGrace no Brasil, que realizada de setembro a dezembro.

O curso pretendia reuniu professores, artistas, ativistas e pesquisadores com o objetivo de proporcionar um espaço para refletir sobre gênero, masculinidades hegemônicas, masculinidades negras e metodologias interseccionais especialmente no campo das artes, cultura e educação.

A aula que recebemos no Bela Maré teve como tema “Metodologias interseccionais e práticas artísticas” e foi ministrada por Andreza Jorge.



Público: 78 pessoas



Foto: Marcia Farias

8.9. Amaréarte

Em cada pedaço desse chão que foi mar, habitam artistas que, apesar de todos os desafios do cotidiano, estão produzindo, mas ainda encontram dificuldade em circular com seu trabalho e expor para o público. Entendendo essa demanda, o Bela Maré inaugura o AMARÉARTE no dia **16 de novembro**, um dia inteiro onde o espaço estará aberto para artistas da região trazerem seus trabalhos para expor. De forma simples e objetiva: é chegar no local e com suporte da equipe do galpão, achar um espaço e expor. Sem inscrições prévias, tudo feito na hora.



Público: 55 pessoas



Foto: Nyl de Sousa



Foto: Nyl de Sousa



Foto: Nyl de Sousa



Foto: Nyl de Sousa

8.10. Pretofagia

No dia **20 de novembro**, recebemos dezenas de pessoas no Galpão Bela Maré para a cena PRETOFAGIA¹³, do artista Yhuri Cruz. A ação é sobre criar uma cena-realidade outra, nova. E por isso se dá através da leitura e da encenação. O artista contou com presença de outros/as 6 artistas, que criaram juntos/as a dramaturgia, baseada em corpos pretos/pretas que se acham na iminência de um precipício, se comem e se aquilombam. O ato se deu em dois momentos: a leitura do ensaio do artista e a encenação coletiva.



Público: 62 pessoas



Atores em ação durante a performance. Foto: Nyl de Sousa



Elenco e público. Foto: Nyl de Sousa

¹³ É um conceito criado por Yhuri Cruz, que explora os caminhos para o fortalecimento das subjetividades pretas.

8.11. Festival Periferia Tem Potência

Dia **17 de dezembro**, recebemos mais uma vez a UNIPERIFERIAS, na ocasião do Festival Periferia Tem Potência, que celebrou o lançamento da Editora EDUNlperiferias e da Edição 4 da Revista Periferias, "Escola pública: potências e desafios" que se soma às três obras já publicadas pela editora: "Macumba", de Rodrigo Santos, "Clíris - Carolina Maria de Jesus - Poemas recolhidos" e "A poesia falada invade a cena em Sobral, Ceará" - org. Ary Pimentel.

Programação

14h - Espaço de Brincadeiras Artesanais Afrocentradas com Jaciana Melquiades

14h - Roda de conversa "Literatura e Periferia"

16h - Oficina- Sankofia - Pensamento Crítico na Escrita com Lu Ain-Zaila

16h - Exibição do filme Carlos de Assumpção: Protesto (1h23min) - Alberto Pucheu, seguido de um debate com o público.

18h - Mesa com Pedro Gerolimich, Jaílson Sousa e Silva, Jorge Barbosa e Rodrigo Santos - mediação Patrícia Santos

19h - Encerramento com Slam Maré Cheia e DJ Bieta



Público: 62 pessoas



Brincadeiras Artesanais Afrocentradas com Jaciana Melquiades. Foto: Nyl de Sousa



Mesa com Pedro Gerolimich, Jailson Sousa e Silva, Jorge Barbosa e Rodrigo Santos com mediação Patrícia Santos. Foto: Nyl de Sousa



Slam Maré Cheia. Foto: Nyl de Sousa

9. MOBILIZAÇÃO E ARTICULAÇÃO TERRITORIAL

Nesta parte do relatório, compartilhamos e avaliamos as ações no campo da Mobilização e da Articulação Territorial no período de setembro de 2019 a janeiro de 2020, no contexto de realização da ELÃ e das demais atividades do Galpão Bela Maré.

Para fins introdutórios, reiteramos a importância do trabalho de mobilização e articulação direcionado para o público da Maré, território que habitamos e diante do qual nos colocamos o constante desafio de estarmos mais e mais inseridos. A Mobilização e Articulação Territorial acaba sendo, assim, nosso principal elo com o público mareense e o disparador de muitas ações de comunicação, diálogo e circulação neste território.

Nossa mobilizadora tem como estratégia central de trabalho, manter-se ativa no diálogo com frequentadores frequentes do Bela (no caso das crianças, também com seus responsáveis) e a manutenção de um cotidiano de contatos com estes públicos estratégicos para nós. Em ocasiões de programações-chave, Gabrielle Vidal, se mobiliza de forma mais sistemática como parte de um plano que agrega a comunicação em geral e as ações de mobilização e articulação territorial.

No que diz respeito ao seu trabalho cotidiano, Gabrielle faz um apoio direto ao trabalho de comunicação in locu, principalmente na produção de conteúdo na forma de stories para o Instagram, especialmente nos dias de escala em que não contamos com a presença do nosso comunicador, Nyl de Souza. E, além disto, apoia também Michelle Barros, a produtora do Galpão Bela Maré, em dias onde precisamos trabalhar muitas frentes de organização do espaço, produção de lanches etc.

Há, ainda, no escopo do trabalho aqui desenvolvido, a responsabilidade pelo agendamento de Visita Mediada e Bela em Movimento, bem como o acompanhamento dos grupos que se deslocam até nós com o transporte garantido, através de valor solidário pela Empresa 1001, via parceria com o Instituto JCA.

ALGUMAS ESTRATÉGIAS

- Curso de Cinema Negro

A mobilização e articulação territorial atuou diretamente no contato cotidiano com a turma do Curso de Cinema Negro, enviando emails e mensagens por whatsapp com lembretes e reforços de acordos.

A mobilização também ficou responsável pelo envio semanal de fotos e listas de presença para nosso parceiro SESC Ramos.

- AmareArte

Para esta atividade a estratégia empregada contou com a busca de artistas e coletivos mareenses que dialogavam as artes em todos os sentidos. Contamos com a participação de 12 artistas e para fins de futuros contatos, construímos um formulário.

- Oficinas de Verão

Novamente o formulário de inscrição, foi utilizado como estratégia de sistematização do público que chega até nós.

No decorrer das oficinas, Gabrielle Vidal também atuou como ponto de apoio para as ações educativas, tendo em vista o desafio de conciliar a presença de tantas crianças ao mesmo tempo no espaço físico do Bela e sob nossa responsabilidade.

E

Abertura da exposição da Escola Livre de Arte ELÃ — 2019

O NOME QUE A GENTE DÁ ÀS COISAS

Abertura: Sábado, 19/12, 18h - Performances 20h - Fútsia

Exposição: Até 1/02/2020
Tempo de acesso: 10-18h

Galpão Bela Maré
Rua Bittencourt

BELA VERÃO - OFICINAS DE VERÃO

Estão abertas as inscrições para as Oficinas de Verão, que serão realizadas nos dias 8, 9 e 10, de quarta a sexta-feira, das 14h às 17h, para 25 crianças, na faixa etária de 7 a 12 anos, com atividades experimentais e lúdicas ativadas pelos conceitos, metodologias e poéticas da exposição "Bela Verão - O nome que a gente dá às coisas" em diálogo com o território, no Galpão Bela Maré.

*Obrigatório

Nome da criança *

Sua resposta _____

Idade *

Sua resposta _____

Nome do responsável *

Sua resposta _____

Contato *

Sua resposta _____

Endereço *

Sua resposta _____

Confirmo que preenchi e estou ciente das atividades programadas da Oficina de Verão, do Galpão Bela Maré. Autorizo a divulgação e a publicação de fotos da oficina, sem remuneração. *

Concordo

Outro:

Enviar

- Cartas-convites

As cartas escritas pela equipe e assinadas com o nome de todas/os que trabalham no Galpão Bela Maré materializam uma proposta de aproximação afetuosa, criação e fortalecimento de vínculos e parcerias com moradores/as.

Durante o período, foram impressas e distribuídas cartas juntamente com convites especiais para programações do Educativo e do Espaço de Leitura.

Foram elas:

VOCÊ É NOSSO CONVIDADO ESPECIAL !
VEM PASSAR O FERIADO COM A GENTE



AÇÃO POÉTICA DE DIA
QUAL É SEU SONHO?

ONDE: Rua Bittencout Sampaio,
 Nós funcionamos de **terça** a

VOCÊ É NOSSO CONVIDADO ESPECIAL !
VEM PASSAR O FERIADO COM A GENTE



EDUCATIVO NO
MUSEU DE IMAGENS

VAMOS CONHECER NO
E NOS DIVERTIR

MARÉ!

- Visitas regulares a espaços parceiros

Para fins de mantermos contato com alguns grupos estratégicos, por vínculo e proximidade entre os trabalhos realizados e confiança entre as equipes, mantemos idas regulares, constantes diálogos, distribuição de folders e colagem de cartazes no Colégio Estadual João Borges Moraes, Colégio Estadual Olimpíadas 2016, com a organização da sociedade civil Redes de Desenvolvimento da Maré; responsável pela Biblioteca, preparatório de Ensino Médio, Pré-Vestibular, Casa das Mulheres, Espaço Normal e pela Lona da Maré, o Instituto Vida Real e a Luta Pela Paz.

São espaços parceiros em processos de mobilização e articulação de públicos para atividades específicas e também grandes disseminadores da nossa programação para a diversidade de pessoas que circulam em seus espaços.

- Agendamento de visitas mediadas

Durante o período expositivo da ELÃ, conseguimos ônibus para transporte de grupos, a mobilização e a articulação territorial com apoio da equipe do Educativo e a Produção, na captação de contatos e coletivos, neste período, realizamos articulações com escolas e organizações de diversos territórios da cidade.

Assim, oferecemos transporte para ampliarmos a articulação com os diferentes públicos, disponibilizamos datas e os horários de atendimento do espaço e agendamos as visitas de acordo com a disponibilidade dos grupos acessados. A mobilizadora acompanhou os grupos que vieram com transporte no deslocamento até o Galpão Bela Maré.



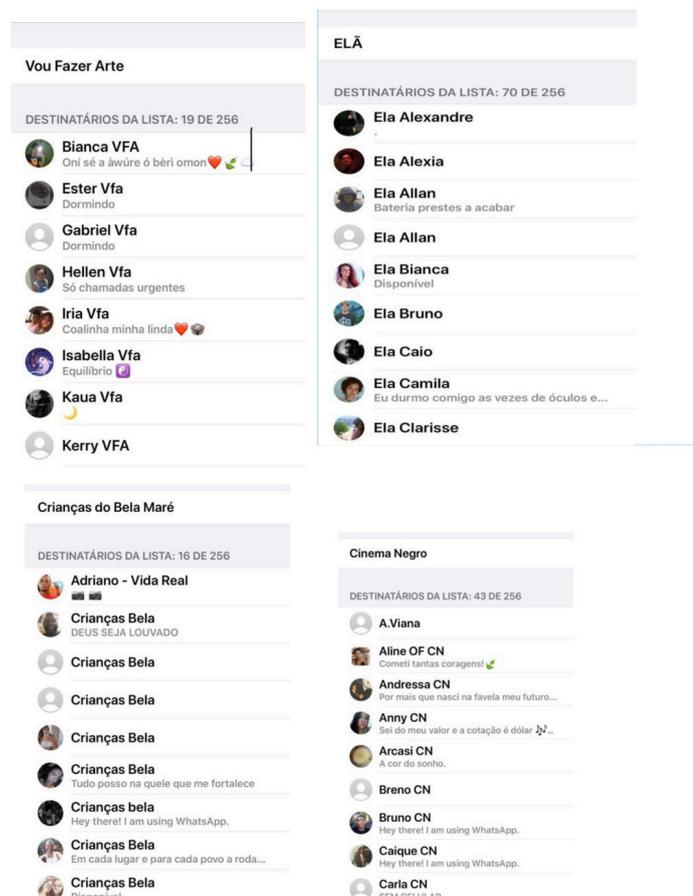
Deslocamento do grupo do projeto CASA, localizado na Favela do Aço, para visita mediada.

- Coleta de impressões de visitantes e/ou representantes de grupos

Para fins de sistematização de parte dos resultados qualitativos realizados, a articulação e mobilização territorial é responsável pela coleta, presencialmente ou via whatsapp, de feedbacks de visitantes e/ou representantes de grupos. É a partir deste trabalho que muitos dos relatos aqui compartilhados são produzidos. O registro é feito na forma de áudio e, na sequência, transcrito e disponibilizado para o conjunto da equipe.

- Listas de Transmissão | WhatsApp

Diante da avaliação de que esse canal de comunicação é importante para difusão de convites e chamadas, buscou-se de forma estratégica manter o contato com diversos grupos, de projetos atuais e anteriores, e a partir do mailing foram sendo construídas listas de transmissão, sempre mobilizadas a partir dos materiais gráficos produzidos.



10. ESPAÇO DE LEITURA

10.1. Higienização e reorganização do acervo

Durante o período, o principal destaque do trabalho do Espaço de Leitura, foi um amplo processo de limpeza, dedetização e reorganização, visando a higienização e melhor disposição dos livros, além da atualização de nossa sistematização do acervo. Nesta fase, a educadora e bibliotecária Cláudia Ferreira, contou com o apoio da bibliotecária Anna Carolina Lopes.

Este processo aconteceu da seguinte forma:

- I. Retirada de parte dos livros por blocos;
- II. Higienização individual dos livros;
- III. Alocação dos livros em lugar provisório, já separados por temáticas;
- IV. Higienização das estantes;
- V. Dedetização das estantes;
- VI. Realocação segundo suas categorias, as quais foram identificadas tomando como referência o seu CDD (Código Decimal Dewey); esta organização se fez respeitando o mapa temático e observando a estrutura do espaço.



Higienização do Espaço de Leitura.
Foto: Anna Carollina Lopes

10.2. Participação no Festival Geração do Amanhã

Os jovens que participaram do Vou Fazer Arte 2, projeto precedente à Elã, realizado entre junho e agosto de 2019, foram convidados a participar do Festival Geração do Amanhã, no dia **14 de setembro**. O evento da Rede Globo, contou, dentre outros, com o apoio do Observatório de Favelas e foi realizado no Museu do amanhã.

A educadora Cláudia Ferreira acompanhou o grupo que assistiu à mesa "O planeta está derretendo. E agora?", com o ator Mateus Solano, Tasso Azevedo (engenheiro florestal), Amanda Costa (Engajamundo) e Henrique Silveira (Casa Fluminense) e mediação da jornalista Sônia Bridi, mobilizando que nossas/os jovens fossem convocadas/os a refletir sobre o futuro do planeta e sobre ações imediatas para construir um mundo melhor.

Após a mesa o grupo participou das atividades que foram realizadas durante o festival, tendo sido a oficina de confecção de chaveiros com materiais reutilizáveis a que despertou maior interesse do grupo.



Público: 8 pessoas



Cláudia Ferreira e jovens do VFA2

10.3. AMARÉARTE e Sala de Leitura Maria Clara Machado

Para o AMARÉARTE, o espaço de leitura foi especialmente mobilizados da participação da Sala de Leitura Maria Clara Machado, um espaço voltado para o público infantil que pertence a biblioteca comunitária Lima Barreto. Este equipamento fica localizado na Favela Nova Holanda e tem como principal objetivo, mediar a leitura de forma lúdica, a fim de incentivar e propagar esse hábito entre as crianças.

Neste sentido, diante do reconhecimento das ações desenvolvidas no contexto do trabalho do espaço parceiro, especialmente com o público infantil, foi realizado o convite para que este levasse para o AMARÉARTE os livros produzidos pelas crianças, no contexto das atividades ali realizadas.

Avaliamos que esta ativação nos coloca como pólo mobilizador de encontros entre ações similares e projetos complementares, fortalecendo assim a Maré e seus públicos.



Foto: Claudia Ferreira



Foto: Claudia Ferreira

10.4. Espaço de Leitura Convida - Griôs da Maré

Em **21 de setembro**, através do Espaço de Leitura Convida, eixo regular do Espaço de Leitura, espaço de diálogo e vivência mediado pela literatura, por histórias e por narradoras/es e autores realizou um empolgante, delicioso e encantador chá com algumas das griôs do Conjunto de Favelas da Maré, em parceria com a organização parceira Redes da Maré através do seu núcleo de Memória e Identidade.

Em diálogo com nossas griôs¹⁴ tivemos oportunidade de imergir na ancestralidade africana das rainhas Dona Helena Edir, Dona Maria Vitória, Dona Durvalina, Dona Yara, Dona Aidee. Em roda, elas nos proporcionaram uma tarde regada à muita prosa, versos, risadas e lágrimas. Naquele tempo/espço, memórias afetivas e histórias reais foram resgatadas e compartilhadas com um grupo participativo, demonstrando emoções com os relatos das histórias de uma (ou muitas!) Maré cheia de vida.

Neste encontro, mais uma vez, foi evidenciado o protagonismo matriarcal nas lideranças em busca de conquistas que fazem parte das trajetórias individuais dessas mulheres, como as que constituíram os caminhos do território até aqui. Além das lutas e conquistas sociais, estas mulheres são provedoras de seus lares, no sentido objetivo e também, centralmente, nos sentidos amplos de cuidar e amar, extrapolando os contextos dos seus lares e transbordado para os espaços e práticas da ordem das sociabilidades coletivas.



Público: 24 pessoas.



Chá com as Griôs da Maré. Foto: Érika Lemos Pereira

14. Griô, Um personagem importante na estrutura social da maioria dos países da África Ocidental, cuja função primordial é a de informar, educar e entreter” (SANTIAGO, 2012 <https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>),

10.5. Espaço de Leitura Convida - Dayse Gomis

Nesta edição que aconteceu no dia **30 de novembro** a convidada foi a ativista, feminista, mulher negra, ilustradora, pesquisadora de ritmos populares, Dayse Gomes. Nossa convidada iniciou a roda de conversa com ludicidade encantando o público, majoritariamente infantil, contando sua trajetória pessoal junto a apresentação da cartilha sobre intolerância religiosa que contou com suas ilustrações.

A cultura de matriz africana foi a florada com oficina de Bonecas Abayomi, que se deu a seguir e teve a participação da educadora e bibliotecária do Espaço de Leitura com a contação da história sobre origem e significações da boneca. O público foi convidado a confeccionar as bonecas e fazer um chaveiro que levaram para casa. O encontro foi encerrado ao som do Itan Orin, um grupo de seis artistas que unindo suas trajetórias em diversas linguagens se propõe fomentar a cultura, disseminando a História através da musicalidade. Nesse momento todos foram convidados a participar de uma linda roda de jongo.



Público: 31 pessoas.



Foto: Gabrielle Vidal

10.6. Espaço de Leitura Convida - Sidarta Ribeiro

Na quarta-feira, dia **18 de dezembro** o Espaço de Leitura recebeu o conceituado neurocientista, biólogo e escritor Sidarta Ribeiro, conversando sobre o seu último lançamento "O Oráculo da Noite - A História e a Ciência do Sonho". Sidarta deu uma verdadeira aula explanando suas pesquisas e conhecimentos, elucidando muitas questões sobre um dos grandes enigmas da humanidade ao recuperar narrativas literárias e históricas do mundo todo.



Público: 38 pessoas.



Foto: Nyl de Sousa

11. COMUNICAÇÃO

O Galpão Bela Maré iniciou a construção de sua presença nas Mídias Sociais a partir de setembro de 2017; passando 2018 em experimentações em busca dos seus público, de metodologias de engajamento e informação de seguidores e possíveis seguidores de forma orgânica. Assim, a comunicação do Galpão Bela Maré foi encontrando formas de visibilizar o que aconteceu, quais as ações/projetos/atividades do período e programações que virão, tentando apresentar o Galpão Bela Maré como um território da arte, vivo e com muitas frentes de ação.

Nosso Facebook foi estrategicamente utilizado para publicizar programações, edital, ações, oficinas, eventos e matérias/reportagens em que a ELÃ foi pauta - a partir da ação de assessoria de imprensa - e que abordavam temas que dialogavam com ideias e conceitos debatidos durante as atividades de formação. Fotografias, textos e vídeos foram as linguagens mais utilizadas para informar, interagir e suscitar debates nas redes sociais do Galpão Bela Maré.

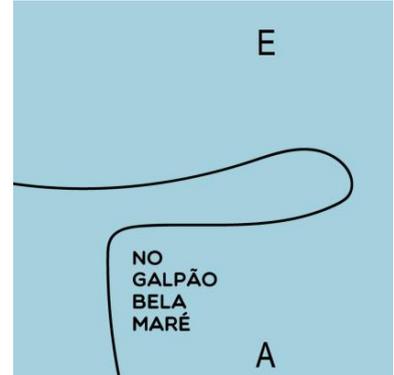
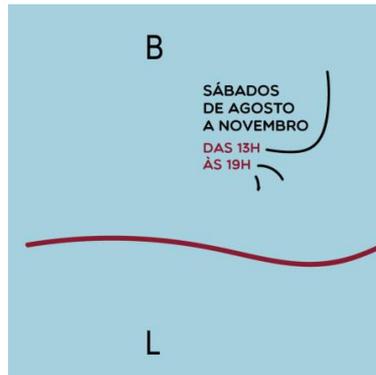
Já o nosso Instagram é compreendido por nós como uma rede muito boa para transformar nossos registros em uma "vitrine online", onde podemos pensar com mais calma como queremos apresentar nossas ações já realizadas e com uma preocupação maior com a estética e a organização dos registros. Durante a ELÃ, o Instagram se tornou a rede social chave para publicizar os artistas, as obras e a experiência ELÃ individual e coletiva. A estratégia de criar conteúdo específico para essa rede se deu a partir do entendimento quanto a contundente presença e engajamento dos diferentes públicos (artistas e pessoas em geral interessadas em arte e juventude) que as ações da ELÃ buscavam alcançar.

A partir de fotografias individuais e em grupos produzidas por profissionais de fotografia e arte, o Instagram do Galpão Bela Maré se transformou em um catálogo online. As imagens e relatos dos artistas aliadas se transformaram em narrativas potentes e serviram de pano de fundo para divulgar a abertura, o período expositivo e o encerramento da exposição. A interação com os artistas foi fundamental para alcançar resultados relevantes de interação e engajamento na rede social.

Por último, usamos o espaço dos "stories", ferramenta da rede que nos possibilita, além de divulgar diariamente nossa programação, mostrar ao público online o que está acontecendo em tempo real no nosso espaço.

11.1. Peças Gráficas

a. Setembro



Feed Instagram / Mosaico



Stories

B

GALPÃO BELA MARÉ | ELÃ

SETEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020

E



Capa de página



Aula Pública sobre Democracia - Luiz Camilo Osório

L

A

B

GALPÃO BELA MARÉ | ELÃ
SETEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020

E



CineBela Sessão de Setembro



CineBela Sessão de Setembro

L

A

b. Outubro



Ação Poética Dia das Crianças - Qual Seu Sonho?



Ação Poética Percursos



Aula Pública sobre Formação com Gleyce Kelly Heitor



CineBela Sessão de Outubro



CineBela Sessão de Outubro

c. Novembro



Espaço de Leitura Convida com Dayse Gomes



Ação Poética convida MIIM - Museu da Imagem Itinerante da Maré



Ação Poética com Pretofagia



AMARÉARTE - Convite público



AMARÉARTE - Convite Artistas

B

GALPÃO BELA MARÉ | ELÃ

SETEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020

E



AMARÉARTE - Capa evento



Aula Pública sobre Cuidado com Alárinjô d'Omin Odara



CineBela sessão de Novembro

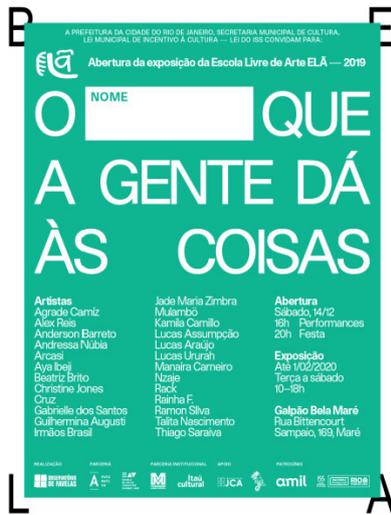


CineBela sessão de Novembro

L

A

d. Dezembro



Capa evento de abertura O nome que a gente dá às coisas

Convite abertura da exposição O nome que a gente dá às coisas



Capa de página



Aula Pública sobre Representatividade com Agrippina R. Manhattan



Espaço de Leitura Convida Sidarta Ribeiro



Performance Eunucos

e. Janeiro



Temporada Performance Eunucos



Aula Pública sobre Participação com Ramo Negro



Oficinas de Verão

B

GALPÃO BELA MARÉ | ELÃ

SETEMBRO DE 2019 A JANEIRO DE 2020

E



Capa de evento - Oficinas de Verão



Oficinas de Verão



Capa de evento - Oficinas de Verão

L

A

11.2. Análise das Redes Sociais

SETEMBRO:

VISÃO GERAL - FACEBOOK

- 57 pessoas seguiram a página neste período
- 54 pessoas curtiram a página neste período
- Alcance total no período (12.560)
- Alcance orgânico média no período (419)
- 44% dos nossos seguidores tem de 25 a 34 anos
- 16% dos nossos seguidores tem de 18 a 24 anos
- Média de 01 descurtida no período

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Facebook CineBela apresenta A Pedra

The image shows a screenshot of a Facebook post from the page 'Galpão Bela Maré'. The post is dated 10 de setembro de 2019 and is titled 'CINEBELA apresenta A Pedra'. The text of the post reads: ' Toda última sexta-feira do mês acontece o nosso CineBela e neste mês não será diferente! Dia 27 iremos exibir o documentário A Pedra, produzido pelo coletivo Siyanda Cinema Experimental do Negro com direção de Davidson Davis Candanda, que aborda conquistas na luta antirracista na trajetória de 3 personagens, além de levantar questões sobre racismo na educação. ... Ver mais'. Below the text is a movie poster for 'A PEDRA' featuring three people's faces. The poster includes the text 'CINEBELA', 'A PEDRA', 'DIA 27/09 GRATUITO ÀS 16H', and logos for 'MUSEU DE FAVELAS' and 'Sesc'. To the right of the post is a 'Desempenho da sua publicação' (Post Performance) section with the following data:

Desempenho da sua publicação		
1.410 Pessoas alcançadas		
118 Reações, comentários e compartilhamentos		
55 Curtir	12 Na publicação	43 Em compartilhamentos
41 Amei	6 Na publicação	35 Em compartilhamentos
10 Comentários	5 Em uma publicação	5 Em compartilhamentos
12 Compartilhamentos	12 De uma publicação	0 Em compartilhamentos
91 Cliques em publicações:		
12 Visualizações de foto	1 Cliques no link	78 Outros cliques
FEEDBACK NEGATIVO		
0 Ocultar publicação	1 Ocultar todas as publicações	
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página	

At the bottom of the performance section, it states: 'As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações'.

[Link da Postagem](#)

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Instagram

BE LA galpaobelamare Galpão Bela Maré

Informações da publicação

188	9	5	1
10	963		
Visitas ao perfil	Alcance		

[Link da Postagem](#)

OUTUBRO:
VISÃO GERAL - FACEBOOK

- 70 pessoas seguiram a página neste período
- 69 pessoas curtiram a página neste período
- Alcance total no período (11.450)
- Alcance orgânico média no período (237)
- Média de 01 descurtida no período

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Facebook

Galpão Bela Maré
Publicado por Nyl de Sousa [?] · 21 de outubro de 2019 ·

Nesta quinta-feira (24) às 13h30, receberemos o workshop de divulgação do Curso "Empoderamento e cinema: Jovens Negras no audiovisual" aqui no galpão.

O curso é uma realização do CINEMA NOSSO e é voltado para jovens negras de 18 a 25 anos. A ideia do workshop é abrir oportunidade para moradoras da Maré e adjacências.

Teremos exibição de filmes, bate papo e convocatória para pré-inscrições. ... Ver mais

EMPODERAMENTO E CINEMA JOVENS NEGRAS NO AUDIOVISUAL

CURSO GRATUITO
MÓDULOS: GAMES, Ficção, DOCUMENTÁRIO

Desempenho da sua publicação		
1.378 Pessoas alcançadas		
37 Reações, comentários e compartilhamentos		
24 Curtir	16 Na publicação	8 Em compartilhamentos
6 Amei	6 Na publicação	0 Em compartilhamentos
1 Comentários	0 Em uma publicação	1 Em compartilhamentos
6 Compartilhamentos	6 De uma publicação	0 Em compartilhamentos
26 cliques em publicações		
4 Visualizações de foto	0 Cliques no link	22 Outros cliques
FEEDBACK NEGATIVO		
0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações	
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página	
As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações		

[Link da Postagem](#)

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Instagram

[Link da Postagem](#)

NOVEMBRO:

VISÃO GERAL - FACEBOOK

- 70 pessoas seguiram a página neste período
- 69 pessoas curtiram a página neste período
- Alcance total no período (11.490)
- Alcance orgânico média no período (357)
- Média de 01 descurtida no período

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Facebook

Galpão Bela Maré
 Publicado por Nyl de Sousa [?] · 30 de novembro de 2019 ·

ELÃ - o nome que a gente dá as coisas

O processo formativo da ELÃ reuniu 25 artistas, educadoras/es e produtoras/es durante os sábados de Agosto a Novembro e foi uma lindeza só!

Agora é hora do mundo ver e sentir o que essas pessoas incríveis tem para compartilhar! ... Ver mais

Desempenho da sua publicação

1.845 Pessoas alcançadas

118 Reações, comentários e compartilhamentos

64	38	26
👍 Curtir	Na publicação	Em compartilhamentos
45	23	22
❤️ Amei	Na publicação	Em compartilhamentos
1	1	0
Comentários	Em uma publicação	Em compartilhamentos
8	8	0
Compartilhamentos	De uma publicação	Em compartilhamentos

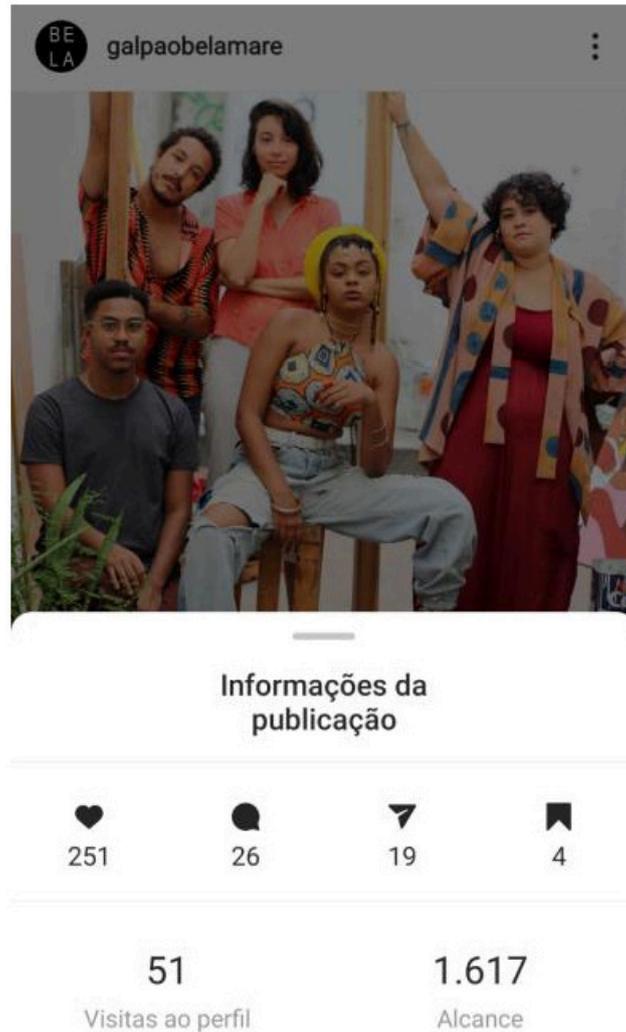
98 Cliques em publicações

20	0	78
Visualizações de foto	Cliques no link	Outros cliques

FEEDBACK NEGATIVO

0	0
Ocultar publicação	Ocultar todas as publicações
0	0
Denunciar como spam	Descurtir Página

[Link da Postagem](#)

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Instagram

[Link da Postagem](#)

DEZEMBRO:

VISÃO GERAL - FACEBOOK

- 69 pessoas seguiram a página neste período
- 67 pessoas curtiram a página neste período
- Alcance total no período (11.455)
- Alcance orgânico média no período (335)
- Média de 01 descurtida no período

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Facebook

Galpão Bela Maré
 Publicado por Nyl de Sousa [?] · 16 de dezembro de 2019 · 🌐

ELÃ - AULA PÚBLICA!
 Nesta quinta-feira às 10h30

A aula pública surge como forma de complementar e ampliar o acesso aos encontros e discussões surgidas durante o processo formativo da Escola Livre de Artes - ELÃ. A convidada para esta aula é a artista, pesquisadora e travesti Agrippina R. Manhattan com o tema REPRESENTATIVIDADE....
 Ver mais

Desempenho da sua publicação

1.458 Pessoas alcançadas		
133 Reações, comentários e compartilhamentos		
71 Curtir	22 Na publicação	49 Em compartilhamentos
48 Amei	11 Na publicação	37 Em compartilhamentos
6 Comentários	2 Em uma publicação	4 Em compartilhamentos
8 Compartilhamentos	8 De uma publicação	0 Em compartilhamentos
112 Cliques em publicações		
20 Visualizações de foto	0 Cliques no link	92 Outros cliques
FEEDBACK NEGATIVO		
0 Ocultar publicação	0 Ocultar todas as publicações	
0 Denunciar como spam	0 Descurtir Página	

As estatísticas informadas podem estar defasadas em relação ao que aparece nas publicações

ELÃ
 A Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de cultura, Lei Municipal de Incentivo à cultura - Lei de 153 apresentam

ELÃ
 "O NOME QUE A GENTE DÁ AS COISAS"

AULA PÚBLICA
 SOBRE REPRESENTATIVIDADE

NO GALPÃO BELA MARÉ .
19 DE DEZEMBRO
ÀS 10H

COM AGRIPPINA R. MANHATTAN

[Link da Postagem](#)

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Instagram

[Link da Postagem](#)

JANEIRO:

VISÃO GERAL - FACEBOOK

- 62 pessoas seguiram a página neste período
- 58 pessoas curtiram a página neste período
- Alcance total no período (11.387)
- Alcance orgânico média no período (328)
- Média de 01 descurtida no período

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Facebook

The image shows a Facebook post from the page 'Galpão Bela Maré'. The post text reads: 'BACURAU NA MARÉ! Foi lindão e agora vocês podem ver como foi ❤️'. Below the text is a video thumbnail featuring a smiling woman with the caption 'Favela é lugar de cinema!'. The post is attributed to 'Nyl de Sousa' and dated '28 de janeiro'. To the right of the post is a 'Desempenho da sua publicação' (Post Performance) analytics panel.

Desempenho da sua publicação		
1.808 Pessoas alcançadas		
310 Reações, comentários e compartilhamentos		
149 Curtir	33 Na publicação	116 Em compartilhamentos
131 Amei	26 Na publicação	105 Em compartilhamentos
12 Comentários	4 Em uma publicação	8 Em compartilhamentos
18 Compartilhamentos	16 De uma publicação	2 Em compartilhamentos
202 Cliques em publicações		
0 Visualizações de foto	82 Cliques no link	120 Outros cliques

[Link da Postagem](#)

MELHOR POSTAGEM EM ALCANCE E ENGAJAMENTO - Instagram

[Link da Postagem](#)

10.3. Clipping

Durante o período de divulgação da Escola Livre de Artes - ELÃ foram publicadas seis notícias em veículos distintos, sendo quatro inserções em mídias com alta audiência e duas com audiência média.

Quanto ao valor dessas notícias, tem-se: R\$ 78.843,00 em veículos de alta audiência e R\$ 77.143,00 em veículos de audiência média.

[On-line | Jornal O Globo | 03/08/2019](#)



Observatório de Favela oferece formação profissional em artes em parceria com Parque Lage

Curso começa no dia 17, no Galpão Bela Maré, na Favela Nova Holanda

O Globo
03/08/2019 - 12:00

RIO — O Observatório de Favelas acaba de lançar, em parceria com a Produtora Automática e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage, a primeira turma da Escola Livre de Artes da Maré - Elã, cujas atividades acontecerão no **Galpão Bela Maré**, na Nova Holanda.

[On-line | Portal Yahoo | 15/12/2019](#)

Bela Maré

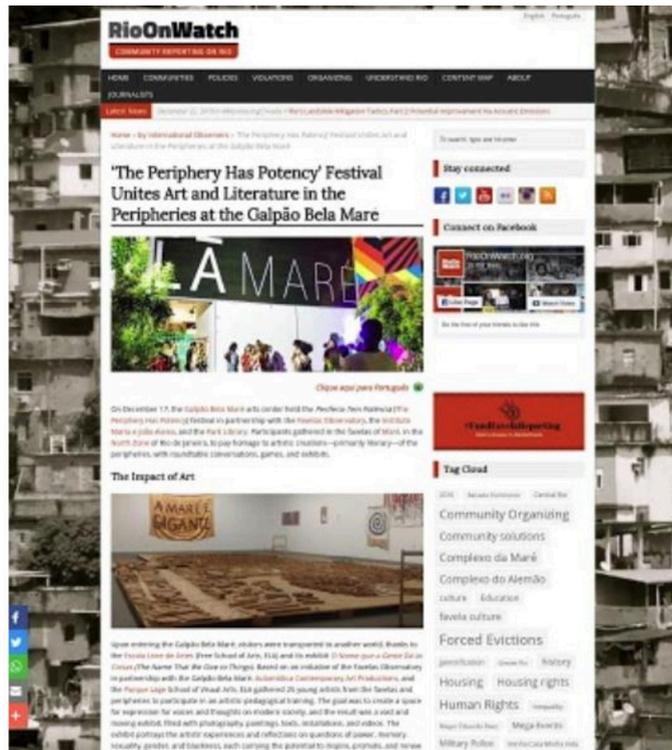
Nos dias 8, 9 e 10 de janeiro, das 14h às 17h, crianças de 7 a 12 anos poderão participar, no **Galpão Bela Maré** (Rua Bitencourt Sampaio, Maré), de atividades lúdicas desenvolvidas a partir da exposição "Bela Verão — O nome que a gente dá às coisas". Inscrições: De 2 a 7 de janeiro, das 10h às 18h, no **Galpão Bela Maré**.

[Impresso e on-line | Jornal Extra | 15/12/2019](#)
(Valuation Extra: R\$ 6.300,00 Nota)

BELA MARÉ

Nos dias 8, 9 e 10 de janeiro, das 14h às 17h, crianças de 7 a 12 anos poderão participar, no Galpão Bela Maré (Rua Bitencourt Sampalo, Maré), de atividades lúdicas desenvolvidas a partir da exposição "Bela Verão – O nome que a gente dá às coisas". Inscrições: De 2 a 7 de janeiro, das 10h às 18h, no Galpão Bela Maré.

[On-line | Rio On Watch | 01/01/2020](#)
(Valuation Rio On Watch: R\$ 300,00 2 laudas)



On-line | Rede Brasileira de Notícias | 31/01/2020
(Valuation Portal RBN: R\$ 700,00 Fullbanner)



On-line | Portal Nova Bahia On-line | 31/01/2020
(Valuation: R\$ 700,00 Fullbanner)



12. NÚMEROS

As visitas no Galpão Bela Maré durante os meses de agosto de 2019 a janeiro de 2020, para além do número de pessoas que visita cotidianamente o espaço para fins casuais (água, banheiro, uso do wi-fi, consultas no Espaço de Leitura, breves reuniões entre grupos que solicitam a Sala do Educativo e crianças que se habituaram a fazer do Bela espaço para desenharem), pelas/os jovens artistas que se mantiveram semanalmente vivenciando o processo formativo da primeira turma da ELÃ, pelas/os visitantes da exposição final do projeto e por frequentadoras/es dos eventos realizados em colaboração com parceiros.

Contabilização de público em atividades com parceiros			
Data	Atividade	Parceiros	Público
05/09/2019	Curso de cinema negro	Sesc	13
12/09/2019	Curso de cinema negro	Sesc	8
14/09/2019	CriptoFunk	DataLabe	134
19/09/2019	Curso de cinema negro	Sesc	11
26/09/2019	Curso de cinema negro	Sesc	07
27/09/2019	CineBela: A Pedra	Sesc	13
03/10/2019	Curso de cinema negro	Sesc	10
03/10/2019	Mostra Cannabis	Coletivo João do Rio	5
04/10/2019	Mostra Cannabis	Coletivo João do Rio	4

05/10/2019	Mostra Cannabis	Coletivo João do Rio	3
10/10/2019	Curso de cinema negro	Sesc	4
15/10/2019	"Museus: narrativas para o futuro"	Oi Futuro	17
17/10/2019	Curso de cinema negro	Sesc	4
24/10/2019	Curso de cinema negro	Sesc	9
24/10/2019	Workshop de divulgação: Curso Jovens Negras no Audiovisual	Cinema Nosso	03
25/10/2019	CineBela: Anjo de chocolate	Sesc	10
31/10/2019	Curso de cinema negro	Sesc	10
07/11/2019	Curso de cinema negro	Sesc	8
13/11/2019	Abertura da exposição: Masculinidades Curso Livre "Arte, gênero e política" e Exposição Masculinidades	Global GRACE UNIPERIFERIAS	78
14/11/2019	Curso de cinema negro	Sesc	3
21/11/2019	Curso de cinema negro	Sesc	4
28/11/2019	Curso de cinema negro	Sesc	10
29/11/2019	CineBela: Lua	Sesc	10
17/12/2019	Festival Periferia Tem Potência	UNIPERIFERIAS	102



Público: 475 pessoas

O número de 4285 visitantes durante os meses de projeto denotam que mesmo em um período onde aprofundamos o trabalho educativo do ponto de vista qualitativo, focado centralmente na experiência de diálogo e construção da primeira turma da ELÃ - Escola Livre de Artes, não perdemos de vista o desafio quantitativo de manter o Galpão Bela Maré ativo, visitado e apropriado pelo público do Rio de Janeiro e, neste sentido, as parcerias fortalecem muito nosso processo.

- Formação ELÃ (atividades aos sábados + aulas públicas): 240
- Atividades com parceiros (setembro de 2019 a janeiro de 2020): 475
- Público espontâneo durante o período (setembro de 2019 a fevereiro de 2020): 2692 (contar até dia 01.02)

AÇÕES EDUCATIVAS

- Número total de atividades do Educativo: 27
- Número total de público de atividades do Educativo: 878

TOTAL DE PÚBLICO MOBILIZADO NO PERÍODO DO PROJETO: 4285

13. AVALIAÇÃO FINAL

Realizar a primeira turma da Elã foi um sonho lindo que tiramos do papel a partir de todas as parcerias e trabalhos envolvidos. Assim, chegamos ao fim deste relatório com um sentimento forte de gratidão e alegria. Em suma, esta realização materializa passos largos no sentido de fazer do Galpão Bela Maré um território da arte, não apenas do ponto de vista da fruição, mas também, e centralmente, da produção, articulação e da mobilização de formação artística, a partir da nossa perspectiva política, corpórea e territorial.

Este feito coloca o nosso trabalho de forma visceral conectada com o desafio de a arte ser meio de visibilizar sujeitas/os, territórios e questões periféricas e também método para produção de conhecimento nestes sentidos.

Foi uma experiência muito incrível, a troca foi impressionante. A turma tem uns trabalhos muito consistentes, foi uma troca muito rica e a própria proposta educativa da escola foi muito bem aproveitada. Foram diálogos muito bem estabelecidos. Muito bom fazer esse encontro aqui no Galpão Bela Maré, fora da zona sul e de lugares distantes...dialoga muito mais com a nossa realidade. E possibilita uma construção e um crescimento muito maior. (Mulambö, artista Elã, morador de São Gonçalo)

Falas do como esta do Mulambö corroboram com nossa avaliação de que trabalhamos bem em equipe e de que atingimos todos os objetivos do projeto e de que de fato construímos uma experiência que impactou a vida e as formas de olhar e fazer das/os jovens artistas com quem convivemos e compartilhamos o processo formativo proposto pela Elã.

Os trabalhos, de coordenação, produção, educativo, mobilização e articulação territorial, bibliotecária, comunicação, zeladoria e serviços gerais (com um conjunto grande de serviços de apoio - da assistência administrativa à direção de arte, passando pela assessoria de imprensa, pela montagem etc), foram construídos com sinergia e diálogo, tendo como fim primeiro a garantia de uma experiência extraordinária para o público de jovens artistas que estiveram conosco, bem como para visitantes da programação durante o período.

Do ponto de vista ainda da sinergia, avaliamos positivamente a criação de diálogos consistentes entre o trabalho do Educativo para o público geral do Galpão e a formação em curso na Elã. Isto nos propiciou, no período prévio à abertura da exposição transbordar para outras ações (Ação Poética, Bela em Movimento, CineBela, Oficinas de Verão e Visita Mediada) o processo de imersão que vivíamos aos sábados, com o grupo de artistas que fizeram a primeira turma da escola.

Outro destaque importante é para o conjunto de parcerias e apoiadores que somaram ao projeto e que o fizeram ter ainda mais potência e qualidade, formativa e estética. Com experiências com esta ganhamos ainda mais certeza de que sonhos sonhados junto têm mais força para serem realidade e com certeza isto é parte do que moveu a Elã para onde fomos e para onde seguiremos indo.

Em termos numéricos, nosso Galpão recebeu uma média mensal de 857 pessoas no período do projeto, número cerca de 20% a mais do que a média mensal do período anterior (de junho a agosto de 2019). Consideramos que este avanço diz respeito à organização do trabalho coletivo construído e ao processo contínuo de consolidação de metodologias das ordens do fazer e do comunicar e mobilizar.

Assim chegamos à esta entrega, que consideramos recompensatória em termos quanti e qualitativos. Ficamos com a avaliação final de que foi um período intenso, de muito trabalho e dedicação, mas de absoluto prazer por vermos o Galpão Bela Maré se consolidando cada vez mais como um espaço cultural de formação democrático, plural, acessível e inclusivo, um território inventivo, da arte e do afeto.

14. ANEXOS

Edital

É com imenso prazer que o Observatório de Favelas, através do projeto Galpão Bela Maré, produtora Automatica e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage informam que durante o período de 20 de Junho a 08 de julho de 2019 estarão abertas as inscrições do Edital para primeira turma da **Escola Livre de Artes da Maré - O nome que a gente dá às coisas**, com o objetivo de selecionar 25 artistas individuais e/ou representantes de coletivos artísticos, com idade entre 18 e 35 anos, para participarem de um ciclo de formação e de uma exposição resultante deste processo, a serem realizados no Galpão Bela Maré, Nova Holanda, Maré - Rio de Janeiro, entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, sempre aos sábados, de 13 às 19h:

CRONOGRAMA SELEÇÃO:

20 de junho a 08 de julho de 2019 - INSCRIÇÃO NO EDITAL

09 de julho de 2019 - BANCA DE SELEÇÃO

16 a 19 de julho de 2019 - ENTREVISTAS

30 de julho de 2019 - RESULTADO FINAL

CRONOGRAMA FORMAÇÃO:

17; 24; 31 de agosto de 2019

14; 21; 28 de setembro de 2019

05; 19; 26 de outubro de 2019

09 de novembro de 2019

CRONOGRAMA EXPOSIÇÃO:

09 de novembro a 13 de dezembro de 2019 - PRODUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

14 de dezembro de 2019 - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

04 de fevereiro de 2020 - DESMONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

O Bela Maré é um espaço voltado a produção e difusão das artes e das expressões culturais através de suas mais variadas manifestações, visando, sobretudo, articular a produção artística periférica com o circuito da arte contemporânea na metrópole do Rio de Janeiro. Inaugurado em 2011, o Galpão Bela Maré vem, ao longo de sua trajetória, promovendo diversas intervenções culturais em seu espaço e no território, além de estimular a criação de novos grupos e iniciativas, tornando-se um polo aglutinador dessas experiências, consolidando-se como um espaço de referência na cidade para o debate do papel político da arte, especialmente no contexto das periferias.

A programação da Escola Livre de Artes da Maré será orientada a partir da articulação dos conceitos que dão nome às coisas, como arte, artista, centro-periferia, entre outros. Essa chamada pública é direcionada para artistas, numa concepção ampliada do termo, de linguagens múltiplas e suportes diversos. Serão consideradas a diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território. A comissão de seleção deste edital visa a política de maior preenchimento de vagas por mulheres, pessoas negras/os e pessoas trans.

Para a inscrição no edital, é necessário:

- Preenchimento do formulário de inscrição;
- Estar de acordo em produzir um trabalho e participar da exposição no final do processo, prevista para ser inaugurada no dia 14 de dezembro de 2019, uma vez que o projeto prevê a realização de uma exposição coletiva com trabalhos produzidos a partir do ciclo de formação;

1. DAS INSCRIÇÕES

1.1. Encontram-se abertas, no período de 20 de Junho a 08 de julho de 2019, as inscrições para artistas e/ou representantes de coletivos artísticos interessados em participar do ciclo de formação, produzir um trabalho inédito e participar da exposição no espaço do Galpão Bela Maré, no período de 14 de dezembro de 2019 a 4 de fevereiro de 2020.

1.2. As inscrições são gratuitas e serão realizadas através do formulário <https://forms.gle/142sAXS9NBGeQpRe6> com o envio de todas as informações listadas aqui nesse Edital, até às 23h59min do dia 08 de julho de 2019, não sendo aceitas inscrições efetuadas fora do período indicado neste item.

1.3. O preenchimento do formulário é obrigatório, e a/o candidata/o precisa estar atento aos seguintes itens:

1.3.1. Portfólio digital no formato PDF em até 10 páginas OU apresentação visual do trabalho no formato PDF em até 10 páginas OU vídeo com duração máxima de até 5 min (.mp4);

1.3.2. Mini-bio, atualizada e resumida, de até 10 linhas, da/o artista individual e/ou representante de coletivos artísticos participantes;

1.3.3. Endereço, telefone e e-mail para contato;

2. DAS PROPOSTAS

2.1. Podem se inscrever artistas de quaisquer linguagens artísticas - desenho, gravura, pintura, fotografia, instalação, videoarte, videoinstalação, performance, entre outros.

2.2. Estão aptas a participar deste edital pessoas físicas e/ou representantes de coletivos artísticos.

3. DA SELEÇÃO

3.1. Todas as propostas - selecionadas e não-selecionadas - serão comunicadas por email.

3.2. As propostas serão avaliadas e selecionadas por uma banca de profissionais e pesquisadores convidados pelo Galpão Bela Maré.

3.3. As/Os artistas selecionadas/os pela banca serão entrevistadas/os presencialmente no Galpão Bela Maré, em caráter de seleção, entre os dias 16 e 19 de Julho.

3.4. Caso seja selecionada/o, a/o artista proponente deverá autorizar o uso de sua imagem, de seu nome e da imagem de sua(s) obra(s) em todo e qualquer material de divulgação da **Exposição Bela Verão - O nome que a gente dá às coisas**. Bem como assinar um Termo de Responsabilidade que implica plena aceitação de todas as condições estabelecidas no presente edital.

3.5. O resultado do processo seletivo será divulgado na página da rede Facebook do Galpão Bela Maré até 30 de julho de 2019 e também via email.

4. DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

4.1. Serão selecionados até 25 artistas e/ou representantes de coletivos artísticos.

4.2. Uma banca composta por cinco profissionais e pesquisadores de diferentes territórios do estado do Rio e de trajetórias reconhecidas e diversas no campo das Artes Visuais e da Produção Cultural irá selecionar as/os 25 artistas.

4.3. As/Os membras/os da Comissão de Seleção não serão remunerados pelo Edital.

4.4. Além das/os 25 artistas selecionadas/os, a comissão deverá selecionar outras/os 5 suplentes.

4.5. Ocorrendo desistência ou impossibilidade de viabilização por parte de alguma selecionada/o, será chamado a/o primeira/o suplente da lista.

4.6. A comissão de seleção é soberana, não cabendo veto ou recurso às suas decisões.

4.7. São critérios gerais norteadores da avaliação a serem contemplados pelo presente Edital:

4.7.1. Qualidade artística e poética, relevância dos trabalhos e coerência conceitual;

4.7.2. Clareza da descrição e do desenvolvimento do trabalho;

4.8. Cabe à comissão de seleção:

4.8.1. Selecionar 25 artistas e/ou representantes de coletivos artísticos para participar da primeira edição da Escola Livre de Artes da Maré;

4.8.2. Desclassificar os proponentes que não preencherem as condições de participação;

4.8.3. Desclassificar as propostas que não preencherem os requisitos exigidos.

5. DOS ARTISTAS SELECIONADOS

5.1. Data de divulgação dos artistas selecionados: até 30 de julho de 2019.

5.2. Período do ciclo de formação: agosto a novembro de 2019. Período da exposição: de 14 de dezembro de 2019 a 4 de fevereiro de 2020.

5.3. O projeto inclui bolsa no valor de R\$ 500,00 (quinhentos reais) para os artistas, e mais R\$ 500,00 (quinhentos reais) serão destinados para a

produção do trabalho que irá compor a exposição, transporte e embalagem de suas próprias obras, totalizando uma verba de R\$ 1.000,00 (mil reais) por artista (mediante emissão de nota fiscal).

5.4. O Galpão Bela Maré oferece montadores, evento de abertura, registro fotográfico e divulgação na imprensa e em suas redes sociais.

5.5. As obras não poderão ser comercializadas durante o período expositivo.

5.6. As obras deverão ser entregues no Galpão Bela Maré, em perfeitas condições até o dia 5 de dezembro de 2019. O transporte das obras das obras para entrega e retirada, será de total responsabilidade da/o artista, assim como qualquer outro transporte necessário para colocação/retirada da obra no espaço do Galpão Bela Maré.

5.7. Após o período de desmontagem, as obras deverão ser retiradas em até 7 dias. Após esse período, o Galpão Bela Maré não se responsabiliza por seu armazenamento.

5.8. Caso a/o artista solicite o envio das obras via correio, os valores de postagem serão de responsabilidade da/o mesma/o.

6. DAS OBRIGAÇÕES

6.1. Ao Observatório de Favelas, através do Galpão Bela Maré, cabem as seguintes obrigações:

6.1.1. Oferecer o ciclo de formação, com 10 encontros com duração de 6h cada;

6.1.2. Destinar o espaço expositivo para a exposição resultante do processo da Escola Livre de Artes da Maré;

6.1.3. Oferecer a proposta expográfica da mostra em diálogo com as/os artistas/curadores;

6.1.4. Disponibilizar equipe de apoio para montagem e desmontagem das obras, conforme especificidades de cada projeto;

6.1.5. Produzir materiais de divulgação tais como convite e/ou programação visual, divulgar a exposição por meio de assessoria de imprensa e mídias sociais, elaborar texto de apresentação para a exposição, incluir textos e imagens da mesma no Facebook e Instagram do Galpão Bela Maré;

6.1.6. O Galpão Bela Maré não se responsabiliza sobre roubo ou furto das obras;

6.2. As/Aos artistas selecionadas|os do Edital cabem as seguintes obrigações:

6.2.1. Assinar o termo de participação da Escola Livre de Artes da Maré - Galpão Bela Maré;

6.2.2. Participar de pelo menos 70% dos encontros do ciclo de formação;

6.2.3. Responsabilizar-se pela produção da obra;

6.2.4. Responsabilizar-se pelo processo de montagem e desmontagem de seu trabalho, a partir do apoio técnico de montagem oferecido pelo Galpão Bela Maré, de acordo com o cronograma estipulado neste edital;

6.2.5. Responsabilizar-se pelo transporte, na chegada e na retirada da obra, de acordo com o cronograma estipulado pelo Galpão Bela Maré;

6.2.6. Estar presente durante a montagem e desmontagem de seu projeto, de acordo com o cronograma estipulado pelo Galpão Bela Maré;

6.2.7. Entregar material para divulgação de acordo com o cronograma estipulado pelo Galpão Bela Maré.

7. DO ESPAÇO DE EXPOSIÇÕES

7.1. O Galpão Bela Maré fica aberto à visitação de terça-feira a sábado, das 10h às 18h, inclusive feriados.

Formulário de Inscrição

ESCOLA LIVRE DE ARTES DA MARÉ

É com imenso prazer que o Observatório de Favelas, através do projeto Galpão Bela Maré, produtora Automatica e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage informam que durante o período de 20 de Junho a 08 de julho de 2019 estarão abertas as inscrições do Edital para primeira turma da Escola Livre de Artes da Maré – O nome que a gente dá às coisas, com o objetivo de selecionar 25 artistas individuais e/ou representantes de coletivos artísticos, com idade entre 18 e 35 anos, para participarem de um ciclo de formação e de uma exposição resultante deste processo, a serem realizados no Galpão Bela Maré, Nova Holanda, Maré - Rio de Janeiro, entre os meses de agosto de 2019 a fevereiro de 2020, sempre aos sábados, de 13h às 19h:

CRONOGRAMA SELEÇÃO:

20 JUN A 08 JULHO /2019 - inscrição no edital

9 JULHO / 2019 - banca de seleção

16 - 19 JULHO / 2019 - entrevistas

30 JULHO - resultado final

CRONOGRAMA FORMAÇÃO:

17; 24; 31 AGOSTO / 2019

14; 21; 28 SETEMBRO / 2019

5; 19; 26 OUTUBRO / 2019

9 NOVEMBRO / 2019

CRONOGRAMA EXPOSIÇÃO:

9 NOVEMBRO – 13 DEZ/ 2019 – produção da exposição

14 DEZEMBRO / 2019 – inauguração da exposição

4 FEV / 2020 - desmontagem da exposição

O Bela Maré é um espaço voltado a produção e difusão das artes e das expressões culturais através de suas mais variadas manifestações, visando, sobretudo, articular a produção artística periférica com o circuito da arte contemporânea na metrópole do Rio de Janeiro. Inaugurado em 2011, o Galpão Bela Maré vem, ao longo de sua trajetória, promovendo diversas intervenções culturais em seu espaço e no território, além de estimular a criação de novos grupos e iniciativas, tornando-se um polo aglutinador dessas experiências, consolidando-se como um espaço de referência na cidade para o debate do papel político da arte, especialmente no contexto das periferias.

A programação da Escola Livre de Artes da Maré será orientada a partir da articulação dos conceitos que dão nome às coisas, como arte, artista, centro-periferia, entre outros. Essa chamada pública é direcionada para artistas, numa concepção ampliada do termo, de linguagens múltiplas e suportes diversos. Serão consideradas a diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território. A comissão de seleção deste edital visa a política de maior preenchimento de vagas por mulheres, pessoas negras/os e pessoas trans.

***Obrigatório**

1. Endereço de e-mail *

2. Nome *

3. Contato (telefone fixo / celular) *

4. Endereço (logradouro, número, complemento, bairro, cidade e estado) *

5. Idade *

Marcar apenas uma oval.

- 18
- 19
- 20
- 21
- 22
- 23
- 24
- 25
- 26
- 27
- 28
- 29
- 30
- 31
- 32
- 33
- 34
- 35

6. Cor/Etnia *

Marcar apenas uma oval.

- Indígena
- Preta
- Parda
- Amarela
- Branca
- Outro: _____

7. Como você se identifica? *

Marcar apenas uma oval.

- Transgênero
 Cisgênero
 Outro: _____

8. Qual seu gênero? *

Marcar apenas uma oval.

- Feminino
 Masculino
 Não-binário
 Outro: _____

9. Sexualidade *

Marcar apenas uma oval.

- Heterossexual
 LGBTQI+
 Outro: _____

10. Minibio (atualizada e resumida, de até 10 linhas) *

11. Portfólio digital no formato PDF em até 10 páginas OU apresentação visual do trabalho no formato PDF em até 10 páginas OU vídeo com duração máxima de até 5 min (.mp4) *

Arquivos enviados:

12. Redes Sociais, Páginas e/ou Sites

13. Como você soube do Edital? *

Marcar apenas uma oval.

Redes Sociais

Amigos

Outro: _____

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Convite para Educadoras/es

Desde 2011, o Galpão Bela Maré desenvolve estratégias de intervenção artística na Nova Holanda, no Conjunto de Favelas da Maré. É uma iniciativa do Observatório de Favelas, desenvolvida em parceria com a produtora Automatica, com a finalidade principal de contribuir para o processo de democratização da produção e da difusão das artes visuais, especialmente no Rio de Janeiro. O Bela Maré tem seu eixo de pensamento e trabalho na conexão entre a cultura, a arte, a política e a cidade. Desenvolvendo então, uma série de intervenções, seminários, articulações territoriais, exposições e atividades formativas.

A Escola Livre de Artes da Maré (ELÃ) é um experimento na perspectiva de uma formação artístico-pedagógica elaborada pelo Galpão Bela Maré, o Observatório de Favelas, a produtora Automatica e a Escola de Artes Visuais do Parque Lage. A proposta da ELÃ enviesa um desejo da construção de um espaço de criação, reflexões no campo estético e político e fomento à produção artística contemporânea, e se coloca como superfície a jovens artistas das regiões periféricas em torno da metrópole do Rio de Janeiro.

A primeira edição das atividades da Escola Livre de Artes da Maré contará com o patrocínio da Amil, a realização do Observatório de Favelas sediada no Galpão Bela Maré, no segundo semestre de 2019, com o tema "O nome que a gente dá às coisas".

Em 2019, a ELÃ vai contemplar 25 artistas e/ou representantes de coletivos artísticos, de origem periférica e espaço popular, com idade entre 18 e 35 anos, que irão se inscrever via chamada pública. A chamada será direcionada para artistas, numa concepção ampliada do termo, de linguagens múltiplas, poéticas interdisciplinares, e suportes diversos.

A/o artista deverá apresentar o seu processo de trabalho, seja em formato portfólio, apresentação visual e/ou vídeo, com duração de até 5 minutos.

Para participar do curso, será necessário estar de acordo em produzir um trabalho e participar de uma exposição, ao final do processo, prevista para ser inaugurada no dia 14 de dezembro de 2019.

Na seleção serão consideradas a diversidade de gênero, étnico racial, de sexualidade e território. A comissão de seleção deste edital visa a política de maior preenchimento de vagas por mulheres, pessoas negras/os e pessoas trans e o recorte etário entre 18 e 35 anos.

Estão previstos 10 encontros, 6h de duração cada, com 7 educadoras/es, 2 intervenções em espaços públicos [a serem definidas] e 1 exposição com 25 trabalhos inéditos resultantes do processo.

O ciclo de formação está organizado em cinco módulos, com 2 encontros cada, com as seguintes temáticas:

PROVOCAÇÕES:

_PERCURSOS

_CORPOS

_MATERIALIDADES

_CONCEITOS

_AGENCIAMENTOS COLETIVOS

CRONOGRAMA FORMAÇÃO

 sempre aos sábados, de 13 às 19h:

17; 24; 31 de agosto de 2019

14; 21; 28 de setembro de 2019

05; 19; 26 de outubro de 2019

09 de novembro de 2019

CRONOGRAMA EXPOSIÇÃO:

09 de novembro a 13 de dezembro de 2019 - PRODUÇÃO DA EXPOSIÇÃO

14 de dezembro de 2019 - INAUGURAÇÃO DA EXPOSIÇÃO

04 de fevereiro de 2020 - DESMONTAGEM DA EXPOSIÇÃO

Nossa expectativa é que todas/os as/os educadores participem do primeiro, do último encontro e dos seus dois dias de atividades, para que possam estabelecer relações mais aprofundadas com as/os artistas.

Ou seja, nos dias 17 de agosto e 9 de novembro contamos com a participação de todas e todos envolvidos no projeto.

No primeiro encontro cada participante e cada educadora/or apresentarão seu percurso e processo. Os outros dois dias dependerão de sua disponibilidade. O valor que temos disponível é de R\$ 1.000,00 para cada educadora/or.

As propostas para os encontros serão elaboradas pelas|os educadoras/es, a partir dos cinco temas centrais (provocações) que organizam o ciclo de formação.

As atividades propostas atuarão como dispositivos de criação estética, ampliação de novas referências e repertórios visuais, que configuram os enlaces entre a arte, o território e seus sujeitos, contribuindo para construção de conceitos, metodologias e práticas artísticas como bem público e como parte da efetivação de direitos.

Planejamentos Artísticos-Pedagógicos

Educador|a / Propositor|a

Pâmella Carvalho

Título do encontro e Data

Percursos, 17/08 e 24/08

Trajetos do dia 17 de agosto:

13h - 13:30h: Apresentação ELÃ (Jean e Érika)

13:30h - 15h: Apresentação dos artistas a partir de seus percursos (de onde veio e onde está + o percurso que fez no dia, até chegar ao Bela Maré)

15h15h: Bira Carvalho (Observatório de Favelas)

16:15h: Mestre Manoel (Centro Cultural Ypiranga de Pastinha)

17:30h - 18h: Escuta coletiva do grupo + Encerramento

Trajetos do dia 24 de agosto

13h: Encontro no Galpão Bela Maré

13:30h: Recepção na Lona da Maré e debate sobre o encontro passado

14h: Cruz e Rack (Rato Preto Studio)

15h - 18h: Lona da Maré - Imersão nos percursos do grupo

Espaço e Material

- folhas A3
- canetinhas
- lápis de cor
- giz de cera
- carvão vegetal
- lápis de escrever
- Tinta guache
- pincéis para guache

- lã
- cola bastão
- cola em tubo
- tesouras
- palitos de picolé
- jornais
- miçangas coloridas
- búzios
- conchas
- algodão
- imagens
- folhas de árvore

Educador|a / Propositor|a

Camilla Rocha Campos

Título do encontro e Data

O CORPO EM LEGÍTIMA DEFESA

Ementa

Os encontros terão como base diálogos e reflexões em torno do corpo como nosso último reduto de resistência. Saúde, auto-amor e amizade serão ferramentas forjadas nesses encontros para que cada um, em sua particularidade e força, siga sua caminhada.

Objetivos

- pontuar coletivamente as linhas de fuga que atravessam as discussões sobre nossos corpos;
- falar/escrever/refletir/apresentar a construção do próprio corpo;
- articular ferramentas que acessem saúde, assentamento e amor.

Espaço e Material

Espaço amplo para trabalho em roda.

Canetas (hidrocor de diversas cores/ esferográfica para escrita individual) e papéis (cartolina branca / papel A4 amarelo/azul/rosa).

Referências e questões geradoras

- Escritos de uma vida, Sueli Carneiro
- Memórias da Plantação, Grada Kilomba
- As ilusões do cuidado, Bonaventure Soh Bejeng Ndikung
- Manifesto O cu do Sul, Pêdra Costa

Educador|a / Propositor|a

Sallisa Rosa

Título do encontro e Data

Materialidades, 21 e 28/09 no Galpão Bela Maré

Ementa

A palavra “arte” não tem tradução em quase nenhuma língua indígena porque, assim como no contexto ancestral africano, os povos tradicionais não separam a arte da vida.

Assim, a arte abrange um universo de práticas que não são necessariamente um objeto ou um artefato, mas que compõe em ritualizar a vida.

Já dentro das estruturas da arte contemporânea ocidental como se definem os suportes?

Apresentar uma pesquisa sobre artistas indígenas como processo de decolonizar.

Falar sobre Umuarama, para provocar questões sobre suporte.

O digital como possibilidade de produção.

Objetivos

Os encontros terão como eixos de discussão a colonialidade do olhar.

Espaço e Material

Projetor e caixa de som.

Referências e questões geradoras

Aline Motta

Castiel Vitorino

Davi Jesus do Nascimento

Denilson Baniwa

Grada Kilomba

Guerreiro do Divino Amor

Kiluanji Kia Henda

Lhola Amira

Rosana Paulino

Silvia Rivera Cusicanqui

Paulo Nazareth

Ventura Profana

Educador|a / Propositor|a

Rafa Éis

Título do encontro e Data

Nascimentos e caminhos da palavra

Tomando de volta o que é nosso

Ementa

Os encontros são voltados para pensar as relações entre as palavras e realidades (como umas constroem a outras mutuamente), os gestos de nomeação desde lugares periferizados. Trataremos das relações de poder no manuseio da palavra e do discurso, tratando das implicações do lugar de fala na construção de valores no uso, na transformação, na invenção e na apropriação das palavras. Em suma, pensaremos economias, formas de gestar e gerir as palavras, e como, através de exercícios com a palavra - tomar o reconhecimento e a criação de conceitos que impulsionem - ou sejam impulsionados - pela prática artística de cada artista participante e do coletivo.

Objetivos**Dia 1**

Conceituar o conceito

Discutir referências de conceitos

Discutir sobre relações de poder nas guerras pela nomeação

Realizar um mapeamento coletivo dos conceitos na narrativa de cada artista acerca de seu trabalho | escuta ativa

Dia 2

Realizar/materializar um diagrama conceitos vinculados à própria produção

Mapear conceitos partilhados nas práticas do grupo

Realização de manifesto/escrita coletiva

Um nome para uma escola de artistas periféricxs

Espaço e Material

Espaço onde pessoal possa sentar junto e escrever

Espaço com internet, projetor, note

Referências e questões geradoras**O QUE É UM CONCEITO? PRA QUE SERVE?**

BEY, HAKIM. TAZ (Zona Autônoma Temporária). Sem data;

BIKO, Steve. **A definição de consciência preta**. In: _____ Escrevo o que eu quero. Editora Diáspora Africana, 2017.

BIKO, Steve. **Alguns conceitos culturais africanos**. In: _____ Escrevo o que eu quero. Editora Diáspora Africana, 2017.

CRUZ, Yhuri. **Pretofagia**. 2019.

DJONGA. **Ladrão**. 2019.

ÉIS, Rafa. **Tomando de volta o que é nosso**. Introdução ao dossiê Estados Quilombistas de arte, orgs. Rafa Éis e Jorge Vasconcellos. Revista Arte & Ensaios, Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n37 (2019): 123-169.

GONZALEZ, Lélia. **Primavera para Rosas Negras**. Editora Diáspora Africana, 2018.
bell hooks. **Altars do sacrifício: Relembrando Basquiat**.

<https://piseagrama.org/altares-do-sacrificio/>

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: Um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afro-brasileira.

Uma proposta do autor aos seus irmãos e irmãs afrodescendentes no Brasil e nas Américas, em trabalho apresentado ao 2o Congresso de Cultura Negra das Américas, Panamá, 1980.

NOGUERA, Renato. O conceito de drible e o drible do conceito: analogias entre a história do negro no futebol brasileiro e do epistemicídio na filosofia

<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/o-conceito-de-drible-e-o-drible-do-conceito-analogias-entre-a-historia-do-negro-no-futebol-brasileiro-e-do-epistemicidio-na-filosofia/>

Educadoras / Propositoras

Marisa Schincariol de Mello | Automatica
 Luiza Mello | Automatica

Título do encontro e Data

Agenciamentos: como queremos apresentar nossa trajetória: forma e conteúdo.
 26/10, EAV Parque Lage

Ementa

Os encontros estão voltados para os agenciamentos que atravessam a trajetória dos/das artistas/es da Elã.

Identificaremos coletivamente os agenciamentos dos mundos da arte de cada um e uma.

Trabalharemos a definição do termo portfólio; formato; a quem se destina; o que deve estar contido em cada caso e o que mostrar.

Exercitaremos a interlocução e apresentação dos portfólios e das trajetórias de cada artista.

Objetivos

_Refletir coletivamente sobre os nomes e definições dos conceitos de agenciamento e portfólio;

_Identificar os agenciamentos que atravessam as trajetórias dos/das artistas/es da Elã;

_Visualizar portfólios de vários artistas para verificar formas de apresentação possíveis;

_Revisar os portfólios de cada artista da Elã a partir de uma avaliação coletiva.

Espaço e Material

Apresentação da metodologia proposta e acordo coletivo quanto aos modos de trabalhar. – 13h-13h30

Conversa coletiva em roda sobre o formato, princípios e conceitos do portfólio. – 13h30 – 15h

Apresentação do portfólio de cada artista para o coletivo e reflexão sobre o que pode ser mudado/ aprofundado e quais as ferramentas para tal. - 15h à 18h

Referências e questões geradoras

O que são e quais são os agenciamentos que atravessam as trajetórias de vocês?

Agenciar, segundo o dicionário, significa trabalhar com dedicação para obter ou alcançar um objetivo; atua como intermediário ou agente de algo. Na sociologia, agência refere-se à capacidade de indivíduos agirem independentemente e fazerem suas próprias escolhas livremente. Por oposição, as estruturas são os fatores que determinam ou limitam um agente e suas decisões.

Portfólio

O que é?

Definição: material (dispositivo) que organiza e apresenta a produção das e dos artistas em um determinado período de tempo.

Em que formato?

Formato: sucinto, síntese.

Digital (PDF) e impresso.

Essa definição atende?

É o nome portfólio que a gente quer dar a esse dispositivo?

A quem se destina?

A quem se destina esse dispositivo? (Relaciona-se muitas vezes com contextos específicos – aqui eu faria um mais geral)

O que deve conter?

Em termos de dados pessoais (meios de contato: telefone, instagram, site, etc)

Breve biografia (formação, participação em projetos, exposições, prêmios, especialmente os relacionados com a área ou que você ache que tem a ver com a sua expressão)

O que mostrar?

Seleção de documentos, textos e imagens que compõem essa amostra da produção artística.

Introdução ao seu trabalho, apresentação conceitual de sua produção, apontando as perguntas, inquietações, questões, conceitos, campo de interesses, linguagens e metodologias nele presentes.

É fundamental que o artista possua uma compreensão ampla de seu próprio trabalho e processos poéticos, para se chegar à melhor maneira de apresentá-los, de forma sucinta, a quem ainda não a conhece. Ao mesmo tempo, um dos elementos cruciais de um portfólio é a objetividade e a linguagem utilizada na apresentação.

Seleção de produções apresentadas pode ser organizada de modo a elencar um trabalho por página, definindo-se uma ou mais imagens para ilustrar cada obra, dependendo da necessidade de cada proposta.

Há produções que não geram qualquer tipo de imagem como produto.

Nesses casos, fazem-se necessárias tanto uma contextualização quanto uma descrição mais detalhadas do trabalho, ainda que de modo sucinto.

Além da imagem, cada trabalho deve apresentar sua ficha técnica, isto é: título, ano de realização, linguagem ou técnica, materiais, dimensões e local de realização (quando for o caso, ou seja, quando tais informações forem relevantes para o entendimento da proposta).

É interessante incluir um breve texto explicativo sobre cada obra.

Dependendo da natureza de cada trabalho (ou seja, do que a própria produção demandar) e do enfoque escolhido pelo artista, esse texto explicativo poderá privilegiar o processo que dá corpo à proposta, a atitude que está no seu percurso de criação, uma descrição mais formal da obra ou mesmo uma reflexão mais conceitual sobre o trabalho. Quando a proposta envolver colaboradores, é fundamental creditá-los também. E caso o autor das fotografias não seja o próprio artista, elas também necessitam de crédito (no canto das imagens, de modo sutil).

As imagens que documentam cada trabalho podem ser tanto um registro da proposta, isto é, uma fotografia que apresenta a obra exposta em determinado contexto, quanto uma reprodução do trabalho, ou seja, uma imagem que o apresenta de modo descontextualizado. A escolha pelo tipo de imagem que melhor documenta o trabalho depende, é claro, da própria natureza da proposta.

É fundamental uma especial atenção àqueles trabalhos não documentáveis por meio de imagens e que, portanto, necessitam de uma descrição, explanação e contextualização mais detalhadas.

O portfólio deve fornecer todos os subsídios necessários para a compreensão das propostas elencadas. Isso implica na seleção de uma ou mais imagens para cada trabalho apresentado, mas pode envolver o emprego de outros recursos, como memoriais descritivos, documentações de ações, plantas-baixas, perspectivas, croquis, recursos audiovisuais etc.

O artista deve lançar mão de todos os meios possíveis para comunicar as características formais de sua obra, de modo a garantir sua inteligibilidade poética e conceitual e fornecer os elementos técnicos necessários à sua realização e instalação (disposições ou condições espaciais determinadas, acesso a eletricidade, especificidade de iluminação etc.). Assim, é recomendável submetê-lo a outros leitores (artistas, colegas, conhecidos) que, desconhecendo as especificidades das obras propostas, possam indicar a clareza das descrições e recursos empregados.

Em que medida os conceitos trabalhados aqui na Escola podem ajudar a refletir sobre os trabalhos/trajetórias?

Trajetórias

Corpos

Materialidades

Conceitos

Agenciamentos

<https://daniname.wordpress.com/banco-de-portfolios/>

<https://www.institutotomieohtake.org.br/media/premios/EDP/premioenergiasnaarte-portfolio.pdf>

<http://cultura.gov.br/wp-content/uploads/2018/12/Guia-do-Artista-Visual.pdf>

Rufino, Luiz. Pedagogia das encruzilhadas. Rio de Janeiro, Mórula, 2019.

Lopes, Adriana; Facina, Adriana; Silva, Daniel (orgs.). Nó em pingo d'água: sobrevivência, cultura e linguagem. Rio de Janeiro, Mórula, 2019.

Título do encontro e Data

Agenciamentos: como montar uma exposição

09/11, Galpão Bela Maré

Ementa

Os encontros estão voltados para os agenciamentos que atravessam a trajetória dos/das artistas/es da Elã.

Identificaremos coletivamente os agenciamentos dos mundos da arte de cada um e uma.

Debateremos a exposição Elã.

Apresentaremos as etapas necessárias para a produção de uma exposição.

Noções básicas de como montar um projeto de exposição: conceito, redação do projeto, realização de orçamento, inscrição em leis de incentivo.

Objetivos

_ Identificar os agenciamentos que atravessam as trajetórias dos/das artistas/es da Elã;

_ Refletir coletivamente sobre a exposição resultante da Elã;

_ Apresentar as etapas necessárias para a produção de uma exposição: desde a concepção até sua realização.

Espaço e Material

Conversa coletiva em roda sobre a exposição Elã;

Apresentação das etapas necessárias para a produção de uma exposição: desde a concepção até sua realização, com base na exposição Travessias.

Referências e questões geradoras

- Concepção

1. Projeto
2. Itens para a realização de um projeto
3. Objetivos
4. Justificativa
5. Contrapartidas
6. Acessibilidade
7. Plano de divulgação e distribuição
8. Público Alvo

9. Cronograma de atividades
10. Orçamento
11. Financiamento
 - Realização
1. PRÉ-PRODUÇÃO
 - 1.1. SELEÇÃO E CONTRATAÇÃO DA EQUIPE
 - 1.2. CURADORIA
 - 1.3. CONFIRMAÇÃO E DETALHAMENTO DO PROJETO
2. PRODUÇÃO
 - 2.1. Produção das obras
 - 2.2. Design/ peças gráficas/ sinalização/ divulgação
 - 2.3. Arquitetura/cenografia
 - 2.4. Iluminação/ projeção
 - 2.5. Programa educativo
3. PÓS-PRODUÇÃO

Ministério da Cultura: www.cultura.gov.br

Secretaria Estadual de Cultura: www.cultura.rj.gov.br

Secretaria Municipal de Cultura: www.rio.rj.gov.br/web/smc/

CCBB: www.bb.com.br

Caixa Cultural: www.caixacultural.com.br

Biblioteca Nacional: www.bn.br

Funarte: www.funarte.gov.br

SESC Rio: www.sescrio.org.br

Site que reúne informações gerais sobre produção cultural: www.producaocultural.org.br

<http://www.culturaemercado.com.br>

Avaliação Pedagógica

Estrutura do cronograma de formação

10 aulas com 5h de duração cada

10 dias de ateliê aberto

51 dias de exposição

Eixos temáticos

Percursos

Corpos

Materialidades

Conceitos

Agenciamentos

Educadores

Pâmela Carvalho

Camilla Rocha Campos

Sallisa Rosa

Rafa Éis

Luiza Mello e Marisa Mello

Turma

Camila Camíz (Agrade Camíz)

Alex Reis

Anderson Barreto

Andressa Núbia (Darah Núbia)

Arcasi Lopes

Teodora Aya Ibeji

Beatriz Brito

Christine Jones

Cruz

Gabrielle Dos Santos

Guilhermina Augusti

Irmãos Brasil

Jade Maria Zimbra

Mulambö

Kamila Camillo

Lucas Assumpção

Lucas Araújo

Lucas Ururah

Manaíra Carneiro

Nzaje

Rack

Allanis (Rainha F.)

Ramon Silva

Talita Nascimento

Thiago Saraiva

Educativo do Galpão Bela Maré

Jean Carlos Azuos

Érika Lemos Pereira

Elã | O nome que a gente dá as coisas

Avaliação Pedagógica

Métodos e abordagens**Descrição**

Análise crítica e comparativa de cada professor realizada por meio de observação presencial.

Principais objetivos

Avaliar pedagogicamente as aulas e estratégias de cada professor e os respectivos impactos gerados na turma.

Eixo 1 | Percursos**Educadora | Pâmela Carvalho****1º Encontro**

Após as apresentações formais do projeto, a educadora apresentou brevemente a temática do módulo, compartilhando com a turma a intenção de apresentar o território e convocando os artistas a se deixarem afetar por ele, em suas palavras “deixar o território trazer questões para gente”. Na sequência a educadora contou seu percurso até chegar a Maré e a Elã, compartilhando sua trajetória de vida e principais escolhas que a levaram até ali hoje, a narrativa mesclava informações pessoais e profissionais. Como proposição de apresentação a educadora pediu para cada artista apresentar seu próprio percurso, tanto de vida até chegar aqui, quanto o caminho geográfico que cada artista percorreu para se deslocar de casa até o Galpão Bela Maré, provocando cada um a pensar em como seu corpo responde a estes deslocamentos, nas duas dimensões.

Cada artista se apresentou e a medida em que todos falavam as narrativas pessoais se sobressaíram, deixando aos poucos de contemplar o debate sobre o deslocamento na cidade, ainda assim, a discussão territorial permaneceu, pois cada artista percebeu ser importante informar onde nasceu, os lugares onde residiram e onde moram atualmente. Esta estratégia de compartilhamento fez emergir da turma muitos pontos de identificação imediatos entre os artistas. Seja pelas condições de produção, acesso ao circuito da arte, histórias de vida, escolhas, ou proximidade geográfica. As

apresentações no geral levaram muito tempo, o que acabou prejudicando tanto o planejamento da aula quanto os últimos artistas que dispuseram de menos tempo de fala.

Após as apresentações a turma foi conduzida a conhecer parte da Maré por meio de uma caminhada com duas paradas, em cada uma a turma entrou em contato com um agente cultural que atua no território. A primeira parada foi no Observatório de Favelas, onde a turma conheceu o fotógrafo Bira Carvalho, morador da Maré. Bira estava na ocasião participando de uma apresentação do grupo de pesquisa da PPGARTES, reunião na qual nos juntamos. O pesquisador e artista Francisco Valdean, também morador da Maré, doutorando do programa, apresentava as fotografias de Bira ao grupo. O encontro com o grupo não estava previamente programado, o próprio fotógrafo amarrou a situação. Durante a apresentação Bira provocou o grupo de pesquisa com um debate ético em relação à exposição das suas fotografias. O debate girou em torno da negativa do artista em expor algumas de suas fotos, que apresentam o cotidiano da Maré, em um evento acadêmico com nome, advindo de uma tradução de um conceito de Judith Butler, Vidas Precárias. Bira ressaltou o cuidado que deve ser tomado ao expor suas fotos, para não desrespeitar o vínculo de confiança que estabeleceu como artista com o território. David, que acompanha a Elã como fotógrafo, e também atua no território, apresentou alguns trabalhos.

No segundo ponto de parada no território os artistas conheceram o Grupo de Capoeira Ypiranga de Pastinha, um centro cultural onde acontecem projetos de ensino de capoeira de angola. Na ocasião a turma acompanhou parte da aula para crianças. O idealizador e professor Mestre Manoel contou sobre o projeto e nos apresentou o

centro de memória com diversos registros e documentos históricos referentes ao Centro cultural e à história da capoeira de Angola no Brasil. Durante o encontro Mestre Manoel ressaltou a importância política de atuar com educação na Maré, compartilhando sua visão de responsabilidade social com os alunos do projeto que compreende uma atuação muito para além do ensino da capoeira ou das percussões. O compromisso pedagógico empregado no projeto foi apresentado pelo Mestre como um compromisso histórico de perpetuação da cultura popular na qual se insere a capoeira de Angola, ao mesmo tempo um compromisso social ao ensinar valores de convívio, respeito e auto desenvolvimento aos alunos. Estes são, na visão do próprio Mestre Manoel seus principais objetivos. Outro compartilhamento importante foi a relação entre as construções e escolhas estéticas da capoeira de Angola e os contextos culturais históricos enfrentados por esta prática. Mestre Manoel detalhou alguns exemplos de como a cultura de resistência da capoeira de Angola resultou em movimentos e costumes praticados e perpetuados até hoje.

2º Encontro

O segundo encontro do eixo Percursos se iniciou com a retomada de pontos importantes do primeiro encontro. A educadora Pâmela Carvalho dividiu com a turma de artistas suas intenções com as escolhas que fez para o planejamento do primeiro encontro, e como essas escolhas se relacionam com seu próprio percurso como educadora, pesquisadora e artista. A educadora ressaltou a importância da escolha de pessoas de negras e mais velhas para compartilhar suas práticas e histórias acentuando o cuidado de sempre que possível fazer referência aos mestres.

Continuando o percurso pelo território Pâmela apresentou à turma mais dois pontos. A Lona Cultural da Maré, e o Estúdio Rato Preto.

O Estúdio Rato Preto foi apresentado pelos artistas Cruz e Rack, ambos integrantes da Elã, o local além de espaço de trabalho é também a residência dos artistas. Cruz e Rack compartilharam seus cotidianos de trabalho e parte de suas poéticas apresentando as obras que se encontram a vista pelo estúdio. Os dois dividiram com a turma os desafios de seguir com a carreira artística sendo moradores da Maré, como se relacionam com o território e como procuram promover eventos no estúdio, ressaltando a importância da criação de espaços de arte independentes idealizados e frequentados por moradores da Maré. Os trabalhos do estúdio suscitaram um debate a respeito da inserção e das referências da história da arte, se é possível construir um caminho alheio aos cânones. O debate mobilizou bastante a turma, que pareceu atenta a este tópico como uma escolha de posicionamento político frente ao circuito hegemônico da arte.

A turma deixou o estúdio em direção ao último ponto do território, a Lona Cultural da Maré. A educadora Pâmela, que coordena a lona, apresentou o espaço e compartilhou os projetos que tem realizado com diferentes públicos e parceiros, sempre na perspectiva de valorização dos agentes locais e democratização do acesso à cultura para os frequentadores, que em sua extensa maioria são moradores da Maré. O debate iniciado no estúdio precisou ser interrompido para dar continuidade ao planejamento da aula. Este foi até então o primeiro espaço aberto para debate e demonstrou uma complexidade de visões da turma que não necessariamente se posiciona artística e politicamente toda da mesma forma. A relação com as instituições

de arte se revelou como um importante tema a ser debatido, tendo em vista as múltiplas experiências, leituras e expectativas que se revelaram. Neste pequeno espaço de debate explicitou-se também a ausência de compreensão dos espaços de formação de arte, incluindo a própria experiência da Elã, como instituições de arte, e como parte também do circuito artístico, o campo institucional da arte foi compreendido na maioria das falas dos artistas como espaços de exibição, coleção e comercialização de obras de arte.

Após o debate foi realizada a proposição de criação de objetos-percursos. A partir da compreensão de percurso trabalhada nas duas aulas os artistas foram convidados a criar objetos que representassem seus próprios percursos e apresentá-los à turma na sequência. Para criar os objetos os artistas dispunham de materiais pré selecionados pela educadora, no geral materiais de papelaria, barbantes e fios de lã, tintas em spray e alguns elementos naturais como pedras, folhas e gravetos. Também foram disponibilizados os equipamentos audio visuais presentes na lona, rádio e projetor. A proposta teve uma ótima aderência da turma que se dedicou à construção do objeto-percurso.

Como não houve um combinado prévio em relação ao tempo de apresentação de cada artista, aconteceu uma má distribuição dos tempos de fala que foram auto organizadas pela própria turma. Cada artista apresentou seu objeto fazendo relações com sua história de vida e suas escolhas estéticas relacionando-as com o impacto da experiência do território, seja em uma dimensão visual, social ou afetiva. Por meio das apresentações foi revelado ao grupo também, pela primeira vez, um pouco da poética de cada artista. É importante ressaltar que este foi um exercício de construção artística

que dispunha de materiais limitados e portanto uma prática que por vezes levou alguns artistas a experimentarem suas poéticas em suportes não usuais. Ainda assim foi uma oportunidade de integração e troca onde foi possível se aproximar do discurso e das escolhas de cada um.

Estes foram os conceitos acionados pela fala dos artistas durante as apresentações:

Cuidado; fronteira; ocupar os espaços; deslocamento; travessia; transmutar; assombrar as coisas; cruzamento; negritude; ancestralidade; casa; tradição; ancestralidade negra; caminhar; afetações; entorno; colaboração; fluxo; circulação; proteção; coletividade; janelas; pontos de vista; mitologia africana; atravessar barreiras; conexão; cíclico; circularidade; espiral; bifurcação; divisão; meio; rompimento de barreiras; provocação; acidente; perigo; corpo; sustentar; fugir; afastar; caminho; árvore genealógica; grade.

O primeiro eixo de formação da Elã teve um importante papel de criar situações de apresentação e movimentos de reconhecimento e aproximação dos artistas entre si e dos artistas com o território. O nome do eixo foi desdobrado conceitualmente para abarcar e costurar tanto a história de vida dos artistas como a experiência de convívio com o território da Maré. O termo percursos foi então convocado numa dimensão de caminho de vida percorrido trazendo a tona o lugar social dos artistas ao se apresentarem, o exercício de associar o lugar social com as escolhas artísticas e espaços de circulação impactou conceitualmente a formação em todos os eixos até o final dos encontros. A partir desta característica os artistas de imediato criaram um senso de identificação entre si, mesmo que em vários momentos a diversidade da turma tenha se explicitado. Esta similaridade que se sustentou ao longo dos encontros

gira em torno das condições de acesso ao circuito artístico hegemônico, cada artista dentro de sua especificidade, viu na turma alguma condição que historicamente os localiza em uma condição de marginalidade frente ao campo hegemônico da arte, condição assumida discursivamente como periférica, embora seja um termo usado sempre com ressalvas.

A apresentação do território por meio de agentes culturais também foi uma escolha que marcou o rumo dos encontros de formação até o final. A Elã se apresentou aos artistas em seu primeiro eixo sublinhando as implicações políticas e éticas de atuar situadamente, na relação com seu território, e convocou os artistas a reflexão política sobre a importância de ocupar este espaço de formação artística nesta escola com estas características, nas palavras de Pâmela “levar nossas questões para o território e deixar o território trazer questões para nós também”. Entrar na Maré e circular por outros lugares além do Galpão, foi um importante exercício de complexificação do território para além das dimensões narrativas. Para de fato incorporar esta implicação ética e política convocada pelo território não basta estar na Maré, é preciso conhecer a Maré. Por mais que seja apenas por dois encontros e com poucos pontos, tendo em vista o tamanho do Complexo da Maré, ainda assim foi um gesto marcante e importante. Este gesto se intensifica na medida em que essa implicação é convocada não só pela educadora como pelos outros agentes culturais apresentados. Ao conhecer seus trabalhos artísticos e educativos os artistas puderam presenciar como esta implicação toda se materializa em potência de atuação.

Ao final do eixo a proposição de criação foi uma oportunidade de trabalhar todas as questões de forma empírica, equacionando discurso e ação. O formato dos encontros

foi muito dinâmico priorizando a apresentação dos conteúdos por meio de experiências vivenciais e práticas com apresentação de espaços, artistas e educadores que foram agregados pela turma como novas referências. Analisando os conceitos acionados nas apresentações fica muito evidente o impacto dos encontros e dos debates suscitados na fala dos artistas.

Eixo 2 | Corpos

Educadora | Camilla Rocha Campos

1º Encontro

A educadora Camilla iniciou a aula com uma provocação pedindo para que cada um presente na roda dividisse com a turma como ele chega para essa aula. Camilla buscou com esta introdução levantar aspectos sobre o estado do corpo de cada um, como ele se encontra neste momento. Os participantes no geral compartilharam seus ânimos, o que os têm afligido nos últimos dias e como seus corpos respondem às expectativas da aula e da Elã. Essa estratégia de apresentação não só começou a introduzir o tema como criou um ambiente de intimidade entre a educadora e a turma fundamental para o tom de suas aulas, que prosseguiram com muitos exercícios de auto-reflexão.

O corpo foi evocado em sua dimensão histórica na proposição que deu sequência às apresentações. Após uma leitura individual e silenciosa do poema Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo, os artistas escreveram até três palavras em cartolinas dispostas no chão no meio da roda. As palavras mais marcantes do poema na visão de cada um. A partir desta leitura a turma seguiu em debate pensando a importância da palavra, e para além da palavra, a importância da voz. Ao trazer à tona a voz como suporte da palavra, Camilla convocou o corpo ao centro do debate, corpo este qualificado pelo poema de Conceição Evaristo enquanto portador de memórias ancestrais e também desperto para a consciência da transformação e da mudança.

Da discussão emergiram muitos depoimentos que expunham cicatrizes pessoais, quase sempre ligadas aos lugares sociais ocupados por quem se pronunciou. O corpo foi entendido, a partir do debate, como principal terreno deflagrador e destinatário destas marcas sociais históricas. A relação com a historicidade carregada por cada corpo foi debatida e também questionada no que tange ao conceito de tradição. Pensando na produção contemporânea e no exercício de rompimento de paradigmas sociais que pode ser praticado pelas linguagens artísticas, os artistas se questionaram a respeito do valor e do papel das tradições. Diante do desejo de invenção do novo como se relacionar com os saberes tradicionais de forma respeitosa? Como assumir essa historicidade carregada no corpo enquanto potência, sem com isso minguar o ímpeto da transformação? Este questionamento colocou a turma de frente com a responsabilidade de posicionar-se em relação ao que escolhemos perpetuar e ao que desejamos romper, e do desafio de disputar o conceito de tradição com o conservadorismo. Camilla introduziu ao debate o conceito de epistemicídio.

Partindo deste link a segunda referência teórica foi apresentada a turma para um novo debate. O texto *Quem pode falar?* do livro *Memórias da plantação* da autora Grada Kilomba. A educadora apresentou o texto antes da leitura chamando atenção para questões como *quem pode falar?* e *quem pode construir subjetividade?* Para esta leitura Camilla propôs outra dinâmica, voluntariamente cada artista leu um trecho em voz alta na sequência do texto e a turma comentou livremente após cada leitura. Reverberando o conceito de epistemicídio introduzido no debate anterior o texto de Grada Kilomba deflagrou como a linguagem é uma ferramenta de invisibilização de grupos culturais oprimidos, como as palavras carregam sistemas de valores que perpetuam essa opressão mesmo em situações aparentemente corriqueiras e

naturalizadas. O texto também suscitou uma discussão em torno da importância política incutida nas escolhas estéticas, explicitadas no texto por meio das escolhas das palavras e como elas carregam peso simbólico e histórico, mas esgarçada no debate para todo gesto poético, independente da linguagem. Camilla chamou atenção para a construção de estratégias para se proteger ao acessar e redistribuir os traumas.

Finalizando o encontro a educadora provocou a turma a trazer sua voz e suas palavras ao centro das rodas como compromisso estético e político. Na sequência pediu que cada artista escrevesse em um papel o que o encontro o provoca a falar. Os papéis foram dobrados e guardados para o próximo encontro.

2º Encontro

O segundo encontro do eixo Corpos aconteceu no espaço Capacete, centro cultural localizado no bairro da Glória. O cuidado foi o tema ativado ao longo do dia por meio de referências teóricas. Diversas formas de se posicionar politicamente abordando os traumas, no sentido histórico e social, foram debatidas levando em conta a dimensão da auto proteção necessária ao tocar estas questões. Essa temática dialoga diretamente com a poética de alguns artistas da Elã como Jade Maria Zimbra, Anderson Barreto e Thiago Saraiva, que tem pesquisado o cuidado e a cura, seja em dimensões ritualísticas, simbólicas ou pessoais, no contato direto com seu próprio corpo e vivências ou no contato com o outro.

Após o primeiro debate, os artistas apresentaram objetos que haviam sido solicitados pela educadora por e-mail, o chamado dizia para apresentar à turma algo que pudesse

enquanto força e presença somar ao encontro. Todos que aderiram a proposição levaram objetos de cunho pessoal, objetos que de alguma forma revelavam aspectos da suas histórias. O que demonstra a incorporação dos debates do encontro anterior, tendo em vista que o chamamento não explicitava essa característica. Foi possível observar um desejo dos artistas em compartilhar essas personalidades e criar com os objetos um campo de força simbólica em um exercício de auto reflexão. Todas as peças foram reunidas ao centro com os participantes em volta, cada artista voluntariamente apresentou seu objeto.

Guilhermina - Comprimidos para o estômago. Comentou sobre seu cotidiano árduo e o impacto sobre seu corpo físico.

Lucas Araújo - Chaveiro do ex e isqueiro. Ele compartilha seu exercício de coletar objetos variados para realizar obras, os objetos carregam histórias de onde passaram e de quem os pertencia.

Andressa Núbia - Pente garfo. Comentou sobre o uso cotidiano do pente para arrumar seu cabelo black power e como este gesto a conecta com sua família e seu continente mãe, África.

Anderson Barreto - Pequena escultura indígena chilena. Comentou sobre a importância dos objetos carregarem histórias, principalmente quando se trata de culturas e corpos silenciados, a escultura representa um povo indígena dizimado.

Rack - Pequeno caderno de anotações. Comentou sobre sua dificuldade de escrever e como este é um problema que perpassa toda sua família. Ao mesmo tempo escolheu o caderno por ser onde deposita suas ideias e com isso ele acredita que o objeto carrega uma energia de criação.

Beatriz Brito - Livro *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus. Comentou sobre sua recente pesquisa em termos de representatividade negra e como isso tem acionado questões novas sobre seu próprio comportamento por ser uma pessoa tímida.

Jade Maria Zimbra - *Quartzo verde*. A artista apresentou seu interesse no cuidado/cura ancestrais manifestos como matéria e como sabedoria técnica de manipulação desta matéria. Atentou para a valorização da cultura de terreiro e da relação com a natureza.

Cruz - *Chave de casa*. Comentou sobre sua relação com sua casa onde produz e com seu território, a Maré.

Alex Reis - *Fotografia dos pais*. Comentou sobre sua dificuldade de acessar memórias de família e como isso impacta em sua construção de subjetividade.

Lucas Ururah - *Skate*. Comentou como o skate é para ele um símbolo de mobilidade. Sendo morador de Sepetiba, o skate foi o disparador de sua relação com o Rio de Janeiro. Simbolicamente também representa a relação entre o medo e a coragem.

Após as apresentações a turma retornou para mais um debate com texto. A importância da coletividade foi abordada como estratégia de cuidado a partir do texto *As ilusões do cuidado* de Bonaventure Soh Bejeng Ndikuong. O cuidado foi compreendido enquanto uma prática social e coletiva, que pode ser manifestada de forma concreta com ações efetivas e impactos reais, para além do campo simbólico. Tal prática é convocada pelo texto como enfrentamento e alternativa à cultura ocidental calcada na posse e no domínio. Como último exercício a turma leu os textos escritos no encontro anterior e escreveu novamente que tipo de atravessamento o encontro provocou.

O segundo eixo da Elã abordou o corpo em suas dimensões discursivas. O corpo histórico, o corpo político, o corpo coletivo, o corpo subjetivo. Os encontros buscaram auto reflexões e fomentaram uma tomada posicionamento crítico dos artistas diante da latência dos discursos que já habitam seus corpos. A educadora partiu de referências decoloniais e afrocentradas, marcando seu lugar de fala. A condução dos debates e os exercícios de desdobramento dos textos possibilitaram a expansão dos temas apresentados pelos autores. Camilla criou um ambiente de segurança e intimidade com abertura para cada artista construir e acessar questões próprias, que nem sempre perpassaram pelas relações raciais. A todo momento a educadora se dirigiu a turma como coletivo, usando a primeira pessoa do plural, nós, compreendendo que as referências partiam de reflexões raciais mas com objetivo de lidar com todos os discursos subalternizantes e seus atravessamentos, o que reforçou ainda mais a identificação da turma, sem deixar de reconhecer as particularidades e diferenças presentes.

As aulas contribuíram para a tomada de consciência sobre a discursividade que cada corpo carrega, e sua implicação coletiva e social. Como nossos corpos carregam a história de outros corpos, seja por nossa cor, nosso gênero, nossos gestos, nossa voz. Mais do que este exercício de reflexão, as aulas apresentaram uma possibilidade de ação que avança a partir desta compreensão. O cuidado e a cura foram introduzidos e trabalhados com sentido maior do que de autopreservação, foram evocados e potencializados como ferramenta de enfrentamento aos discursos normatizadores dominantes, chamando também a atenção para a responsabilidade de reposicionar-se frente a estes discursos, ou seja ressaltando a importância de ações que vão além das denúncias.

Eixo 3 | Materialidades

Educadora | Sallisa Rosa

1º Encontro

A educadora Sallisa Rosa abriu a aula se apresentando à turma como artista indígena, compartilhou logo de início seu papel dúbio frente ao circuito artístico no que tange à sua identidade cultural. Por ser indígena urbana, Sallisa tem sua identidade constantemente questionada o que dá a artista um caminho bastante singular no circuito. Ora questionada por suas referências indígenas, ora questionada por adotar linguagens ocidentais. Na sequência a educadora pediu para cada artista se apresentar comentando sobre sua pesquisa, com foco nos suportes e meios com os quais vem trabalhando. Cada artista apresentou brevemente sua pesquisa, em alguns casos foi possível notar a mudança de discurso motivados pelos debates dos encontros anteriores, principalmente nos artistas que trabalham a partir ou sobre o corpo, uma ampliação da compreensão sobre o que é suporte ficou evidente na apresentação dos Irmãos Brasil, por exemplo. Uma valorização ainda maior da cultura negra e a maior incorporação da ancestralidade como matéria de trabalho também pode ser observada na fala de muitos artistas.

Após as apresentações a educadora introduziu a temática do eixo e como seria sua abordagem, afirmando que não tem formação artística convencional e por isso não pretende ensinar técnicas de forma alguma. Sallisa dividiu com a turma suas definições de arte e suas estratégias de escolhas que, por sua formação cultural, partem de outras formas de se relacionar com os objetos, construindo por vezes outros tipos de simbólicos que compreendem, inclusive, uma instância que chama de mágica. Em sua compreensão arte é antes de tudo um caminho. Um processo que está atrelado a vida, sem separação, para a artista e sua cultura a arte permeia tanto a vida que em sua língua, por exemplo, não existe tradução para esta palavra, assim como não existe na maioria das línguas indígenas. A materialidade tem para ela valores culturais tradicionais que se diferenciam da arte ocidental. A carga simbólica já está atrelada à matéria em sua visão, não se trata portanto de um deslocamento conceitual, e sim de um respeito a ancestralidade, e criar arte parte também do desejo de compartilhar esse sistema de códigos e valores. Por tanto não há separação entre arte, culto, ensino, trabalho.

Após situar a turma em seu sistema de códigos, que por si só já gerou questões ricas para o debate, a educadora partiu de sua experiência recente de residência artística na Bolsa Pampulha para conduzir as reflexões e debates da aula. Durante a residência Sallisa provocou a instituição ao propor como obra o ato de plantar mandioca coletivamente. Além do plantio, a artista propôs uma mandioca como obra a ser incorporada a um acervo de instituição pública de arte como produto da residência. A materialidade neste caso é compreendida desta forma alargada. Sallisa falou à turma da importância do gesto de plantar mandioca para sua cultura, como carrega traços históricos e políticos que reencarnam a luta e a resistência cultural indígena. Para além de um simples gesto simbólico a obra instaura uma coletividade e vivência que se dá durante o ato praticado coletivamente. Ao narrar os momentos manifestos em presença durante os plantios Sallisa expande e desafia com a turma a definição de materialidade, em um conceitualismo estético que une espiritualidade, tradição e

valores simbólicos interculturais, na medida em que se abre ao diálogo, tanto durante a obra quanto ao retomar a experiência em narrativa.

A oferta da mandioca como obra aqueceu com a turma um debate em torno dos limites institucionais, tendo em vista a dificuldade alegada pelas instituições em conservar este tipo de objeto em seus acervos. Sallisa tensiona esses limites ao expor a ineficácia das instituições ao lidar com perspectivas não ocidentais de relação com os objetos. A mandioca de Sallisa expõe duas compreensões de preservação, uma praticada pelos acervos que consiste em guardar objetos, e outra praticada pela artista por meio da vivência que conserva valores culturais. Aparentemente o discurso de Sallisa pode parecer desvalorizar o objeto frente ao ato em si, o que poderia soar contraditório à temática da aula. Contudo neste estudo de caso foi justamente o objeto que disparou as crises colocando o sistema ocidental de valoração dos objetos em perspectiva .

Partindo destas reflexões o debate levou a questionamentos sobre os limites institucionais do Galpão Bela Maré por parte dos artistas. Dúvidas e enfrentamentos a respeito de posicionamentos antigos da instituição e também sobre possíveis censuras ou restrições referentes ao teor das obras que os artistas futuramente exporiam na exposição final da turma foram levantadas. Temáticas como violência e nudez foram diretamente abordadas. O educativo, que no momento representava a instituição, levantou importantes pontos a respeito dos públicos que frequentam o Galpão, convocando ao engajamento com as pessoas, que não necessariamente significa um tutelamento ou direcionamento da produção artística de cada um, lembrando aos artistas da possibilidade que a experiência da Elã proporciona que consiste em conhecer a instituição antes de expor nela. Sallisa também chamou a atenção da turma

valores simbólicos interculturais, na medida em que se abre ao diálogo, tanto durante a obra quanto ao retomar a experiência em narrativa.

A oferta da mandioca como obra aqueceu com a turma um debate em torno dos limites institucionais, tendo em vista a dificuldade alegada pelas instituições em conservar este tipo de objeto em seus acervos. Sallisa tensiona esses limites ao expor a ineficácia das instituições ao lidar com perspectivas não ocidentais de relação com os objetos. A mandioca de Sallisa expõe duas compreensões de preservação, uma praticada pelos acervos que consiste em guardar objetos, e outra praticada pela artista por meio da vivência que conserva valores culturais. Aparentemente o discurso de Sallisa pode parecer desvalorizar o objeto frente ao ato em si, o que poderia soar contraditório à temática da aula. Contudo neste estudo de caso foi justamente o objeto que disparou as crises colocando o sistema ocidental de valoração dos objetos em perspectiva .

Partindo destas reflexões o debate levou a questionamentos sobre os limites institucionais do Galpão Bela Maré por parte dos artistas. Dúvidas e enfrentamentos a respeito de posicionamentos antigos da instituição e também sobre possíveis censuras ou restrições referentes ao teor das obras que os artistas futuramente exporiam na exposição final da turma foram levantadas. Temáticas como violência e nudez foram diretamente abordadas. O educativo, que no momento representava a instituição, levantou importantes pontos a respeito dos públicos que frequentam o Galpão, convocando ao engajamento com as pessoas, que não necessariamente significa um tutelamento ou direcionamento da produção artística de cada um, lembrando aos artistas da possibilidade que a experiência da Elã proporciona que consiste em conhecer a instituição antes de expor nela. Sallisa também chamou a atenção da turma

para contrapartidas que podem ser criadas para os públicos, tendo em vista esse engajamento. Ao final do encontro a turma realizou um exercício de observação e coleta de objetos na rua. A prática individual ajudou a interiorizar o encontro e os conteúdos discutidos, lançando novos olhares sobre as coisas e seus lugares de uso.

O primeiro encontro do eixo materialidades politizou as escolhas dos suportes das obras. A educadora apresentou novos pontos de vista e definições para o campo da arte, numa mirada decolonial, a partir de sua cultura e seu lugar social de indígena urbana. A materialidade foi compreendida como possível campo de disputa social, política e cultural. A partir do problema trazido em seu estudo de caso, a educadora conduziu um importante debate sobre institucionalidades e como operar tensionamentos a partir de escolhas estéticas. Mais que provocar, a educadora convocou a turma a atuar contra hegemonicamente dentro da instituição. Sallisa apresentou uma via de crítica que passa por conhecer os códigos institucionais para daí provocá-los. Essa fala foi importante para apresentar novas frentes críticas, tendo em vista uma postura anti institucional muito recorrente entre alguns artistas da turma observada desde o primeiro encontro. É importante não cercear o teor crítico da turma, orientações como esta ajudam a elaborar este ímpeto crítico para além das falas e ações que por vezes tomam contornos ingênuos.

2º Encontro

Para o segundo encontro do eixo materialidades a educadora solicitou que os artistas organizassem uma apresentação para compartilhar seus processos criativos, o que têm trabalhado nos últimos tempos suas referências, as apresentações poderiam

ocorrer em qualquer formato. Durante as apresentações Sallisa fez comentários agregando conceitualmente as escolhas de cada artista e apresentando referências que dialogam com as pesquisas, a turma também fez contribuições. A materialidade foi o mote das observações e das falas. Por volta de metade da turma conseguiu se apresentar por conta do tempo, o que gerou uma situação delicada pois não houve arranjo possível para organizar outro encontro para os demais artistas se apresentarem, ainda que a educadora tenha se disponibilizado a retornar para o fechamento.

Mesmo que apenas parte da turma tenha conseguido mostrar suas pesquisas, o encontro foi muito importante para criar novas aproximações entre os artistas. Foi a primeira oportunidade dentro da Escola dos artistas conhecerem os trabalhos uns dos outros. Até então as pesquisas foram apenas citadas narrativamente em suas temáticas. Ver os trabalhos ajudou a criar outros arranjos e relações entre a turma que pode se identificar criando novas redes a partir de poéticas afins.

Eixo 4 | Conceitos

Educador | Rafa Éis

1º Encontro

O primeiro encontro do eixo se iniciou com uma investigação em torno da palavra conceito. O educador propôs que cada artista contribuísse com palavras e definições em torno do termo em cartolinas espalhadas pelo chão com carvão. A proposta ajuda a criar uma base comum de discussão, conhecer as distâncias e proximidades das compreensões, discutir, debater e negociar limites que interessam a turma. Este é um bom exercício de coletividade que fortalece o grupo, compartilhar usos de conceitos e formular definições coletivamente são exercícios de aproximação estratégicos para o fortalecimento de rede. Conforme a proposição foi sendo realizada alguns artistas empenharam gestos mais performáticos sobre o suporte disponibilizado. Os artistas

demonstraram desejo em manifestar seu discurso de forma menos narrativa com gestos por vezes impetuosos. Isto levou ao levantamento de um debate no qual a turma questionou o educador sobre a importância do conceito para a criação artística. Confrontado após afirmar a importância dos artistas, sobretudo os periféricos, dominarem os discursos que circulam hegemonicamente no circuito artístico, o educador provocou o grupo a pensar na produção de contradiscursos e de estratégias de movimentos que surpreendam o óbvio, subvertendo o que é esperado deles, pontuou exemplos próximos como Rafael Bqueer e Yhuri Cruz.

Dando sequência ao debate Rafa Éis apresentou uma série de referências teóricas de autores negros, com exceção de um texto de Hegel, neste caso o texto foi usado como exemplo do tipo de construção de discurso histórica que fortaleceu uma visão pejorativa e racista na construção da intelectualidade ocidental. A metodologia de compartilhamento das referências foi a distribuição de fragmentos a serem lidos em ordem aleatória. Dentre os autores se encontravam Hakim Bey, Patricia Hill Collins, Djamila Ribeiro, Hegel, Renato Nogueira, Yhuri Cruz, Djonga, Lélia Gonzalez, Bell Hooks, Abdias Nascimento e o próprio Rafa Éis. Destacarei o trecho que mais rendeu para o debate e que de alguma maneira conduziu a leitura dos outros.

“Quando começaram a jogar o futebol por aqui, os negros não podiam derrubar, empurrar, ou mesmo esbarrar nos adversários brancos, sob pena de severa punição: os outros jogadores e até os policiais podiam bater no infrator” (Soares, 1999, p. 134-135). Pois bem, diante desse cenário a hipótese que se popularizou foi simples, jogadores negros precisaram encontrar novos espaços e maneiras de conduzir a bola que evitassem que eles esbarrassem nos brancos e fossem punidos. Como os jogadores negros não podiam tocar nos jogadores brancos, a hipótese foi o surgimento do drible como alternativa para que os jogadores negros pudessem se movimentar em campo. O drible, neste caso, é uma invenção negra. No entendimento de Mário Prata (1998), o drible é uma determinada transposição dos passes e ginga do samba para o interior das quatro linhas do jogo de futebol.”

Renato Nogueira

A ideia de drible seguiu como norteadora da discussão conduzida pelo educador em torno das estratégias possíveis de posicionamentos e discursos que contornem as estruturas hegemônicas de valor que beneficiam artistas brancos, héteros, cis e privilegiados e suas epistemologias. Um convite a ressignificar os conceitos e trabalhar novas referências compreendendo como ação ativista o gesto de renomear ou resgatar conceitos a partir de novas centralidades oriundas de culturas não dominantes.

2º Encontro

Para o segundo encontro o educador propôs um exercício de escuta ativa a partir das obras dos artistas da turma. Cada um escolheu um trabalho para expor a turma, seja com a presença física do objeto, seja como apresentação no projetor, era importante para o exercício que a obra se apresentasse como imagem a ser observada, sem descrições prévias. A partir da observação da obra cada participante escreveu uma palavra em um pequeno papel a ser entregue ao artista. A turma se encontrava em círculo e o artista da vez se posicionava a frente de todos e ao lado de seu objeto ou imagem. A dinâmica aconteceu silenciosamente, sem nenhum tipo de apresentação. Ao final a turma, os artistas e o educador comentavam as palavras. O encontro seguiu até que todos os artistas participassem. Ao longo do dia houveram algumas adaptações para ajustar o tempo de discussão empenhada para cada obra.

Apesar da recorrência de apresentações das obras e pesquisas dos artistas, esta dinâmica operou um deslocamento importante. O discurso desta vez partiu das obras primeiramente. A observação sem filtros de linguagem verbal põe à prova as intencionalidades e a densidade crítica das obras. Os artistas entram em contato com novos olhares sobre suas criações amadurecendo suas poéticas de forma coletiva. Este exercício mais uma vez fortalece a turma enquanto coletivo fomentando a criação de uma cena artística pois constrói leituras críticas que tiram proveito da diversidade que compõe o grupo e ao mesmo tempo propõe debates que negociam e compartilham essas leituras criando alguma unidade e identidade.

O eixo Conceitos ratificou a postura decolonial até agora trabalhada pela Elã e provocou os artistas na implicação de seus discursos nas obras. Esta foi uma importante virada para os debates ocorridos até então, pois retoma a importância das obras, depositando nelas a responsabilidade de portar ou dar abertura para a criação de qualquer discurso.

Eixo 5 | Agenciamentos

Educadoras | Luiza Mello e Marisa Mello

1º Encontro

As educadoras do eixo Agenciamentos colaboraram com o projeto da Elã desde sua idealização por meio da Produtora Automática, parceira junto ao Galpão Bela Maré e EAV Parque Lage neste projeto. A primeira aula do eixo foi deslocada para o Parque Lage, o que acarretou no esvaziamento da turma por parte dos artistas, tal qual a aula realizada no Capacete. A partir de uma demanda identificada pelas educadoras ao longo do projeto, a primeira aula abordou como tema a definição, criação e usos dos portfólios artísticos. Contudo, antes de desenvolver o tema principal as educadoras mapearam junto a turma o conceito de agenciamento e seus empregos no campo das artes visuais.

O debate inicial começou com o indagamento do significado da palavra agenciamento. Algumas definições foram trazidas com base no verbete de dicionário e em uma perspectiva sociológica do termo. A definição mais aceita e debatida girou em torno da ideia de um trabalho realizado, pelo próprio artista ou por um agente externo, para aumentar a visibilidade e acesso das obras em um ou mais circuitos das artes, uma metáfora usada foi a iluminação, ou seja, agenciar seria de alguma forma lançar luz ao trabalho de um artista, nesta perspectiva tudo que se faz para circular as obras. Foi ressaltada a importância do conhecimento sobre os códigos do circuito para melhor realizar o agenciamento, mesmo diante do intuito de subvertê-los. Os artistas compartilharam suas estratégias de auto agenciamento bem como mapearam os

agentes agenciadores pelos quais seus trabalhos já circularam, compreendendo, inclusive, o papel das instituições, de ensino ou não, neste trabalho. Este foi um ponto nitidamente mais amadurecido de relação com as instituições, que até então foram descritas por parte da turma de maneira muito distanciada e por vezes caricata, sem contudo, perder o tom crítico que lhes é bem próprio e muito importante, tendo em vista o desejo expresso de toda turma por transgredir, ou ao menos transformar o circuito, no que se refere às estruturas dominantes de poder já postas.

O tema disparou importantes reflexões sobre mercado de arte e sustento. Os artistas manifestaram suas dúvidas sobre editais, galerias, coleções e outras formas de arrecadação financeira. O debate foi conduzido pelas educadoras de maneira bastante franca sem deixar de ser encorajadora, com generosidade na partilha de informações e experiências no campo. Estes temas despertaram bastante atenção e entusiasmo por parte da turma, de certa forma, essas curiosidades vieram a tona em praticamente todos os eixos anteriores. Neste encontro as institucionalidades e meandros próprios ao campo das artes visuais foram trabalhados pelas educadoras de forma direta e pragmática, sem perder o viés crítico característico das aulas. Os próprios artistas também compartilharam suas experiências e fontes de informação sobre abertura de editais, residências, chamadas para exposição, entre outros. O debate caminhou para o encerramento com a reafirmação da importância do artista buscar sua profissionalização em suas formas de se apresentar, o que não significa se enquadrar ou direcionar sua produção para o mercado.

Para introduzir a discussão sobre os portfólios as educadoras apresentaram uma série de exemplos com múltiplos formatos. A turma conheceu as apresentações de artistas

de diferentes linguagens e interesses. A medida em que os portfólios eram apresentados todos ressaltaram aspectos interessantes com ênfase nas escolhas do formato, e como, em alguns casos, se construiu um diálogo entre a apresentação e a poética. Ao longo da aula Marisa e Luiza introduziram algumas questões técnicas como a qualidade das imagens, o tamanho do arquivo, quantidade de texto, autoria dos textos, levando sempre em consideração que não existe um padrão a ser obedecido, mas algumas tendências podem ser observadas.

Na sequência, e já munidos de base referencial, a turma analisou os próprios portfólios enviados para a Elã na inscrição e usados para a seleção de suas vagas. Cada caso foi avaliado separadamente e coletivamente, a turma junto às educadoras ajudaram a criar novas soluções para aprimorar as apresentações. Foi possível notar mais intimidade da turma com as pesquisas de cada artista ali presente, o que enriqueceu muito as análises, cada artista teve seu portfólio analisado com respeito e compreensão às escolhas. As educadoras conduziram o encontro de forma acolhedora onde não houve aparente retraimento ou insegurança ao mostrar os portfólios, mesmo que alguns estivessem num estágio mais desenvolvido que outros. A partir das observações dos arquivos foi possível também chegar em exercícios importantes de auto compreensão das próprias produções como a criação de categorias dos próprios trabalhos, séries, edição da produção, o que é válido ser mostrado, ou seja, como realizar essa curadoria da própria produção.

A aula articulou tópicos de todos os eixos anteriores abrindo espaço para debates com implicações muito diretas no cotidiano dos artistas e exercícios críticos com muita aplicabilidade. As soluções foram construídas com respeito às diversidades,

identidades e intencionalidades de cada artista. As educadoras buscaram se relacionar com a turma com base na troca sem posturas hierárquicas sem deixar também de compartilhar sua longa experiência de atuação.

2º Encontro

O último encontro do ciclo formativo de aulas da Elã se dedicou à prática e ao pensamento expográfico em uma dimensão formativa compartilhando os códigos e fazeres necessários e já provocando ao encaminhamento de decisões referentes à exposição final do curso. Como estudo de caso as educadoras trouxeram algumas edições do Travessias, uma série de exposições de arte contemporânea realizadas pela produtora Automática no Galpão Bela Maré. As educadoras apresentaram todas as funções de todos os agentes necessários para a realização de uma exposição de grande escala, explicando a atuação de cada um em uma apresentação organizada que foi posteriormente compartilhada com a turma.

Além das funções, Luiza e Marisa também abriram as ferramentas de organização interna da produção dividindo detalhes como orçamento, etapas de pré e pós produção, logísticas, estratégias de comunicação e divulgação, organização de catálogo, captação de recursos entre outros. Os estudos de caso apresentaram um panorama conceitual e prático desde a idealização do projeto até sua conclusão. O educativo também apresentou suas etapas de trabalho, Jean, que colabora com diferentes funções desde a primeira edição do Travessias, contou como construíram estratégias de relação entre exposição e públicos e como a pesquisa e a prática foram se desenvolvendo ao longo das edições desde quando o educativo trabalhava por

projeto de exposição, até o estabelecimento da equipe continuada do Galpão Bela Maré, como existe hoje. A conversa situou os artistas no processo de realização de exposições, nos âmbitos institucionais, conceituais e de produção ampliando a consciência nas tomadas de escolhas futuras com maior domínio das etapas.

Dando sequência ao encontro as educadoras discutiram as possibilidades de montagem da exposição de acordo com os planos de cada artista. Diante de um teto de orçamento limitado algumas ideias foram debatidas em suas reais possibilidades de realização. Também se levantaram algumas ideias e acordos para a abertura da mostra.

O eixo Agenciamentos teve um importante papel de dar vazão a dúvidas e questionamentos que visivelmente afligiam a turma desde o primeiro encontro. Os compartilhamentos ajudaram a construir autonomia e amadurecimento dos artistas frente a circulação de suas obras auxiliando na tomadas de decisões e busca por inserção profissional, por meio de conteúdos com aplicabilidade direta na carreira. Os estudos de caso, tanto dos portfólios, quanto das exposições, seguidos de análises das práticas dos próprios artistas possibilitaram uma ampliação de repertório que levou aos artistas a identificarem seus problemas e levantarem possíveis viradas e soluções, em construções coletivas que novamente fomentam e fortalecem uma identidade dos artistas da Elã.

Descrição

Observação do desenvolvimento da turma durante as aulas levando em consideração os seguintes pontos: como se relacionaram com os temas e com os professores; que tipo de engajamento e entrega as aulas suscitaram da turma; como a postura da turma se modificou ao longo do projeto; como se distribuiu entre a turma a participação ao longo das aulas - existe um protagonismo marcado por alguns sujeitos ou todos se sentem a vontade para se manifestar?

Principais objetivos

Este relatório visa registrar o desenvolvimento da turma, quais são os principais desafios do projeto e que tipo de impacto na produção teórica, discursiva e artística pode ser observado ao longo das aulas.

Um grande desafio enfrentado desde o segundo encontro da Elã foi a frequência dos artistas durante as aulas. Tendo em vista a construção pedagógica processual, considero este o maior agravante do projeto. Foi notável a ausência de alguns sujeitos no decorrer das aulas o que dificultou a qualidade das discussões em muitos momentos e acarretou numa menor participação destes, ou numa desqualificação na formação mesmo quando estavam presentes. Muitos educadores utilizaram metodologias que partiam da construção e negociação de conceitos chaves com a turma, a perda destes momentos por vezes levou ao retrocesso de temas antes debatidos, prejudicando o andamento do processo de construção de pensamento.

A Elã tem como princípio oferecer formação para artistas em condições subalternas frente ao circuito hegemônico, o que torna a questão delicada. Por um lado podem existir uma série de justificativas plausíveis para tais ausências, e é também papel da Escola compreender que cada realidade produz uma possibilidade de frequência, por outro lado é válido ressaltar que existiram estratégias de permanência como bolsa auxílio, lanche e disponibilidade de espaço e tempo antes das aulas para trazer sua própria refeição. Ao longo dos encontros o educativo utilizou várias abordagens para sensibilizar a turma em relação ao comprometimento com o projeto, das mais sutis às mais diretas. Para evitar constrangimentos em nenhum momento os artistas foram diretamente, ou individualmente cobrados por suas faltas, por isso se desconhece a natureza dos motivos. Contudo é sabida a participação dos artistas em eventos simultâneos aos encontros, em não raros episódios. A pouca pontualidade também foi um fator dificultoso para os educadores no geral, o que acarretou em prolongamentos do tempo das aulas. É válido ressaltar que todos os dias os espaços estavam organizados pontualmente.

Um grupo grande, cerca da metade ou um pouco mais da turma se manteve praticamente em todos os encontros. Como nenhum artista de fato desistiu da formação, o que aconteceu foi mais da ordem da oscilação de frequência, não atribuo ao teor ou qualidade das aulas. Faltou-se por ser possível faltar sem se preocupar com nenhum tipo de cobrança, o que de fato não deveria ser uma preocupação do projeto tendo em vista que é uma formação voltada para adultos, contudo se tornou um grande desafio e por isso é válida, até necessária, alguma ferramenta de controle de frequência para não gerar injustiças entre os participantes e principalmente para não desperdiçar a oportunidade de outros artistas frequentarem a Elã. Entendo que exista um pudor no enrijecimento no controle da frequência, a rigor não combina em nada com a pedagogia da escola, contudo frente a uma oferta tão potente de formação gratuita com uma equipe que se esforça cotidianamente para permanência da turma se torna injusto que artistas menos comprometidos ocupem a vaga de potenciais participantes.

A relação estabelecida com os educadores foi muito potente. Em todos os casos a turma acolheu e foi acolhida estabelecendo trocas e interlocuções diretas e tranquilas, com espaços para dissensos e contribuições mútuas. Os artistas se sentiram convidados a compartilhar suas referências que foram ouvidas e trabalhadas ao longo dos encontros. Considero um ponto altíssimo da Elã a escolha dos educadores que compreenderam bem as especificidades dos artistas e mergulharam no desafio de construir com a turma uma prática e pensamento artístico crítico, anticolonial, descentralizado, disruptivo e contra hegemônico. A Elã ampliou o repertório de referências no campo da arte ao apresentar os educadores, quase sempre artistas, à turma e os educadores ampliaram ainda mais seus repertórios com as referências teóricas e artísticas apresentadas nas aulas. Os educadores foram constantemente citados pela turma em diversos debates, com destaque para Sallisa Rosa, o que já demonstra a construção de uma relação de referência.

Ainda que a turma tenha se encantado com todos os conteúdos apresentados nas aulas foi possível notar em dois eixos uma frustração em relação ao formato, no eixo Corpos e no eixo Materialidades. Embora as duas educadoras tenham trabalhado com proposições práticas, uma em escrita e outra em percurso/caminhada, muitos artistas esperavam por exercícios menos discursivos, e formatos mais diversos de aula. Esta expectativa pode ter sido gerada pelas aulas do eixo Percursos que apresentaram dinâmicas e espaços variados. A aula seguinte, eixo Corpos, foi o encontro com maior espaço para referências teóricas textuais, o que gerou um quebra de expectativa, por conta do nome do eixo. O mesmo ocorreu com o eixo seguinte, Materialidades, criou-se um anseio por proposições de caráter menos discursivas que não foi cumprido. A frustração veio à tona na primeira aula do eixo Conceitos, quando os artistas, para a surpresa do educador, desenvolveram gestos bastante enfáticos durante suas proposição. Com muita desenvoltura Rafa Éis conduziu o debate dando vazão ao ímpeto crítico dos artistas, resultando em um encontro potente.

Ao longo dos encontros foi possível notar uma participação mais ativas de alguns artistas em comparação com outros, principalmente dentro do grupo que mais frequentou os encontros. Ainda assim houveram aqueles que frequentaram e pouco participaram e aqueles que pouco frequentaram mas participaram ativamente nos dias em que estavam presentes. Este é um desafio comum a todo grupo de formação, pois diz respeito não só aos estímulos e proposições realizadas pelos educadores, mas também fatores individuais de cada artista como insegurança, timidez. É válido ressaltar que, em termos pedagógicos, participação é um espectro maior e mais complexo, ou seja, o fato de alguns artistas realizarem menos intervenções ou comentários não significa que não participaram ou que participaram menos. Isso pode ser atestado no fato de artistas que pouco falaram durante as aulas mas que frequentaram quase integralmente a Escola, além disso foi possível notar o engajamento nas proposições. Esse é o caso de Ramon Silva, Gabrielle dos Santos, Beatriz Brito, e Cristine Jones, oi por exemplo. Entretanto, essa não é uma argumentação que encerra o desafio de melhor distribuir as falas. Principalmente numa Escola que investe na potência da diversidade é muito importante que os debates se capilarizem e amplifiquem em mais vozes para enriquecer e encorpar ainda mais a formação. As metodologias das aulas são os espaços a serem trabalhados para enfrentar este desafio, ou ao menos provocar alguma fricção . Formatos de debates abertos tendem a criar protagonismos de fala daqueles que se sentem mais a vontade para falar. Não invalido o formato aberto, pois ele cria um fluxo interessante de construção de pensamento e costuma render boas reflexões rapidamente, contudo diante da tendência, que foi observada desde o primeiro encontro, à pouca distribuição das intervenções de fala pode-se investir em formatos de debate que convoquem os pronunciamentos com alguma organização mais assertiva. Essa diversidade e experimentação dos formatos é interessante não só para fomentar as falas como para criar mais engajamento e interesse da turma, criando sempre novos estímulos.

O teor dos conteúdos trabalhados nas aulas diversas vezes abordou questões como lugar social, lugar de fala e histórico de vida dos artistas, isso é totalmente coerente com o projeto da Elã que investe na formação artística a partir dos sujeitos, e gerou reflexões importantes para a turma, ao mesmo tempo este investimento deve gerar uma atenção redobrada à alguns pontos. Pelo menos dois tipos de tendências geradas desta abordagem devem ser observadas. A primeira é a tendência à hierarquização dos lugares de fala, mesmo que toda a turma se identifique de alguma forma como sujeito subalternizado ou periférico frente ao circuito hegemônico da arte, existem dentro das histórias pessoais uma enorme gama de diversidade de condição social. Quando se abordam temas como trauma social, por exemplo, é necessário ficar atento à tendência de alguns sujeitos se desautorizarem a falar, cito como exemplo os artistas Manaíra e Lucas Ururah. Estes são temas centrais que caracterizam a Elã, e não devem deixar de ser abordados de forma alguma, o que aponto aqui são cuidados necessários a condução deste tipo de formação que por ser contra hegemônica necessita mesmo de cuidado e atenção redobrado aos sujeitos. É na condução da aula que se deve investir energia neste quesito, não nos temas. É necessário um estado de atenção contínuo no andamento da aula, embora os educadores tenham construído métodos e empregado abordagens generosas nas participações da turma com respeito à sua pluralidade, o fato de cada um só dispor de dois encontros dificulta esse tipo de diagnóstico por parte deles. Se faz necessário uma pessoa que conduza essa atenção em todas as aulas, independente do educador, alguém que auxilie nesta condução e atue junto ao educador e à turma com mais intimidade por acompanhar por mais tempo. Desta forma esse sujeito que acompanha a turma pode provocar mais atentamente determinados artistas com foco tanto na costura dos debates quanto nas participações.

A segunda tendência é o foco nas histórias pessoais e condições sociais em maior escala que na produção artística destes sujeitos. É muito importante a consciência de que quem fala algo, fala de seu lugar, e trabalhar este lugar de fala é imprescindível para qualificar os discursos dos artistas, discursos estes que os ajudarão a criar estratégias de inserção de sua produção de forma madura e responsável, com menos riscos de cair em armadilhas conceituais ou mercadológicas. A Elã atuou de forma muito potente neste sentido e foi notável o amadurecimento de discurso em artistas como Rack, Irmãos Brasil, Camila Camiz e Mulambo, para ficar com os exemplos mais evidentes, pois creio que todos os artistas que frequentaram as aulas agregaram conhecimento neste quesito e deslocaram o olhar sobre a própria produção em algum sentido. Contudo, por se tratar de uma escola para artistas, esse empenho deve direcionar a mesma força para a produção artística. Se por um lado é importante pensar de onde se fala, é igualmente importante pensar sobre o que se fala e como se fala (compreendendo metaforicamente o termo fala como toda forma de produção artística).

Descrição

Análise da participação da equipe do educativo do Galpão Bela Maré no projeto da Escola, desde a concepção até a execução.

Principais objetivos

Analisar o impacto da participação do educativo no projeto com atenção aos seguintes pontos: como e onde mais contribuíram durante o projeto; as expectativas foram cumpridas; que tipo de relação a equipe estabeleceu com a turma.

O educativo do Galpão Bela Maré, composto por Jean Carlos Azuos e Érika Lemos Pereira, esteve presente em todos os encontros da Elã. Os dois educadores desempenharam a ponte entre os artistas e a Escola, realizando todas as comunicações necessárias presencialmente ou online, via email ou whatsapp. Foram o canal de comunicação e o principal ponto de apoio da turma durante todo projeto. Desenvolveram uma relação de proximidade e confiança promovendo a acolhida necessária para a turma se sentir a vontade no Galpão. Foi papel do educativo também a organização das aulas numa dimensão mais pragmática, organização dos espaços, recolhimento de documentos, contato com os professores, organização dos materiais quando necessário, organização dos arquivos de referências e documentos online, lista de frequência e demais questões cotidianas fazendo todos os encontros fluírem sem problemas operacionais. Estes detalhes ajudam muito a fortalecer a relação dos artistas com o Bela, é imprescindível para a criação de vínculo com a instituição que haja esta organização e principalmente que haja a presença dos educadores construindo essa relação e representando a instituição.

Para além da organização e comunicação, Jean e Érika contribuíram com os debates colaborando com pontos de vista instigantes e problematizações importantes. Sua experiência com o território e com os públicos do Bela também produziram importantes reflexões para as aulas. Existe no educativo um potencial de acompanhamento pedagógico mais assumido e com mais autonomia, para além do acompanhamento de produção. Ainda que o educativo tenha contribuído com importantes avaliações durante as aulas, não existia assumidamente esse papel. Um trabalho de mediação com a turma e os educadores pode trazer boas soluções para a problemática das participações e engajamentos dos artistas, além disso o educativo pode provocar

amarrações conceituais entre os eixos tendo em vista que participaram de praticamente todas as etapas do projeto.

Em seu ponto de vista o educativo se queixa de acumular muitas funções de produção, o que os sobrecarrega, pois executam em seu cotidiano de trabalho outros projetos do Galpão Bela Maré, além da Elã. No que diz respeito ao planejamento pedagógico da Escola os preocupa uma ausência de acompanhamento da produção dos artistas, o que acarreta numa maior dificuldade no momento da montagem da exposição. Gostariam de ampliar a Escola para formação de outros agentes do campo da arte como críticos, curadores, educadores. Embora tenham participado de muitas etapas de planejamento da Elã, o educativo sente seu trabalho muito reduzido ao operacional e deseja uma Escola mais participativa em seus processos internos.

Para fortalecer o projeto da Elã enquanto escola é muito importante valorizar o trabalho cotidiano em sua dimensão pedagógica e fortalecer os vínculos entre os artistas e o Bela. O educativo certamente é indicado para trabalhar este fortalecimento pois já atua no cotidiano e demonstrou muito potencial de relação com a turma e alto grau de envolvimento e dedicação com o projeto.

Descrição

Este ponto de observação é complementar ao terceiro ponto com fins conclusivos de análise global dos ciclos de aula.

Principais objetivos

Analisar e registrar o desenvolvimento da turma de forma mais diretamente comparativa entre o ingresso na Escola e o final do ciclo de aulas. Observar como os conceitos e referências foram assimilados ao final das aulas, que tipo de apropriação foi feita e como o processo contribuiu para o desenvolvimento artístico, compreensão do campo e produção de discurso da turma.

Como é natural em todos os processos de formação, a turma se desenvolveu em níveis diferentes. Existe uma sensível distância entre os artistas que frequentaram o curso em sua totalidade e aqueles que interromperam a frequência. Durante a aula de portfólios foi possível observar o amadurecimento do discurso sobre o próprio trabalho, assim como as preocupações e responsabilidades em torno da forma como se apresentam ao circuito. O exercício foi muito estratégico para a percepção deste tipo de desenvolvimento em cada um dos artistas, pois disparou reflexões e dúvidas tanto sobre a própria produção quanto sobre o campo da arte, e principalmente sobre a inserção e circulação de sua produção no circuito. Como os portfólios foram enviados para a seleção do curso, a análise realizada ao final do ciclo de aulas é uma boa ferramenta para avaliação da aprendizagem.

Em relação ao formato do portfólio praticamente todos os artistas manifestaram de cara o desejo de aprimoramento, essa insatisfação já mostra um salto de maturidade. Contudo, o que gostaria de destacar são os artistas Mulambo, Alex Reis, Irmãos Brasil e Camila Camiz, por exemplo, que questionaram suas próprias escolhas no que se refere aos partidos conceituais que apresentam seus trabalhos. Os questionamentos se voltaram principalmente ao conteúdo dos textos que acompanham as obras, ou que apresentam o artista, mas também para as categorias que escolheram para ordenar as pesquisas no portfólio. Estes são diagnósticos importantes certamente influenciados pelos debates proporcionados pela Elã, levando em consideração que o mote do curso foi *O nome que a gente dá às coisas*. Isso significa que as aulas qualificaram a produção discursiva e conceitual dos artistas sobre as próprias obras. Artistas como Arcasi Lopes e Talita Nascimento, que apresentaram expressiva baixa de frequência

mas que estavam presentes nesta aula, tiveram outra qualidade de apresentação, certamente com menos questionamentos e reflexões se comparado aos outros artistas.

Outra sensível mudança de postura observada foi a relação dos artistas com as instituições de arte. Se a princípio alguns deles demonstravam posicionamentos muito defensivos, por vezes anti-institucionais, ao final das aulas foi possível notar uma virada. Não que a turma tenha apaziguado essa relação, ou superado as críticas, o que se notou foi um olhar mais atento e disposto a compreender a gama de características, atuações, intencionalidades e posicionamentos que as diferenciam. Diferente de rejeitar as instituições, o discurso se mostrou mais como desejo de jogar por dentro e negociar diálogos quando conveniente. Lembrando que nenhum dos artistas de fato adotava atitudes anti-institucionais, a grande maioria já havia passado por outras instituições de formação ou de exibição, muitos inclusive reconheceram a importância de atuar nesses espaços durante a primeira apresentação no primeiro encontro, portanto se tratava menos de um ativismo e mais de uma manobra discursiva. A manobra continua existindo, o que de fato não é um problema, mas a argumentação ganhou mais complexidade. Todos os eixos abordaram as institucionalidades de alguma maneira, mas os eixos Materialidades e Conceitos promoveram muitas reflexões neste sentido se debruçando sobre essa relação com mais intensidade no sentido de jogar com a instituição e também fortalecendo a ideia de ocupar os espaços politicamente. Destaco os artistas Cruz e Lucas Araújo como exemplos dessa reflexão e qualificação de argumentação.

Em relação as produções apresentadas na exposição, poucos artistas exibiram novidades. Um grande número apresentou obras que já existiam antes da formação. A

apresentação de uma nova obra não foi em momento algum uma exigência, ainda assim é válido analisar esse resultado. Durante o ciclo de aulas houveram poucos espaços de trabalho direcionados à prática artística, e os exercícios propostos tiveram um caráter mais narrativo, de apresentação das obras. Para fomentar o desenvolvimento dos trabalhos é importante pensar em mais estímulos à criação durante toda a formação. Este é um desafio que talvez se responda com a ampliação no número de encontros, pois não há neste projeto um eixo de aula que seja substituível ou modificável, da mesma forma o conteúdo das aulas seria prejudicado caso os educadores incluíssem exercícios práticos. Outra possibilidade seria repensar o formato do ateliê aberto agregando algum tipo de acompanhamento mais periódico e escalado com presença dos artistas organizada e previamente acordada. Para isso seria necessária ampliar o período que ele acontece também. Ainda assim gostaria de destacar alguns artistas que apresentaram obras com saltos estéticos ou poéticos, experimentando novos meios, novas organizações ou novas escalas de trabalho, são eles Anderson Barreto, Cruz, Thiago Saraiva, Lucas Assumpção e Camila Camiz, válido ressaltar também, todos estes com boa frequência nas aulas.

Além das obras a exposição exibiu uma pequena biografia de cada artista que acompanhava os objetos ao lado das legendas. Os textos foram desenvolvidos pelos artistas com Marisa durante o período do ateliê aberto. Analisando a formação de maneira geral a organização desse texto foi um bom resultado final. A Elã se mostrou como uma escola que parte do sujeito e sua experiência de mundo para a elaboração de narrativas e discursos estéticos e políticos postos em diálogos conscientes e responsáveis com o circuito da arte contemporânea brasileira. Sendo assim, é totalmente coerente com a formação que a exposição exiba a biografia dos artistas no

lugar de um texto crítico da obra, que costuma ser mais usual, evidenciando o interesse do projeto em apresentar os artistas para o público. A construção da biografia pode parecer um exercício simples mas exige sérias tomadas de decisão em relação a forma como cada artista deseja se projetar, que tipo de informação deve aparecer no texto e com qual relevância, além do mais, a escrita demanda compreensão de sua poética e trajetória. Somado à importância do exercício, objetivamente o texto de apresentação é de grande serventia aos artistas em suas carreiras. É válido pensar, ainda assim, que para o público da exposição existe um risco de leitura que associa diretamente dados biográficos às obras, como o texto é a informação mais próxima e mais direta se torna um exercício quase natural. Essa associação não é uma regra, é uma escolha de cada artista.

Descrição

Processo de avaliação coletivo desenvolvido com a turma ao final dos ciclos de aula.

Principais objetivos

Compreender o impacto do projeto do ponto de vista dos próprios participantes. Investigar que tipos de atravessamentos foram promovidos pelas aulas, levando em conta a relação com os professores, equipe do educativo e entre a própria turma. Investigar como os participantes compreendem seu próprio desenvolvimento.

Durante a avaliação coletiva os artistas foram ouvidos a partir de três dimensões do projeto, de forma mais pragmática em relação à organização da Escola, em relação aos eixos e seus educadores, e numa linha mais geral sobre o projeto da Elã como um todo. O encontro foi realizado entre a turma, o educativo e a avaliadora.

A turma considerou o edital de chamamento simples e claro, no geral não houveram ressalvas. Apenas uma artista compreendeu mal a quantidade de aulas, pois confundiu o período do ciclo de aulas com o período integral do projeto. Todos consideraram um ponto alto da seleção a realização das entrevistas, pois democratiza o acesso ao projeto.

O horário de início das aulas, 13h, foi considerado cedo. Muitos artistas alegaram dificuldade de deslocamento o que dificulta sua organização com o horário do almoço. É válido lembrar que o Bela disponibilizou seu espaço para esquentar refeições caso os artistas quisessem.

Um ponto crítico da avaliação foi sobre as aulas deslocadas para outros espaços, no caso a aula 2 do eixo Corpos ocorreu no Capacete, e a aula 1 do eixo Agenciamentos ocorreu no Parque Lage. Os artistas questionaram o deslocamento em dois sentidos. O primeiro por serem dois endereços em direção à zona sul, Glória e Jardim Botânico, o que aumenta o tempo do trajeto da maioria dos artistas. O segundo questionamento partiu dos artistas que participaram destas aulas, lembrando que nos dois casos houve um sensível esvaziamento da turma. Os artistas não se contentaram com o que foi chamado por eles como ocupação meramente simbólica destes espaços. O fato de estarem presentes nestes lugares, segundo eles, não é uma provocação política

suficiente, pois não se sentiram interagindo com as instituições. Se perceberam apenas usando os espaços em sua dimensão física, sem criar nenhum tipo de relação. O que soou como uma contrapartida institucional. A turma se apresentou disposta a se deslocar, mesmo que para a zona sul, caso isso faça sentido na formação, do contrário apenas gera transtornos. Mais especificamente, sentiram falta da educadora Camilla Rocha Campos apresentar o Capacete e compartilhar com a turma o que acontece no espaço, tendo em vista que é colaboradora. Gostariam de se sentir mais convidados a frequentar. Igualmente no Parque Lage gostariam de ter a oportunidade de se formar com a EAV e seus professores assim como interagir com seus programas de formação. Nos dois casos os artistas gostariam de aproveitar a chance para se apresentar aos espaços e construir redes profissionais.

A comunicação foi considerada boa, mas os processos de pagamento da bolsa foram criticados pelo excesso de burocracia. O valor da bolsa também foi questionado. Ainda assim, a maioria dos artistas não consideraram a possibilidade de realizar a formação sem o auxílio, por conta dos gastos com passagem e alimentação. A turma se sentiu muito apoiada pelo educativo nas questões de ordem prática.

Eixos

Percursos

A identificação foi o fator que mais cativou a turma neste eixo, tanto em relação à educadora, que todos consideraram uma pessoa com o perfil próximo aos deles, quanto com o território, e com a própria turma, tendo em vista que foi a primeira aula da

formação, ou seja o momento em que os artistas se conheceram. A turma se sentiu a vontade ao se perceber entre pares, deixando de lado a postura defensiva que, segundo alguns artistas, normalmente é adotada em situações de grupo, seja em ambientes de formação, seja em ambientes profissionais, no circuito das artes visuais. Começar o curso conhecendo o território foi um gesto importante que contribuiu para o pertencimento com o projeto, ver corpos mais próximos aos deles lhes ampliou o estado de acolhimento já instaurado pela composição da turma. A turma destacou o fato de Pamela ter apresentado pessoas e espaços de referência dentro da Maré, valorizando as histórias e reconhecendo nelas potência. Nas palavras da turma este primeiro encontro humanizou os sujeitos que ali estavam. Um fator a ser melhor trabalhado foi a distribuição do tempo durante as proposições.

Corpos

A ancestralidade em seus desdobramentos teóricos e poéticos foi o grande ponto alto deste eixo na visão da turma. A valorização das narrativas pessoais em relação com as referências apresentadas convocou os artistas a olharem para sua história com mais responsabilidade política e mais engajamento. Outro ponto ressaltado foi o debate em torno das negociações com o circuito artístico, frente a estas responsabilidades. A turma valorizou a condução das discussões por parte de Camilla, que a todo momento ampliou e complexificou as questões em voga, com apontamentos críticos mas sem julgamentos simples.

Uma questão apontada com veemência foi a expectativa de proposições mais performáticas, a turma sentiu falta do corpo em sua dimensão física e espacial. A

importância das referências e construção de pensamento sobre o corpo não foi negada ou rejeitada, contudo existia o desejo por uma abordagem menos discursiva, sentiram falta de ação. Outra expectativa que se viu frustrada foi a interação com o Capacete enquanto instituição. Os artistas não se sentiram apresentados ao espaço, tão pouco convidados a frequentar.

Materialidades

O ponto alto deste eixo foi a relação com a educadora Sallisa Rosa, os artistas se sentiram a vontade e instigados devido sua postura que a todo tempo se colocou como artista. Esta relação de artista para artista criou uma identificação e proximidade da turma com Sallisa. O fato da artista trazer para o debate acontecimentos pessoais muito recentes e referências de artistas jovens também contribuiu para essa intimidade.

Embora novamente os artistas tenham sentido falta de mais ação nas proposições, gostaram da abordagem imaterial sobre o conceito de materialidade. Ainda assim tinham a expectativa de ver e conhecer materiais novos neste eixo. A ideia de criação de táticas frente ao circuito artístico também foi valorizada.

A turma sentiu falta de organização no planejamento das aulas, sobretudo na apresentação das referências. Diante da proposição de apresentação na qual metade da turma não conseguiu mostrar sua pesquisa por falta de tempo, a turma alegou que não se importaria que nem todos se apresentassem se isso fosse determinado previamente por uma provocação que fizesse sentido na aula, da forma como aconteceu soou injusto.

Conceitos

Este eixo foi considerado por muitos artistas da turma como as melhores aulas. A abordagem os surpreendeu, tendo em vista que já estavam um pouco saturados do formato das aulas anteriores. Os artistas apreciaram a forma como as referências foram apresentadas com implicações diretas. Os conceitos ganharam aplicabilidade. A turma sentiu o educador muito aberto às suas demandas e disposto a adaptar seu planejamento. Foi neste eixo que os artistas se aproximaram das produções uns dos outros.

Agenciamentos

O compartilhamento dos códigos e meios de produção profissionais foi muito construtivo e contribuiu com um tipo de conhecimento e informação que, na visão da turma, eles dificilmente teriam acesso. Os artistas consideraram o eixo fundamental para construir uma visão mais ampliada do campo artístico, tomando ciência de etapas e procedimentos que fazem parte do trabalho do artista para além da produção e pesquisa poética. O ponto alto foi a análise dos portfólios, onde a turma pode receber feedbacks diretos e dicas de aprimoramento. Conhecer o projeto Travessias também foi citado positivamente.

A turma gostaria de ter mais aulas deste eixo, considerou o tempo curto e gostariam de ter se aprofundado mais em questões técnicas. Sobre o momento de construção da

de escola. Numa possível ampliação do projeto se interessam por se aproximar de mais artistas, com possíveis visitas a ateliês, e curadores, respeitando a representatividade da turma. Desejam continuar o contato com o Bela e como possível desdobramento da Elã, gostariam de realizar um projeto de residência artística no Galpão.

Descrição

Analisar a participação da turma no desenvolvimento e execução da exposição final do projeto, observando como questões emergentes das aulas foram apropriadas e trabalhadas no processo curatorial.

Principais objetivos

Analisar como a exposição se apresenta em relação aos ciclos de aula, que tipo de memória do processo pedagógico ela carrega. Analisar o protagonismo da turma na construção teórica e discursiva da mostra. Analisar como a turma compreende e constrói relações entre suas produções artísticas.

A Elã compreende a montagem da exposição final como processo de formação dos artistas igualmente aos ciclos de aula, e por isso convocou a participação de todos em todo processo de montagem. No total foram 10 encontros em formato de aula, com presença obrigatória de toda turma. Após os ciclos de aula se iniciou o período de ateliê aberto, no qual os artistas foram convidados a produzir suas obras no espaço do Galpão Bela Maré. Neste período também foram arranjados os espaços da exposição, e negociados os detalhes de produção e montagem, dentro das possibilidades apresentadas pelo espaço expositivo e do orçamento. Marisa e Luiza, junto ao educativo, organizaram esta etapa presencialmente em diálogo direto com os artistas. Não existiu uma escala previamente definida da participação dos artistas, investindo no poder de auto gestão de produção e auto organização de cada um.

O comprometimento dos artistas com a presença foi novamente uma questão para esta fase da Elã, boa parte da turma esteve ausente durante o período de ateliê aberto, mesmo com convocatórias realizadas várias vezes. Marisa e Luiza se disponibilizaram muitos dias para a orientação técnica da montagem dos trabalhos, ainda assim a participação ficou aquém do esperado. O desejo da Escola de construção coletiva de partidos curatoriais para a mostra ficou prejudicado diante da presença sucinta da turma. Muitos artistas perderam o fôlego em suas produções, manifestaram desejos e intenções muito mais ousadas e elaboradas quando foram indagados no último encontro do ciclo de aulas. Contudo, no momento de realizar a obra entregaram objetos muito mais simples do que pretendiam. Este foi o caso de Jade Maria Zimbra, Teodora Aya Ibeji, Manáira Carneiro, Rack e Andressa Núbia, para ficar com alguns exemplos. É válido ressaltar que existiu uma bolsa auxílio especificamente para a realização do projeto para a exposição, o que descarta uma possível justificativa

financeira. Neste exercício de adaptação da ideia para a realização da obra é comum que hajam mudanças de proporção, faz parte da formação profissional dos artistas se defrontarem com os desafios postos pelo espaço, orçamento, materialidade e montagem das obras, sobretudo os artistas que têm menos experiência com exposições. Contudo o que destaco aqui se trata de retraimentos bruscos como o caso de Núbia, que pretendia realizar uma instalação com realidade virtual manifestando interesse em experiências imersivas e acabou apresentando algumas fotografias impressas.

Diante deste tipo de movimentação inesperada por parte da turma, se faz necessário pensar um espaço maior de construção da exposição em fórum ainda obrigatório. Propor exercícios críticos entre os artistas para fomentar a criação de relações entre eles que partam de suas poéticas, para isso é preciso dedicar mais tempo se debruçando sobre as obras. Comprometer os artistas uns com os outros para tirar um pouco a dimensão puramente individual que tomou a produção das obras e da exposição por parte da turma. Implicar a turma nos partidos curatoriais é um exercício muito importante ainda mais frente a um ciclo de aulas que lidou tão intensamente com os conceitos e nomeações em suas dimensões políticas e estéticas. Este exercício também pode ser interessante para trazer à tona os debates suscitados nas aulas de forma mais explícita.

A montagem final da exposição se apresentou com muita qualidade mesmo dentro dos desafios descritos acima. No final do projeto não houveram desistências, entre diferentes escalas de entrega e comprometimento é muito importante destacar que todos os artistas participaram com ao menos uma obra para a exposição e participaram da montagem.

BE

LA